



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE ARQUITETURA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO**

VANESSA ALVES CORDEIRO

**A CABEÇA PENSA QUE SABE,
MAS É A MÃO QUE ALEMBRA O CAMINHO**

Salvador
2023

VANESSA ALVES CORDEIRO

**A CABEÇA PENSA QUE SABE,
MAS É A MÃO QUE ALEMBRA O CAMINHO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia (PPGAU/UFBA) como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Arquitetura e Urbanismo. Linha de Pesquisa: Processos Urbanos Contemporâneos.

orientadora: Thaís Troncon Rosa

Salvador
2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade Federal da Bahia (UFBA)
Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI)
Biblioteca da Faculdade de Arquitetura (BIB/FA)

C794

Cordeiro, Vanessa Alves.

A cabeça pensa que sabe, mas é a mão que alembra o caminho
[manuscrito] / Vanessa Alves Cordeiro. – Salvador, 2023.

140 p. : il.

Cópia de computador (*printout(s)*).

Dissertação – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de
Arquitetura, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e
Urbanismo, Mestrado em Arquitetura e Urbanismo. 2023.

Orientadora: Profa. Dra. Thaís Troncon Rosa.

1. Memória coletiva. 2. Mulheres do campo. 3. Geografia cultural.
4. História oral. I. Rosa, Thaís Troncon. II. Universidade Federal da
Bahia. Faculdade de Arquitetura. III. Título.

CDU: 39-055.2:911.3



Ata da sessão pública do Colegiado do PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO (PPG-AU), realizada em 25/05/2023 para procedimento de defesa da Dissertação de MESTRADO EM ARQUITETURA E URBANISMO no. 1, área de concentração Urbanismo, da candidata VANESSA ALVES CORDEIRO, de matrícula 2020101837, intitulada A cabeça pensa que sabe, mas é a mão que alembra o caminho. Às 18:00 do citado dia, Sala virtual <http://meet.google.com/asa-qbkg-qit>, foi aberta a sessão pela presidente da banca examinadora Prof^ª. Dra. THAIS TRONCON ROSA que apresentou os outros membros da banca: Prof^ª. Dra. GABRIELA LEANDRO PEREIRA, Prof^ª. Dra. CINTIA GUEDES BRAGA e Prof^ª. Dra. RENATA MOREIRA MARQUEZ. Em seguida foram esclarecidos os procedimentos pela presidente que passou a palavra à examinada para apresentação do trabalho de Mestrado. Ao final da apresentação, passou-se à arguição por parte da banca, a qual, em seguida, reuniu-se para a elaboração do parecer. No seu retorno, foi lido o parecer final a respeito do trabalho apresentado pela candidata, tendo a banca examinadora APROVADO COM DISTINÇÃO o trabalho apresentado, sendo esta aprovação um requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre. Em seguida, nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão pela presidente da banca, tendo sido, logo a seguir, lavrada a presente ata, abaixo assinada por todos os membros da banca.

Dra. RENATA MOREIRA MARQUEZ, UFMG

Examinadora Externa à Instituição

Dra. CINTIA GUEDES BRAGA, UFBA

Examinadora Externa ao Programa

Dra. GABRIELA LEANDRO PEREIRA, UFBA

Examinadora Interna

Dra. THAIS TRONCON ROSA, UFBA

Presidente

VANESSA ALVES CORDEIRO

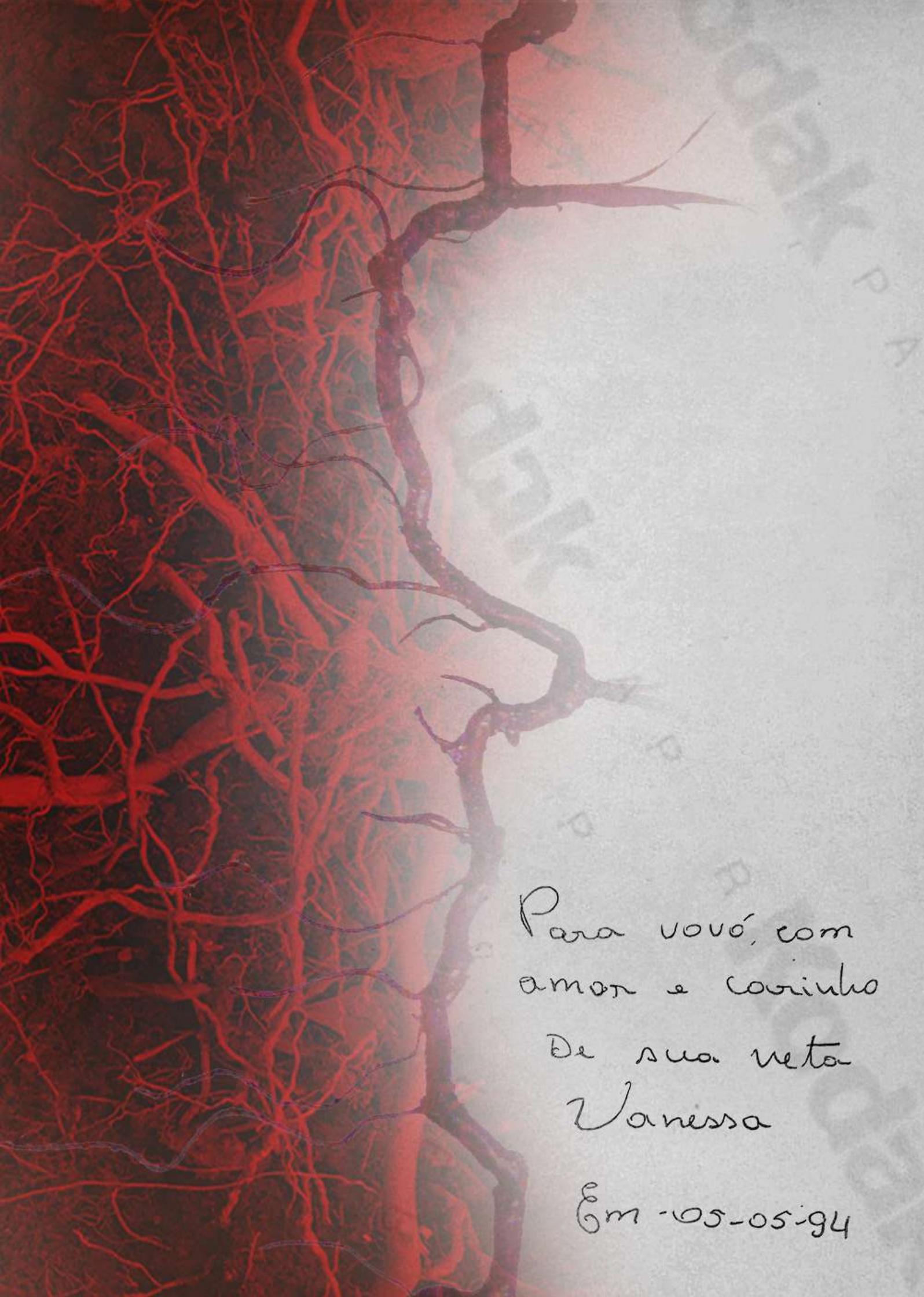
Mestrando(a)

a bença minha vó¹



¹ Algumas vozes acompanham este texto. Na versão digital elas podem ser ouvidas clicando nas palavras que contém o link (sublinhadas e destacadas em negrito e cor de terra). Na versão impressa é possível ler o QR Code no canto da página ou digitar os links descritos em nota de rodapé em um navegador.

Pra ouvir a voz de minha vó, acesse: <https://on.soundcloud.com/8rDXz>



Para vovó, com
amor e carinho
De sua neta
Vanessa

Em -05-05-94

Antes de tudo, agradeço ao Programa de Bolsas Milton Santos pela concessão da bolsa que viabilizou esta pesquisa. É com muito deleite que encho a boca pra dizer que me sustento do legado desse grande pesquisador encantado.

A bença, seu Milton!

CORDEIRO, Vanessa Alves. **A cabeça pensa que sabe, mas é a mão que lembra o caminho**. 2023. 140 p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2023.

RESUMO

Este trabalho deseja tensionar a produção de conhecimentos dentro das universidades, disputando narrativas a partir de histórias de mulheres sertanejas que evidenciam geografias de poder em diferentes escalas. No ajuntar das memórias de minha mãe e minha vó às minhas próprias, numa produção de conhecimentos em comunidade, cuido de abrir espaço pra firmar um chão epistemológico e as alianças que quero fortalecer dentro e fora da academia. Juntas somos testemunhas de temporalidades e territorialidades alargadas - desde os anos 1940, de pequenas cidades dos sertões cearense e piauiense, a grandes capitais brasileiras como Fortaleza, São Paulo e Salvador. Para conduzir esta pesquisa, ou me deixar ser conduzida por ela, ajuntei nossas memórias a partir do material documental e arquivístico que elas contém em si e nos diversos papéis, fotográficos ou não, que conservaram, compondo um acervo a partir da presença, do encontro, do corpo, da oralidade e de fragmentos materiais que lhes dão suporte. A construção metodológica foi indisciplinada, sendo traçada a cada passo em um caminho intuitivo conduzido pelos afetos. As desconstruções metodológicas e desestabilizações epistemológicas são fundantes de um trabalho tão intimamente implicado como este. E a partir dessas memórias migrantes, trato de redes de cuidado, fazeres e práticas cotidianas que tecem a vida e excedem a perspectiva de trabalho, reprodutivo ou não, direito à terra e territorialidades mais-que-humanas. Perceber estas questões pela perspectiva de mulheres sertanejas dá ao campo dos estudos urbanos referências da diversidade de modos de fazer e habitar territórios Brasil adentro que foram achatados pela história única e os quais o cânone não ajuda a compreender.

Palavras-chave: metodologias desobedientes. linguagem. sertões. memórias migrantes. mais-que-humanos.

CORDEIRO, Vanessa Alves. **La cabeza cree que sabe, pero es la mano la que recuerda el camino.** 2023. 140 p. Disertación (Maestría en Arquitectura y Urbanismo) Programa de Posgrado en Arquitectura y Urbanismo, Universidad Federal de Bahía, Salvador, 2023.

RESUMEN

Este trabajo pretende tensionar la producción de conocimiento dentro de las universidades, disputando narrativas basadas en las historias de las mujeres del monte que destacan geografías de poder en diferentes escalas. Al juntar las memorias de mi madre y abuela con las mías, en una producción de conocimiento en comunidad, cuido de hacer espacio para establecer un suelo epistemológico y las alianzas que quiero fortalecer dentro y fuera de la academia. Juntos somos testigos de temporalidades y territorialidades extendidas - desde la década de 1940, desde pequeñas ciudades en el interior de Ceará y Piauí, hasta grandes capitales brasileñas como Fortaleza, São Paulo y Salvador. Para conducir esta investigación, o dejarme conducir por ella, reuní nuestras memorias a partir del material documental y de archivo que contienen en sí mismas y en los diversos papeles, fotográficos o no, que conservaron, componiendo una colección a partir de la presencia, del encuentro, del cuerpo, de la oralidad y de fragmentos materiales que las sustentan. La construcción metodológica fue indisciplinada, trazándose a cada paso en un camino intuitivo conducido por los afectos. Las deconstrucciones metodológicas y las desestabilizaciones epistemológicas son fundacionales para un trabajo tan íntimamente implicado como éste. Y a partir de estas memorias migrantes, me ocupo de las redes de cuidados, los haceres y las prácticas cotidianas que tejen la vida y desbordan la perspectiva del trabajo, reproductivo o no, el derecho a la tierra y las territorialidades más-que-humanas. Entender estas cuestiones desde la perspectiva de las mujeres del campo da referencias al campo de los estudios urbanos sobre la diversidad de formas de hacer y habitar los territorios en Brasil que han sido aplanados por la historia única y que el canon no ayuda a comprender.

Palabras clave: metodologías desobedientes. lenguaje. backlands. memorias migrantes. más-que-humanos.

CORDEIRO, Vanessa Alves. **The head thinks it knows, but it is the hand that reminds the way.** 2023. 140 p. Dissertation (Master in Architecture and Urbanism) Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2023.

ABSTRACT

This work intends to tension the production of knowledge within universities, disputing narratives based on the stories of women from the Sertanejo countryside that highlight geographies of power on different scales. By bringing together my mother's and grandmother's memories with my own, in a production of knowledge in community, I am trying to make room to establish an epistemological ground and the alliances that I want to strengthen inside and outside the academy. Together we are witnesses of extended temporalities and territorialities - from the 1940s, from small towns in the backlands of Ceará and Piauí, to large Brazilian capitals like Fortaleza, São Paulo, and Salvador. To conduct this research, or let myself be conducted by it, I gathered our memories from the documental and archival material that they contain in themselves and in the various papers, photographic or not, that they kept, composing a collection from the presence, from the encounter, from the body, from orality, and from material fragments that support them. The methodological construction was undisciplined, being traced at each step in an intuitive path led by affections. Methodological deconstructions and epistemological destabilizations are foundational to a work as intimately implicated as this one. And from these migrant memories, I deal with care networks, doings, and daily practices that weave life and exceed the perspective of work, reproductive or not, land rights, and more-than-human territorialities. To understand these issues from the perspective of women from the countryside gives the field of urban studies references to the diversity of ways of making and inhabiting territories in Brazil that have been flattened by the single history and which the canon does not help to understand.

Keywords: disobedient methodologies. language. backlands. migrant memories. more-than-humans.

SUMÁRIO

CHÃO	
fé cega, facão amolado	19
carrego na boca uma língua bifurcada como uma vereda	25
caminho acumulando poeira fina na planta dos pés	38
uma cumbuca, um balaio, um aió	
CASA	41
memória-mato aberta a facão	51
“comprei com meu dinheiro! minhas coisa, aos pouquim véi”	54
“tinha dinheiro não, sempre foi na casa dos otro”	60
“fiz tudim, uma pra cada um”	
TERRITÓRIO	71
“bordando ponto a ponto nosso dia-a-dia”	77
escrevo enquanto ouço o piado dos pardal	86
a fartura sempre foi de gente	
FACÃO-AGULHA-CANETA	94
facão-agulha-caneta	103
“e vai sirví pra quê?”	
RASTROS	119
rastros	127
guianças	134
vozes	140



chão

fé cega, facão amolado
não pergunto mais pra onde vai a estrada²

Este texto é um esboço de reflexões instigadas por um corpo em movimento de retorno à Casa³. Voltar pra Casa depois de uma década, ativou saberes adormecidos, nutriu interesses antigos e desatou meu processo de escrita. Sendo assim, brevemente contextualizo os desvios que me trouxeram a este trabalho. Em março de 2020, me mudei pra Salvador para começar o mestrado no Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFBA. No mesmo mês, no entanto, as atividades presenciais das universidades, assim como de diversos setores, foram suspensas por tempo indeterminado em razão da pandemia de COVID-19. Na UFBA, essa conjuntura resultou na instauração de um Semestre Letivo Suplementar remoto, iniciado em agosto do mesmo ano, e na recomendação de suspensão das pesquisas de campo.

Inicialmente sem bolsa de estudos e sem perspectiva de retorno às atividades presenciais, voltei temporariamente pra casa dos meus pais em Piripiri, interior do Piauí, cidade na qual me criei. Tornou-se, então, recorrente que as referências trazidas nas disciplinas da pós despertassem memórias de família e com elas uma série de reflexões sobre os contextos históricos e geográficos, urbanos ou não, nas quais estavam inseridas. Os álbuns de família, que sempre foram um fascínio, passaram a ser curiados entre uma aula remota e outra, e neles passei a ver detalhes prenhes de informações, e de vida, que me pareciam de tudo novas, mas que sempre estiveram ali.

² referência à música *Fé cega, faca amolada* (1975), de Milton Nascimento e Beto Guedes.

³ Maria Gabriela Hita (2014) sugere a diferenciação dos termos *casa* e *Casa*, expressando espaço físico e grupo doméstico, respectivamente. *Casa* contém, aqui, então, ambos os significados em uma única palavra. No decorrer do texto, adoto como padrão a grafia de acordo com os significados sugeridos pela autora.

quando eu falo Casa, com C maiúscula, eu nem me refiro à arquitetura, nem à família. eu faço referência é a algo expandido, aos pé de manga e de caju, às fogo-pagô, os gato de quintal e ao mormaço, quase sólido, entre o b-r-o-bró e o inverno.

essa é minha Casa

Em meio às memórias, foi sendo gestado o desejo de seguir o rastro das trajetórias migrantes de minha mãe e minha vó em busca de histórias que dizem de universos socioespaciais outros quando confrontadas com o que predomina na literatura dos estudos urbanos brasileiros. Com bastante sensibilidade, Thais Rosa, como orientadora, me instigou a perceber esse processo como pesquisa em curso e indicou a possibilidade de mudança do tema da dissertação⁴. Acolhi a ideia já que a cisma era irrefutável: queria me voltar pras contradições de um campo de conhecimento que historicamente foi cristalizado por perspectivas que não dão conta da pluriversalidade do território brasileiro.

À vista disso, ensaio neste trabalho tensionar a produção de conhecimentos dentro da universidade disputando narrativas que predominantemente foram escritas a partir de perspectivas de homens cisgênero, brancos, da classe social dominante, inscritas em geografias de poder que se desenham em diferentes escalas (MASSEY, 2008): do Norte Global pro Sul; do Sudeste pro Brasil adentro; das capitais pro interior. Mobilizo as memórias de minha vó, minha mãe, e as minhas próprias, no desejo de abrir espaço pra perceber o chão epistemológico de que partem as elaborações de pensamento que

⁴ Entrei no mestrado interessada em tensionar as políticas institucionais que impactam o cuidado de bebês e crianças na cidade, pretendendo estabelecer interlocução com as feministas do Coletivo de Mulheres do Calafate, em Salvador, das quais ainda precisava me aproximar a partir de amigas em comum. Naquele momento, a meu ver, pensar o cuidado e a cidade através de uma perspectiva interseccional e com atenção às dinâmicas dos “nanoterritórios”# me permitiria, de algum modo, contribuir para as disputas em torno das políticas públicas das quais muitas mulheres mães e cuidadoras dependem.

tenho costurado em coletividade. Juntas somos testemunhas de temporalidades e territorialidades alargadas - desde os anos 1940 à contemporaneidade, de pequenas cidades dos sertões cearense e piauiense, a grandes capitais brasileiras como Fortaleza, São Paulo e Salvador. Acredito que essa mudança de perspectiva dá ao campo dos estudos urbanos referências da diversidade de modos de fazer e habitar territórios que foram achatados pela história única (ADICHIE, 2019) e os quais o cânone não ajuda a compreender.

Para conduzir esta pesquisa, ou me deixar ser conduzida por ela, venho reunindo nossas memórias a partir do material documental e arquivístico que elas contém em si e nos diversos papéis, fotográficos ou não, que conservaram, compondo um acervo a partir da presença, do encontro, do corpo, da oralidade e de fragmentos materiais que lhes dão suporte. A construção metodológica tem caminhado por veredas tortuosas, se furtando seguir uma rota rígida, sendo traçada a cada passo em um caminho intuitivo conduzido pelos afetos (GUERRERO ARIAS, 2010).

O corpo deste texto é segmentado, tão fragmentário quanto tem sido o processo de pesquisa e de escrita. Que nem vi Dionne Brand (2022) fazer no livro *Um mapa para a porta do não retorno*, aqui reúno vestígios, rastros e resíduos. Vou fiando argumentos e os corto de tanto em tanto com dizeres que são meus, que me foram ditos pelas⁵ que me acompanham nesta pesquisa, ou trazidos da música, da literatura, da poesia e de tantos outros cantos. E peço logo que não se apresse, mirmã, que o nosso entendimento vai se construindo é de poquim em poquim. Talvez cê não se atine de primera, mas mais pra frente você perceba os padrões e a intencionalidade das minhas escolhas nesta escrita. Acho importante informar que sou parte

⁵ Ao longo do texto utilizo a flexão de gênero no feminino quando em referência a um coletivo, no desejo de não reproduzir a herança patriarcal na qual o masculino opera como universal. Sobre desconstrução linguística, ver “Carta da autora à edição brasileira” de Grada Kilomba (2019) em *Memórias da Plantação*.

da primeira geração da família e do território em que eu cresci a entrar nas universidades e a fazer pesquisa científica e isso tem uma relação muito estreita com o trabalho que vem narrado aqui, que não é só meu, é de muitas.

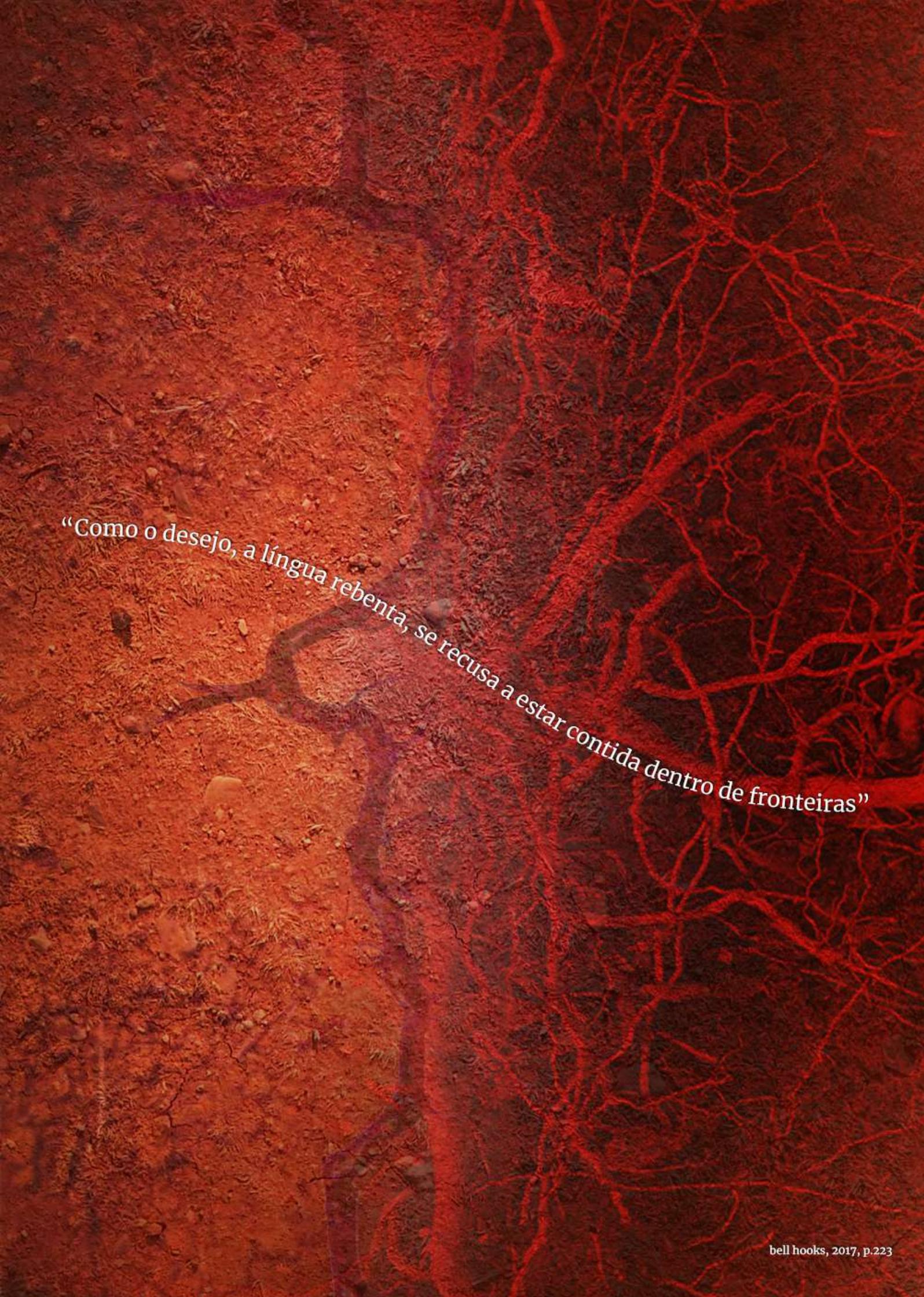
bell hooks (2017), sem rodeio, assume que raras vezes a teoria é fruto de um processo tão individual como parece⁶ e que, na verdade, ela frequentemente nasce é dum envolvimento nosso com fontes coletivas. Eu sei disso por demais porque o tanto que eu já troquei com as companheiras do grupo Margear e tantas outras que já tão aqui no meio deste texto, não vai sempre referenciado. Nesta dissertação num tem pretextual, que tudo já é texto; num tem agradecimento, que quem me acompanha tá comigo nele intero; num tem nem dedicatória que é ele todo dedicado, no corpo dele e no meu, às minhas. E quando eu falo *minhas*, usando esse pronome possessivo traiçoeiro, né de ser dona de nada não, é dizendo de quem eu quero aliança, é de quem me têm amor, com quem eu desejo me compromissar perenemente.

Pra dar forma a esta dissertação, ajuntei os fragmentos em blocos de textos. No primeiro, *chão*, abro picada caçando conversa sobre as várias tensões que o produzir conhecimentos dentro da universidade traz, especialmente quando é impossível da gente não estar engajada com a destruição do que de colonial persiste nela. Nele falo sobre as questões que dão forma à linguagem que eu escolhi pr'êsse texto, além de contar do chão, território físico e epistemológico, de onde venho e das implicações que isso traz pro meu modo de encarar a produção de conhecimentos; conto também aqui da importância de histórias contadas pela perspectiva de mulheres, encarando o texto como algo que guarda sentido. Em seguida, nos blocos *casa e território*, a partir da escuta de diversas histórias da minha mãe e da minha vó, Luzia e Urçula, pensando sobre nossas movências entre diferentes casas e territorialidades e nossas relações permeadas pela convivência entre tudo que é vivo, vou matutando sobre temas como redes de cuidado, mulheres e

⁶ Pra ouvir minha voz, acesse: <https://on.soundcloud.com/WbZVt>.



suas casas, fazeres e práticas cotidianas que tecem a vida, tudo conduzido pela memória e amparado pelos nossos álbuns de família. No fio, em *facão-agulha-caneta*, falo dos caminhos metodológicos que vão sendo abertos nesse feitio, compartilhando as ferramentas e os aprendizados de um fazer pesquisa dum jeito que faça sentido e sentir, e reafirmando as alianças que me fortalecem. Derradeiro, em *rastros*, deixo algumas notas nada finais, muito menos conclusivas, mas que falam dos aprendizados nesse processo. Como manda o rito, peço então licença e mando chamar quem quiser seguir comigo no encalço desses desvios.



“Como o desejo, a língua rebenta, se recusa a estar contida dentro de fronteiras”

**carrego na boca uma língua bifurcada como uma vereda
como aquela de Bebiana que se parte pela fina lâmina de metal⁷**

As histórias de minha mãe e minha vó me foram contadas com seus próprios dizeres ao longo da vida, mas esmiuçadas cotidianamente quando do movimento desta pesquisa, por isso, digo, foram colhidas não só das suas memórias-mato abertas a fio de facão, como da minha própria, talhada pelo movimento de retorno à Casa. Esse ato coincide com o de ser talhada ao meio pela posição que passei a ocupar ao trazer pra pesquisa as histórias de família e adentrar a Casa com a pesquisa não apenas em mente como em curso. bell hooks (2017), uma dentre as tantas mentoras que dão sentido à minha escrita, diz que não existe dicotomia entre teoria e prática, por mais que muitas vezes nos ensinem a nos separarmos de nós mesmas, não existe separação entre vida e escrita (ANZALDÚA, 2000).

Na banca de qualificação I, Cíntia Guedes, incomodada com o tanto que eu tentava me traduzir nas notas de rodapé, me fez uma pergunta afiada “*pra quem é mesmo que você tá escrevendo?*”. Eu queria mais que tudo ser entendida, validada. N’otro momento Gaia me apresentou Edouard Glissant (2008), e ele diz que a densidade dos seres e das ideias não precisa ser reduzida a uma “escala ideal” pra então ser compreendida, logo, aceita. Ele reivindica o direito à opacidade como um direito à diferença a partir do qual a gente tente estabelecer relações sem precisar expor nossas entranhas a quem quer nos devorar, como diria a poetisa Tatiana Nascimento. Agora, prefiro oferecer a quem me lê, e não me entende de vez em quando um trisco, a proposta de hooks (2017, p. 232).

**“que não necessariamente tenhamos de ouvir e conhecer tudo o que é dito,
que não precisemos ‘dominar’ ou conquistar a narrativa como um todo,
que possamos conhecer em fragmentos [...] que, no ato de ouvir**

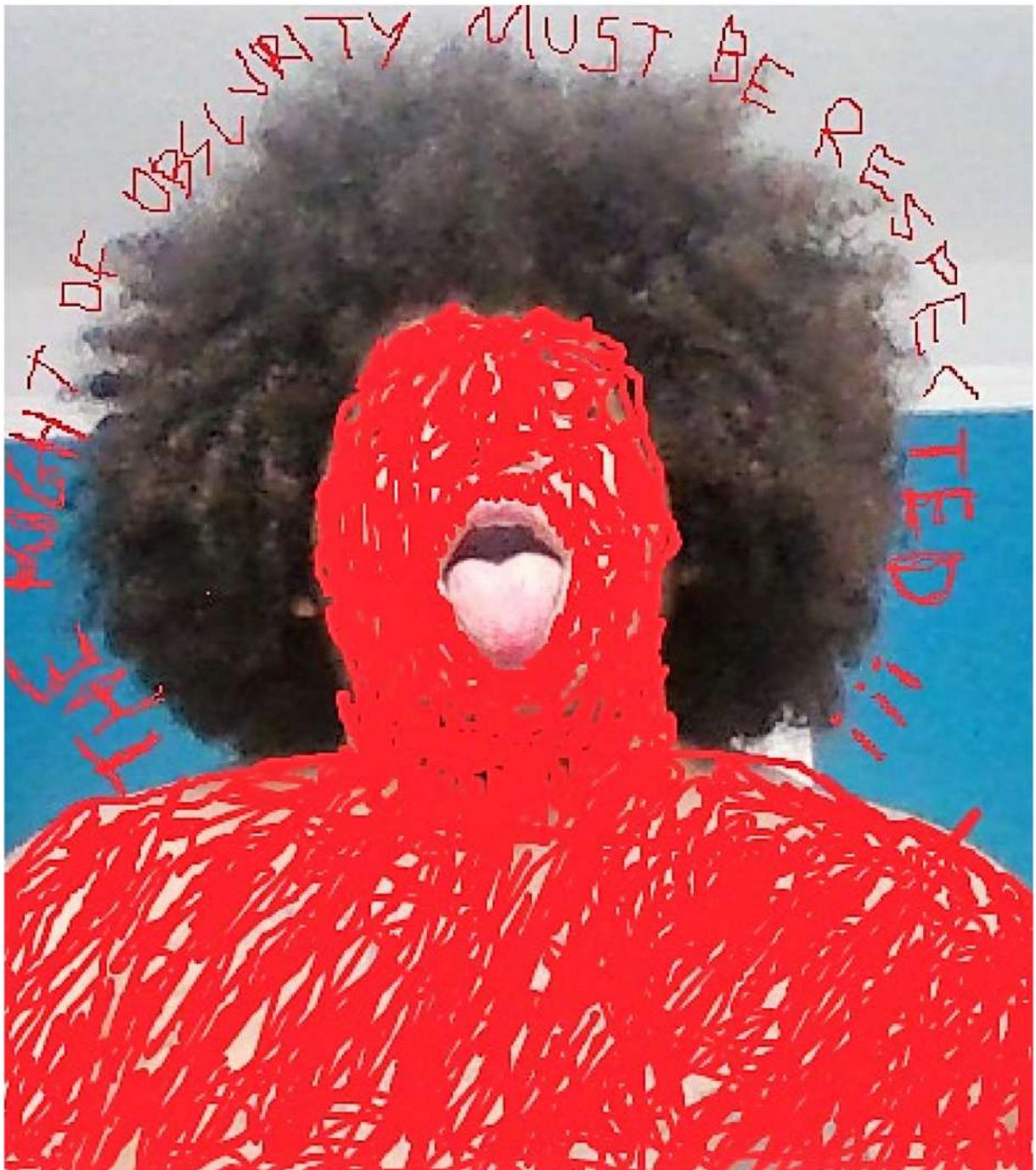
⁷ personagem de Torto Arado (2019), Itamar Vieira Junior.

pacientemente outra língua, possamos subverter a cultura do frenesi e do consumo capitalistas que exigem que todos os desejos sejam satisfeitos imediatamente”

Carrego na boca uma língua terminantemente ferida porque tantas vezes é difícil sair do *automático* e escrever aqui do jeito que eu falo lá em Casa. Uma língua cortada porque tantas vezes aprendi a silenciar sua dança pra passar tentar despercebida dentro da universidade. Queria lavar a *Chaguinha* em mim. Chaguinha foi meu apelido de caloura quando do meu trote de entrada na UFPI no curso de Arquitetura e Urbanismo. A maioria das estudantes tinha recebido algum apelido que bulia com um olho torto, a estatura baixa, um apelido gordofóbico... eu recebi *Chaguinha*, e de primeira não entendi nada. Nos interior, esse é um apelido popular pra Francisca das Chagas. Depois de perguntar, em vão, pra alguns veteranos, um deles, conhecido pela língua ferina, cuspiu a explicação, debochado: “*mulher, é porque tu tem essa cara né, de cabôca véa do interior, ó o jeito que tu fala!*”

Eu enterrei essa história fundo dendi mim e só me alembrei dela de novo muitos anos depois ouvindo o relato de um colega de turma sobre como tinha sido violenta a experiência dele na nossa graduação em arquitetura tendo vindo de um bairro periférico de Teresina. Pensei no tanto que, mesmo sendo classe média, ou, dentro do meu contexto familiar, a prima rica, nos primeiros anos de faculdade me esforcei pra me encaixar naquela turma feita por uma ruma de gente das mais tradicionais escolas da capital com seus sobrenomes importantes, entre meninas de bochechas coradas cuja *delicadeza* eu jamais conseguiria me aproximar. Dos já muitos aprendizados que tive com Dora, uma amiga sertaneja, contando isso pra ela, ela me questionou: “*então pra quê continuar tentando, bicha?*”.

figura 1 - Sem título, 2017, Jota Mombaça



fonte: MOMBAÇA, 2020.

Tanto quanto hooks (1990), tenho feito um esforço ativo para recuperar um senso de lugar no jeito que eu falo e escrevo, num ensejo de imprimir nas palavras a saliva da fala⁸, tomando emprestada a expressão de Edimilson Pereira de Almeida (2017). Essa é uma labuta pra demarcar de onde eu venho e embolar as múltiplas vozes que fazem parte de mim: a filha, neta, a pesquisadora, a sertaneja, a feminista e tantas outras que sequer podem ser apartadas no emaranhado de ser no mundo. Eu transito por essas linguagens, mas não me digo bilíngue, como Anzaldúa (2021), que é palavra mansa demais pra violência que nos obrigou a aprender esta outra língua e adotar ela como padrão, especialmente quando os sentidos atinam que naquele/neste espaço a gente precisa que o conteúdo se destaque mais do que a forma, como se os dois num fosse um embolado só. Com Dora (MOREIRA, 2023, no prelo) e Anzaldúa entendi que falando *em línguas* talvez a gente chegue mermo mais perto de alguma coisa que se escapula desse

“saber ventríloquo, que não fala por si mesmo, nem com suas próprias palavras, nem desde de suas próprias territorialidades, realidades e lugares, mas que nos condenou a ser simples eco, uma monofonia, que só escuta e repete o discurso da verdade da ciência ocidental”

(GUERRERO ARIAS, 2010, p.87, tradução nossa)⁹

Como me disse Renata Marquez, o uso da própria linguagem aqui num é secundário ou cosmético, é estruturante. É que eu tenho pra mim que quando a gente muda a língua pra falar a gente muda também todo o



⁸ Pra ouvir a voz de Aleida, acesse: <https://on.soundcloud.com/RYRTa>

⁹ texto original: “saber ventríloquo, que no habla por sí mismo, ni con sus propias palabras, ni desde sus propias territorialidades, realidades y lugares, sino que nos ha condenado a ser simple eco, una monofonía, que sólo escucha y repite el discurso de verdad de la ciencia occidental”

ajuntamento de coisa que forma nosso modo de pensar e perceber o mundo. E é com isso que eu quero me conectar falando essa língua. Na verdade, num foi eu que disse isso não, né, de certo, um mói de gente da linguística já falou, mas acho que num é o caso de caçar isso só pra me validar. Não que eu consiga também virar uma chave e de repente tá escrevendo com as palavra que eu aprendi a falar, na verdade vem tudo junto, tem hora que o som delas se endireita pra língua da academia e tem horas que ela vira garrancho serpentiano do jeitim que eu falaria de conversa com minha irmã, com Vit, com Key, na gaiatice e no deboche. E eu aceito assim, esse cunversero todo é bem coisa da *nova mestiza* da Anzaldúa, mas a gente conversa disso mais-cum-pôca. A colonialidade do saber, legado do colonialismo que se perpetua na colonialidade, não só impôs um epistemocentrismo hegemônico como negou a existência de outras sabedorias e outras formas de conhecer os mundos (GUERRERO ARIAS, 2010).

figura 2 - Performance Línguas Selvagens (2016) de Elton Panamby



fonte: BOGADO; SOVIK, 2020.

“essa língua aberta gesta, no vazio de seu buraco, um mundo para o qual ainda não se tem palavras, mas que já sabemos que não pode ser pensado

com a mesma sintaxe e vocabulário que forjaram esse mundo como o conhecemos”

(BOGADO; SOVIK, 2020, s.p.)

às vez minha avó num pronuncia meu nome como as otras pessoa, ela me chama de Ranessa. Ela tem um jeito bonito de trocar os S pero R, os V por R, S por X, de engolir os D do gerúndio e os R do infinitivo, de substituir no fim do verbo o AM por O e uma dificuldade de falar umas palavra esquisita que o povo foi enfiando na boca da gente: DVD, microondas, ~~tupperware~~ tapaué. Sempre fui encantada pela melodia das palavra dela. Tempo desse ouvi num documentário a fala de Sueli Maxakali, uma cineasta, fotógrafa e professora de Minas, e me arrepiei toda de como os som anasalado se parecia com os de minha vó. Me zanguiei pensando em todas as parentes indígenas sem nome que tecem a árvore genealógica da minha família, como em tantas otras do sertão. Na nossa investigação, de quando eu e minhas prima ainda tava no ensino médio, só demo fé dos nome de batizado cristão, que foi o que sobrou na memória das mais velha: índia Isabel, índia Nuclécia.. “a tataravó do papai era índia ligítima!” diz minha vó. Se Tapuia-Kariri, Tremembé... a gente acho que nunca há de saber.

tem uns dia que eu sonhei que recebia um recado que eu fosse conhecer alguém bem na hora que o sol tivesse indo simbora. o bilete vinha na etiqueta duma ropa. saí da tecelagem já quais escuro, mas quando vi aquela cabocla tive certeza que eu era sangue do sangue dela: tinha o queixo e as maçã do rosto angulosos e os ói rasgado da minha família. ela falava numa língua que meus ouvido nunca tinha ouvido antes, mas eu entendia cada palavra dos dizer e da aguniação dela. ela pedia repetidamente, até perder o ar e começar a desfalecer junto com o sol, ajuda pra fazer justiça pelo pai dela que tinha sido escravizado por um povo que tinha vindo de longe

Na manhã que acordei desse sonho, no ônibus, no rumo do trabalho em um ateliê de costura, lia o livro *Perder a mãe*, de Saidyia Hartman (2021a, p.111): “podemos ter esquecido nossa terra, mas não esquecemos nossa despossessão”. Com Cintia, minha irmã, tô aprendendo a dar atenção pros sonhos e pras mensagens que eles trazem. Pro povo Yanomami, um sonho como esse é manifestação do desejo de um outro - um morto, um espírito ou um animal -, já que pra esse povo, diferente da abordagem psicanalítica de Freud, onde “o sonho seria resultado de um desejo inconsciente de quem sonha” (LIMULJA, 2022, p. 115), é durante o sonho que nós ficamos mais suscetíveis à vontade e ao desejo do outro. Mas, no fim das contas, é a gente, os vivos, que decide o que fazer com essas manifestações de desejo.

Com Hartman aprendi que mesmo na impossibilidade de retornar e sendo imprudente o suficiente para acreditar em origens, toda essa gente se torna ancestral e parente da gente e eu me torno delas. Pra longe de querer alimentar uma romantização da mestiçagem brasileira que *transforma todos em iguais em uma democracia racial*, em verdade, genocida, ou de me aproximar de um gesto identitário oportunista (RIVERA CUSICANQUI, 2018) penso é nesse recado pra me lembrar porque escrevo. Talvez esta escrita de alguma maneira seja também parte desse trabalho tão infinito quanto impossível por justiça, mas que mesmo impossível, ou exatamente por isso, segue na frente guiando e mostrando o rumo do que a gente mira.

Diante de tantas diferentes despossessões, me firmo na violência das línguas que elas também perderam, pior, perderam na história até mesmo as palavras que dava a elas nome próprio, ou direito à autodeterminação. Em 7 de junho de 1755, Dom José proibiu por lei que pessoas indígenas pudessem se expressar em língua nativa, além de obrigá-las a adotar um sobrenome português (RODRIGUES, 2018). O texto a que faço referência pra tratar dessas línguas foi escrito em 1905 por João Barbosa Rodrigues, então diretor do Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Trago ele porque foi a fonte que acessei

essas informações até o momento, mas me deparo tantas vezes com elaborações agrídoces, como essas:

“É para admirar como a língua desse povo sem literatura, a não serem as gramáticas, os catecismos e os vocabulários, tenha perdurado por mais de 400 anos [...] Apesar de ser uma língua de bárbaros dominados e escravizados, de ser a língua de um povo vencido e que tende a desaparecer, a sua influência é tal que, como o homem, não se deixou dominar e, pelo contrário, se tem imposto. [...] perdura e perdurará enquanto a natureza existir, porque aos seus produtos esta língua está vinculada. Muitos estropiados, alguns adulterados, quase todos os seus termos perpetuam assim mesmo o nome dos nossos rios, dos nossos lagos, das nossas montanhas, dos nossos animais, das nossas plantas e de localidades” (RODRIGUES, 2018, p.71).

João Barbosa Rodrigues (2018) noutro trecho fala que as línguas nativas deste continente foram *adoçadas* pelo aportuguesamento, pela conquista, influência e ensino dos espanhóis. Penso eu se num seria mais ante dizer que amargaram. Como pode o sangue das nossas ter sabor doce na boca? Mas pra num cair no apagamento a que a narrativa da aniquilação total dos saberes subalternizados conduz, é nessa raiz da fala delas na minha fala e no meu corpo que eu me apego, que como diz Panamby “só na carne a linguagem se faz língua” (BOGADO; SOVIK, 2020, s.p.). Esse *português* que se nega a performar a norma culta é pretuguês (GONZALEZ, 1984), do quicongo e do quimbundo; é abanhenga¹⁰, de kariris, pataxós, *maxakalis*¹¹ e de tantas outras origens. O sertão é indígena, é caboclo, é quilombola, é mestizo. E é por isso que as nossas língua, mermo esfoladas, nos tem tanta valia.



¹⁰ *Abanheeng* ou *nheengatu*, conhecida por *tupy* ou *karany*, é língua que hoje chama-se de tupi antigo (RODRIGUES, 2018).

¹¹ Para ouvir estas vozes, acesse: <https://on.soundcloud.com/yTZTh>. O vídeo completo de onde os trechos deste áudio foi retirado está disponível em: <https://youtu.be/SoWkmJ66W1I>.

“as mulas de Tróia na academia, aquelas pessoas que têm sido educadas e assimiladas nas universidades [...] estão cansadas de terem suas mentes ocupadas por homens brancos, [...] cansadas de serem dinamitadas por discursos, linguagem, escrita teórica. a caneta é uma arma usada contra elas. a caneta é a espada que nos faz prisioneiras de guerra em fábricas de mentes intelectuais. mas nós estamos aprendendo a manejar a caneta.”

(ANZALDÚA, 2021, p. 187)

figura 3 - Brasil Terra Indígena (2018), Denilson Baniwa. Edição nossa, 2023



fonte: Cartaz para ser remixado/alterado disponibilizado pelo artista em:
<https://www.behance.net/gallery/105803579/Brasil-Terra-Indigena>.

“a poética negra feminista vislumbra a im/possibilidade da justiça, a qual, desde a perspectiva do sujeito racial subalterno, requer nada mais nada menos do que o fim do mundo no qual a violência racial faz sentido, isto é, do Mundo Ordenado diante do qual decolonização, ou a restauração do valor total expropriado de terras nativas e corpos escravos, é tão improvável quanto incompreensível.”

(FERREIRA DA SILVA, 2019, p.37)

Nessa tarefa, me oriento por Saidiya Hartman (2022, p.11), uma escritora que “se dedica a historicizar a multidão, as pessoas despossuídas, subalternas e escravizadas” e a quem considero tão cuidadosa com as que vieram antes, mesmo as que conheceu só pelos documentos oficiais. Ela se esforça para encarnar nas palavras “as vidas dos sem nomes e dos esquecidos, em considerar a perda e respeitar os limites do que não pode ser conhecido” (Ibid., 2021b, p.17). Das Isabéis, Nuclécias e tantas outras, num posso saber da agência em suas relações afetivo-sexuais; se seus pares, mesmo que destes, nos acervos ou na memória, tenham sobrevivido nome e sobrenome, eram também caboclos ou brancos. Mas mais do que suscitar suas memórias vitimando-as de novo (HARTMAN, 2021b), narrando-as como mulheres “*pegas no laço*”, penso nelas achando brecha, abrindo caminho pra que a gente possa existir hoje carregando nem que seja um trisco da sabedoria delas¹².

Destacando a dualidade implícita na natureza mestiça, Rivera Cusicanqui (2019, s.p., tradução nossa)¹³ propõe o conceito de *ch'ixi*, que em aimara descreve o cinza formado “a partir da infinidade de pontos pretos e brancos

¹² ver o fragmento *uma cumbuca, um balaio, um aió: histórias de mulheres que guardam em si o mundo*.

¹³ texto original: “a partir de infinidad de puntos negros y blancos que se unifican para la percepción, pero permanecen puros, separados”

que se unificam para a percepção, mas permanecem puros, separados” admitindo, a partir do contexto andino, que na subjetividade mestiça é travada uma permanente luta entre o indígena e o europeu. Para Rivera Cusicanqui o *ch’ixi* é uma oposição a um modo de pensar que busca a síntese, um *retorno* ao uno. A postura ética proposta por ela é trabalhar com e na contradição e desenvolvê-la, reconhecendo situações complexas e orientando-se nelas dum jeito que nem sempre vai ser conciliador, já que tem diferenças que são, de fato, inconciliáveis.

Em confluência, pra Anzaldúa (2005, p.706), o conceito de nova mestiza “não apenas sustenta contradições como também transforma a ambivalência em uma outra coisa”. Como uma sujeita liminar, a primeira coisa que Anzaldúa propõe é um exercício de inventariar-se: “exatamente o que ela herdou de seus ancestrais? Esse peso nas suas costas – qual a bagagem de sua mãe índia, qual a bagagem de seu pai espanhol, qual a bagagem dos anglos?” (2005, p.709). E faz um chamamento à matutar o que a gente pode fazer com os privilégios que eventualmente encontramos nessa apuração, e como usar eles para *nos/otras*¹⁴.

O fato é que nenhum dos conceitos propostos por Rivera Cusicanqui ou Anzaldúa são identidades, e que, partindo do contexto andino e estadunidense, diversas falas certamente são intransponíveis pra nossa realidade. Mas penso também que a partir delas é possível assumir as contradições e as impossibilidades de conciliação ou síntese. Talvez uma das contribuições importantes dessas teorias seja justamente o convite a nos racializar e assumir esses antepassados brancos, mesmo os *inglórios*; a assumir que muitas das conquistas herdadas, que se acumulam e tendem a se solidificar mais e mais a cada geração, foram construídas às custas da despossessão e exploração de pessoas não-brancas.

14

Como é da natureza da formação do sujeito nacional brasileiro, “o mestiço, institui um sujeito moderno, cuja trajetória temporal é um movimento em direção ao auto-apagamento”, diz Denise Ferreira da Silva (2006, p.62). O resgate de uma origem não-branca, no entanto, já virou até piada dentro e fora da academia. O sujeito branco que evoca uma tataravó não-branca pra validar suas *boas* intenções ou seu *direito* a políticas afirmativas, dentre outras desonestidades. Então se eu trago assim de relance a questão da racialidade é que dela não dá pra escapar quando a gente fala de sertões, mas tento estar atenta pra não usar essa ancestralidade de forma oportunista, como álibi pra não me responsabilizar pelos meus próprios privilégios.

como diz Anzaldúa, uma política de aliança exige que a gente se atente às especificidades históricas de toda assimetria sem ansiar por dissolver as tensões, mas sim se engajar nelas

**caminho acumulando poeira fina na planta dos pés
vermelha piçarra, poesia pura**

Quando cheguei em Salvador eu logo vi que, mesmo nordestina, falava outra língua. Na verdade, o mais evidente disso foi começar a dividir apartamento com um mineiro, Nuno, que já morava em Salvador há um tempo. Eu de primeira falava ligero e de repente percebia ele olhando fixamente pra minha boca, quase como tentando fazer uma leitura labial, esperando atento por alguma palavra que soasse familiar pros ouvido dele. Depois de uns segundos de silêncio ele ria: “*num tendi nada, miga!*”. Morando com Nuno e Victor, um carioca, fui aprendendo a amansar a língua, fui falando mais devagar, tentando não engolir letra nenhuma. Daí chegou Vitória e foi uma alegria tanta. Pra além da fúria doce que essa menina tem, a gente se entendia era nas nossa palavra. Vitória é do sertão da Bahia, e por mais que sejam muitos quilômetros de distância, e muitas experiências de diferença, a gente foi se acolhendo no nosso vocabulário. Todo dia que uma alembrava a outra duma palavra que nunca mais tinha ouvido, era uma festa, a gargalhada dela tomava o apartamento intero. Êta que me encho de amor e água salgada só de lembrar.

“quando o corpo migra, os modos vão junto”¹⁵

Vitória me foi lembrete de que trago no corpo uma territorialidade também migrante. E carregar comigo nesta dissertação os sertões como esse chão me dá sentido, não apenas enquanto bioma/ território geográfico ou essa invenção Nordeste, mas como aquilo que ultrapassa os limites do visível, do sentido original da palavra que diz da imensidão de um território que não é possível apreender em sua totalidade (MAM/SP, 2019). Silvia Rivera

¹⁵ Cíntia Guedes que me disse na banca de qualificação I.

Cusicanqui (2018, p.89, tradução nossa)¹⁶ fala que “o pensar geográfico é um pensar situado, e é vital como gesto epistemológico”. E é nesse fio que penso que produzir conhecimento desde os sertões, que são muitos, reivindica uma abundância de modos de vida, práticas, línguas, percepções de mundo e saberes de culturas que, quando não seguem ignoradas, são caricaturadas em representações reducionistas que povoam a literatura, a arte e a imprensa nacional e, claro, também os escritos e práticas acadêmicas.

Como descreve o historiador e poeta Dércio Braúna (2017, p.68), “sertão é palavra de dizer antigo” que, saída das terras lusitanas, foi amarrada “a ideias de falta, escassez, magrura (de corpo, alma, sentimento, etc.)”. Partir dos sertões, então, não apenas desloca a produção do pensamento e do imaginário de seu eixo habitual, como vai de encontro ao árido mito ‘sertão’, no singular, ensejando evidenciar a abundância de conhecimentos, territórios e vidas¹⁷ que neles habitam.

“se o imaginário de um certo senso comum trata sertão como vazio, aridez, aspereza ou indigência, a ele confrontam-se as acepções de vitalidade, força e criação, gestadas a partir de uma ordem de saberes e práticas que desafia o projeto colonial em suas reiteradas tentativas de submissão”
(MAM/SP, 2019, p.23-24)

Quando eu li o texto *Corpo-território*, de Célia Xakriabá, quais grifei ele intero. Eu que sempre tive um trisco de inveja de quem dizia que era nascida e criada no mermo lugar, finalmente entendi o corpo enquanto chão. Nós somos da terra, diz o Bispo (SANTOS, 2018) né, e o território nosso se move



¹⁶ texto original: “el pensar geográfico es un pensar situado, y es vital como gesto epistemológico”

¹⁷ Pra ouvir a voz de Silvia Rivera Cusicanqui, acesse:

<https://on.soundcloud.com/sL5pH>. O vídeo completo da onde tirei a fala dela está disponível aqui: <https://youtu.be/ncD7TWLaI5M>. Acesso em: 14 mai. 2023.

junto com nosso corpo. Pensar essa territorialidade migrante, que não vai necessariamente *georreferenciada*, torna nítido como a gente vai fazendo o território e o território vai fazendo a gente, mutuamente. Do mesmo jeito que minha mãe, quando migra pra São Paulo, encontra lá na periferia territórios do norte ao nordeste emaranhados nessa outra cidade, que é a maior da América Latina; eu sempre falei de ter sido criada numa aldeia de cearense no meio do Piauí, dum jeito que às vezes eu nem sei se tem coisa que eu conto que é dum estado ou do outro.

Célia Xakriabá (2020a) diz da gente ver o território como algo que nos alimenta, ensina e constitui o nosso ser no mundo, pois a gente é parte indissociável dele. Chão e corpo não são apartados. Muito da minha percepção dessas histórias que trago aqui, eu acesso não porque eu fui lá em Casa “fazer campo”, mas porque isso tá comigo, encarnado, como bem me lembrou Cíntia Guedes. E é por isso que eu trago comigo sertões quando falo aqui a minha língua.

“no trânsito para fora, na universidade [...] foi aí que me refiz na reflexão do território-corpo e do corpo-território porque, embora a gente saia do território, deste território de terra, meu corpo reterritorializa outros lugares, porque faço parte do território. minha presença também é território”

(XAKRIABÁ, 2020a, s.p.)

uma cumbuca, um balaio, um aió
histórias de mulheres que guardam em si o mundo

A partir da Teoria da Cesta¹⁸, Ursula Le Guin (1986) propõe o exercício de construir histórias por outras perspectivas, deixando de lado a famosa “jornada do herói”¹⁹. Foi Renata Marquez quem sugeriu me aproximar dessa teoria, apontando pra urgência de construir narrativas a partir de mulheres e suas histórias vitais que falam não de feitos heróicos, mas desde uma temporalidade e um ritmo otro, do cotidiano. A indicação veio de encontro ao movimento das pesquisas que no grupo de estudos Margear a gente tem feito, num desejo visceral de trazer as pessoas, em grande parte mulheres, pra contarem elas mesmas as histórias dos nossos territórios.

otro dia, enquanto a gente fazia um bolo, eu conversava com a mamãe sobre a pesquisa, atentas no par de alma-de-gato que se paqueravo saltano entre os galho do pé de caju. Mingau também observava da grama, junto com mais dois gato da vizinhança que sempre tão aqui pelo cercado. ficamo os cinco só olhando o tempo e eu me permiti a lentidão da quentura da tarde, não perguntei mais nada à minha mãe, nem tinha mais o que perguntar, era um negócio de arrearar mermo

A teoria da cesta diz que o primeiro dispositivo cultural não teria sido um objeto cortante de pedra lascada, como a gente aprendeu na escola, mas possivelmente um recipiente, **algo que guarda**: uma folha, uma cabaça, uma rede ou uma tipoia (LE GUIN, 1986), se contrapondo a essa história oficial da

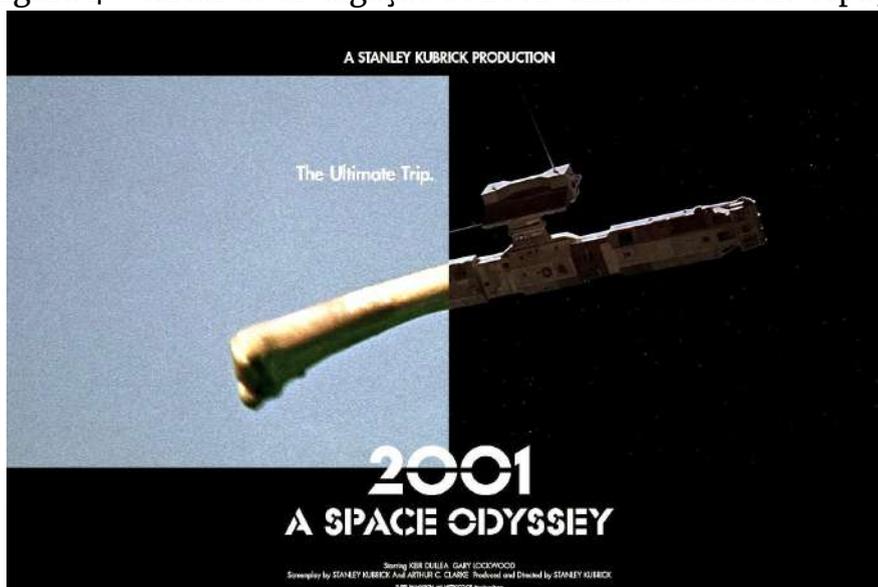
¹⁸ *Carrier Bag Theory* de Elizabeth Fisher em *Womens's Creation* de McGraw-Hill, 1975.

¹⁹ técnica narrativa que emprega uma sequência predeterminada de situações-tipo pra contar de *grandes feitos* de um indivíduo, geralmente, cisgênero masculino.

humanidade que tem a temporalidade, linear, demarcada pelo uso da força, em narrativas cheias de caçadas violentas e conflitos territoriais bélicos.

No cinema, a gente viu essa narrativa do triunfo da violência se eternizar em filmes como *2001: uma odisséia no espaço* (1968). Nele uma cena específica se tornou amplamente referenciada: na sequência a gente vê um primata arremessar pro céu um osso, que ele acabou de aprender a usar de arma, e que, no corte entre cenas, vira uma espaçonave (ambos fálicos, só assim por dizer...), como que ligando uma coisa à outra, indicando que a arma determinou os rumos da evolução humana. Qualquer semelhança da corrida armamentista com a corrida espacial não é mera coincidência né, o filme foi lançado em plena Guerra Fria (por mais que tratar do imperialismo de forma crítica não fosse, possivelmente, a intenção de Kubrick, roteirista e diretor). Nessas cenas, de um cinema quase mudo de som, mas bem eloquente de mensagem, o que dizem pra gente é que quem tem a arma, o poder, o falo, desde o passado até o futuro, esteve/está/estará destinado a tomar as decisões sobre pra onde vamos, quem vai e quem fica.

figura 4 - cartaz de divulgação de *2001: uma odisséia no espaço*



fonte: <https://sound--vision.blogspot.com/2018/04/2001-em-2018.html>

Do outro lado, Ursula Le Guin (1986) defende que mesmo que as imagens de caça (ou que são assim interpretadas) sejam os registros que perduraram até hoje nas paredes das cavernas, foram as nossas habilidades, e ferramentas, como coletoras que fizeram a gente permanecer vivas e saudáveis pra prosperar enquanto espécie. As narrativas mestras (BORGES, 2016), contaminadas pelas dicotomias coloniais, atribuíram valor masculino às guerras, à violência, à ação. A ficção contribuiu pra caracterizar essas como as narrativas interessantes, enquanto ao feminino restaram os atributos de uma passividade entediante do cotidiano, sem muita coisa interessante pra contar. Pensar a oposição entre arma e recipiente faz a gente crer em uma oposição entre sujeito (masculino), que pratica uma ação, e objeto (feminino), que sofre uma ação.

No sentido de pensar um corpo que guarda, Saidyia Hartman, em *The belly of the world*, conta de como “a reprodução da propriedade humana e as relações sociais da escravidão racial[...] estava[m] ancorada[s] nas capacidades reprodutivas das mulheres negras” (2016, p.168, tradução nossa)²⁰. Ou seja, elas eram tidas como objetos recipientes, ‘a barriga do mundo’. Nesse contexto de objetificação extrema dos corpos negros, Saidiya reivindica pra essas mulheres não uma posição passiva, essa de quem sofre ou recebe ações, mas uma resistência ativa a partir da construção de autonomia em todas as brechas possíveis da existência delas. A obstinação contra a escravidão se reafirma quando elas se recusam a reproduzir novas pessoas a serem escravizadas, através do uso de abortivos; quando elas rejeitam a possibilidade de destinar os filhos delas à uma morte em vida, recorrendo ao infanticídio; quando elas renunciam a uma vida de horror, por meio do suicídio enquanto ato político. A mulher escravizada fazia o mesmo, ainda que em gestos que possam parecer contrários, quando dava “à luz filhos

²⁰ texto original: “The reproduction of human property and the social relations of racial slavery were predicated upon the belly. Plainly put, subjection was anchored in black women’s reproductive capacities.”

como testemunho de um conhecimento permanente da liberdade contrário a todos os índices empíricos da *plantation*; e ansiava por formas radicalmente diferentes de estar no mundo” (HARTMAN, 2016, p.167, tradução nossa)²¹.

Mesmo que elas fossem em menor número nas fugas narradas como homéricas, seguidas de fazendas incendiadas, elas igualmente travavam batalhas pela liberdade em cada fresta de tempo-espaço em que conseguiam praticar autonomia sobre os próprios corpos. Dénètem Touam Bona (2020), a partir da marronage, ou algo como aquilombamento, pro contexto brasileiro, defende justamente que a gente se desfaça dessa falsa dicotomia. Pra ele,

“a fuga dos escravos não surge como covardia, como um fenômeno passivo, a menos que se adote uma concepção redutora de resistência, que confunda resistência e enfrentamento, e esteja restrita a uma visão viril e heróica do combate. Do mesmo modo que a batalha não passa de uma das modalidades particulares da guerra, o frente-à-frente constitui apenas uma das modalidades específicas da resistência. A guerrilha - a tática privilegiada dos nômades, marrons, de todos os grupos e minorias banidos - apresenta-se então como uma não-batalha, em que a astúcia, as artimanhas enganosas, os disfarces, a camuflagem, as fugas e os ataques surpresa zombam da moral dos poderosos”

(BONA, 2020, p.40-41)

Saidiya Hartman (2022), através da fabulação crítica, conta em *Vidas rebeldes, belos experimentos* histórias de jovens negras estadunidenses que,

²¹ texto original: “gave birth to children as testament to an abiding knowledge of freedom contrary to every empirical index of the plantation; and yearned for radically different ways of being in the world.”

na virada do século XX, tensionavam a ordem social vigente a partir da própria existência, abrindo espaço pra criar otros modos de vida que extrapolavam o que estava posto como possível pra elas. Nas palavra dela: “a ideia disparatada que anima este livro é a de que jovens negras foram pensadoras radicais que imaginaram incansavelmente outras maneiras de viver e nunca deixaram de considerar como o mundo poderia ser de outra forma” (HARTMAN, 2022, p.13).

As mulheres que Saidiya Hartman (2022, p.13) acompanha através, ou apesar, dos acervos, foram sempre “destinadas a ser figuras menores”, sem nunca levar créditos por nada, o que me faz lembrar das mulheres Xakriabá, com quem Célia conversa caçando detalhes do passado da luta do seu povo pelo território. Ela pergunta pra duas senhoras que testemunharam os períodos de maior tensão, como era a contribuição das mulheres pressa luta e elas respondem: “minha filha, a gente quase não contribuía nada não, porque meu marido era liderança, saía nessa labuta e a única coisa que a gente fazia era dar de comer aos filhos, plantar grandes braçadas de roça” (XAKRIABÁ, 2020b, p. 88). Ela diz que escutou esse tipo de resposta várias vezes até que uma delas falou: “na verdade, era plantar grande braçada de roça e sustentar a cultura, minha filha, segurar a cultura” (Ibid., 2020b, p. 88). Era no dar de comer que a soberania e autonomia alimentar do povo Xakriabá foi sendo em alguma medida garantida. Ali o facão só era arma pra matar fome, talhar uma tocera de algum mato pra fazer algum chá ou unguento, tratar peixe ou alguma caça.

“os homens haviam se nomeado como zeladores oficiais da história. além disso, as mulheres jamais tiveram uma tarde ociosa para ficarem ruminando a respeito da história. [...] quem poderia parar para conversar quando havia crianças para cuidar, comida para cozinhar, quartos para varrer e um esposo a ser mantido?”

(HARTMAN, 2021a, p.246)

O que Saidiya Hartman e Ursula Le Guin, entre tantas escritoras, tensionam ao se dedicarem a narrar histórias a partir da perspectiva das mulheres, não apenas muda a escala, mas o ângulo que a gente olha. É que não existem protagonistas e coadjuvantes na vida real, na construção das lutas e resistências, a não ser no modo que a gente escolhe contar delas. Tem essa conversa de que a história é sempre escrita pelos *vencedores*, né? Sempre o triunfo do Homem [branco] conquistando continentes, o espaço, a lua, o futuro (LE GUIN, 1986). A escritora nigeriana Chimamanda Adichie (2019) fala do perigo dessa história única, dessa perspectiva unidirecional, e que é impossível falar disso sem falar de poder. As relações de poder definem como e por quem as histórias são contadas e o quão longe elas vão ser ouvidas. No discurso dela, Chimamanda compartilha várias experiências pessoais que falam dos quixó político que os estereótipos armam, seja nas interações dela com norte-americanos, na maioria das vezes demonstrando a representação miserável que eles tinham do continente africano ou da Nigéria; seja dos próprios episódios em que ela percebe, envergonhada, o imaginário superficial e limitante que ela criou sobre o México, contaminado pelas narrativas que ela ouviu nos EUA, se desmancharem nas primeiras horas dela lá.

Ursula Le Guin (1986) até admite que não é que as histórias vitais, as da vida cotidiana, nunca tenham sido contadas, elas já foram, e de muitos jeitos, com muita palavra diferente, mas tantas vezes elas passaram despercebidas como histórias menores, entediadas por não usarem essa fórmula que guia pra uma resolução ou um clímax. E aí ela pondera: e se a gente evitar esse modo linear e progressivo da Flecha-(assassina)-do-Tempo e redefinir a produção de conhecimentos como algo que é, acima de tudo, um grande balaio de culturas em vez de uma arma pra dominação? Pra ela, talvez o efeito colateral pudesse ser o de possibilitar que a ~~ficção científica~~ a produção de conhecimento seja vista como um campo muito menos rígido e estreito. Me parece bom.

“eu chegaria ao ponto de dizer que a forma natural, apropriada e adequada de um romance [texto] poderia ser a de um recipiente, uma cesta. um livro carrega palavras. palavras guardam coisas. elas carregam sentido.”

(LE GUIN, 1986, s.p., tradução nossa)²²

Pensar as narrativas como cestas abre espaço pra tudo, inclusive pros conflitos violentos, como diz Ursula Le Guin, se eles couberem. Na verdade, mesmo propondo que a gente na hora da escrita não precise seguir esse típico fio narrativo belicoso, ela mesma diz que jamais se descreveria como um ser humano afável e pacífico: “sou uma mulher que está envelhecendo, com raiva, segurando com força a minha cesta, lutando contra bandidos, mas não me sinto heróica por isso, assim como ninguém. É só uma daquelas malditas coisas que você tem que fazer para seguir sendo capaz de colher cereais selvagens e contar histórias” (LE GUIN, 1986, s.p., tradução nossa)²³. É assim que eu tenho encarado a escrita deste texto, em sua complexidade, ele é escrito com carinho, mas também com ressentimento, sempre alerta e na defesa do que de precioso vem comigo no aió que carrego junto ao corpo.

²² texto original: “I would go so far as to say that the natural, proper, fitting shape of the novel might be that of a sack, a bag. A book holds words. Words hold things. They bear meanings.”

²³ texto original: “I am an aging, angry woman laying mightily about me with my handbag, fighting hoodlums off. However I don’t, nor does anybody else, consider myself heroic for doing so. It’s just one of those damned things you have to do in order to be able to go on gathering wild oats and telling stories.”

água as plantas e observo a água entrar
no chão devagar.
vejo meus pés, iguais aos de minha mãe,
e penso: iguais também aos de minha vó.
lembro da frase que atribuem à Frida:
"pés, ,pra quê os quero, se tenho asas
para voar?".
então, os defendo:
os quero porque são meu aterramento,
a parte do meu corpo que me liga ao chão.
a imagem me faz pensar
que são também enraizamento.
me planto semente nesse sertão
de minha mãe, de minha vó,
e broto fruta que se derrama. voo alada
- como a semente da janaúba -
pras terras do meio norte,
leve, pras bandas da zona da mata.

pés,
os quero para me lembrar que voo,
mas também sei fincar raiz.
como diz Tiganá:
o chão não é o peso,
mas o espaço de flutuação





casa

memória-mato aberta a facção

Me alembro que de menina eu já gostava da maresia das tardes pós almoço. Era um silêncio tão grande enquanto todo mundo dormia que dava de ouvir o som do motor da geladeira, o *zuuummm* dos ventilador e, se duvidar, até a respiração de quem tava deitada. Sozinha ou acompanhada da minha irmã e das minhas primas, amava explorar as gavetas dos armários.

Narrando cenas da descoberta do primeiro livro que ela leu, Dionne Brand diz que a maior ambição de uma criança é descobrir segredos, e ela, na busca de doces escondidos, descobriu livros. Eu, no mormaço do nascer da tarde, encontrei fotos e fotopinturas marcadas pelo tempo, que talvez, como o livro dela, “havia sido percorrido por formigas vermelhas açucareiras, perfurado por carunchos e cartografado por traças” (BRAND, 2022, p. 207).

Foi nessas gavetas que eu achei essa, que foi a minha primeira foto tirada no Piauí, coberta de rendas e babados cor-de-rosa e tentando me equilibrar nos meus primeiros passos. Anos depois a minha criança resolveu registrar que aprendeu a escrever seu nome em cima dessa foto, e é o verso dela que abre esta dissertação com a dedicatória que minha mãe fez ao enviar a foto pra minha vó, como se eu mesma tivesse dedicado a ela, mesmo que eu tivesse mal um ano completo: “com amor e carinho, de sua neta Vanessa”.

Justamente quando eu comecei a olhar com atenção pras fotos nos álbuns de família e a ouvir melhor minhas companhias de pesquisa que eu percebi as histórias que elas carregavam. Enquanto as narrativas mestras sobre o sertão falam só dos retirantes miseráveis que fugiam da seca (geralmente famílias heterocis guiadas por um homem), de uma paisagem-objeto arisca do sertão, as imagens, e o que minha vó me apontava nelas, mostram uma relação também terna com esses biomas e com tudo que tem nele, sem também esmaecer as nuances que vão se conformando dia-a-dia na construção de políticas de convivência interespecíficas.

figura 5 - eu aprendendo a caminhar, e mais-cum-pôca, a escrever



fonte: acervo pessoal de Luzia.

Enquanto a história da industrialização do Brasil, contada nos livros, foca na migração dos homens trabalhadores sertanejos pra todos os cantos do país pra produzir grandes obras, hidrelétricas, redes de alta tensão, capitais inteiras; minha mãe, por exemplo, mostra as fotos da nossa casinha no Cocaia, Residencial no distrito do Grajaú, em São Paulo, e me fala de como ela foi se inteirando em uma rede de pessoas, costurando pra vizinhança, criando uma infraestrutura de gente que inscreve territórios nordestinos e nortistas na periferia do sudeste brasileiro.

**“A noite não adormecerá
jamais nos olhos das fêmeas
pois do nosso sangue-mulher
de nosso líquido lembradiço
em cada gota que jorra
um fio invisível e tônico
pacientemente cose a rede”
(EVARISTO, 1996, s.p.)**

Respeitadas nossas diferenças, me inspiro em Grada Kilomba (2019, p.28) confidenciando que, como a dela, esta escrita, mais do que oposição e invenção, traz apontamentos do que já existe, mas que frequentemente somos levadas a não perceber. Se a gente não presta atenção, o papel da minha mãe nessa narrativa poderia ser a de coadjuvante, da que, passivamente, espera o marido voltar do trabalho, criando as filha *dele*. Por isso contar a história a partir de outras perspectivas importa, a história construída pelas mulheres no cotidiano não são menores nem menos importantes. Em lugar de pensar que elas são responsáveis por um trabalho de *reprodução social* que é de dar suporte para trabalhadores viabilizando a produção e o comércio de bens, é pensar em como elas tecem a vida, a economia e os territórios um dia depois do outro, de poquim em poquim.

**“comprei com meu dinheiro! minhas coisa, aos pouquim véi”
os fazeres como possibilidade de autonomia pras mulheres**

De menina, lá nos anos 1950, minha vó já tava metida com esse negócio de fazer dos pano coisa que tem serventia²⁴. Na verdade, com oito ano ela já panhava algodão na serra, fiava ele no fuso e ajudava a fazer os novelo. Mamãe diz que nesse tempo, na época de colheita, juntava nos interior um mói de gente, e num tinha isso das moça ficar dendicasa porque tá nos seus dia não, ia sangrando mermo trabalhar igual os omi. Vovó conta que pra fazer novelo, ficava paradinha com os antebraço esticado enquanto as irmã ia passando o fio de uma mão pra otra, várias e várias vez. Quando interava uns oito novelo, a mãe pegava eles pra tingir em cores diferentes e aí tecia as rede da família. Vovó, saudosa desse fazer, me disse: *“ficava as redes toda listrada, ficava bonita com as listras”*.

Os vizim, léguas distante, também traziam seus próprios novelos pra elas tecerem para eles. Foi nos serviço de tear²⁵, de costura ou de bordado à mão, que essas mulheres conseguiam garantir nem que fosse um mínimo de autonomia. Quando era moça a mãe dela comprou uma máquina à manivela e ela e as irmã costuravo pra fora, pro povo do Corrente e do Galante, fazendas vizinhas. Vovó diz que elas compravo perfume, pó de arroz ou então uma fazenda de tecido para fazer uns vestidos novo, que o pai delas se negava a dar dinheiro da casa pra isso.



²⁴ Não que seja uma característica exclusiva da minha família, claro, costurar era comum às funções atribuídas às mulheres naquele tempo, já que os reparos faziam parte dos trabalhos domésticos essenciais, além do acesso ao varejo de roupas não ser possível naquele contexto histórico e territorial. A costura segue sendo uma atividade predominantemente exercida por mulheres, mesmo que bem menos difundida como habilidade doméstica do que um dia já foi.

²⁵ Pra ouvir a voz de Urçula, minha vó, acesse: <https://on.soundcloud.com/LWrgA>

há gerações é o algodão, a linha, os tecido, e a artesanania de ajuntar eles, que garante pras mulher da minha família, e de muitas, que a gente, mermo que por um trisco, bote rumo nas nossas vida

figura 6 - Vovó e sua máquina de costura



fonte: acervo pessoal de Urçula.

Na Fazenda Carnaubinha, depois de casada, minha vó também pegava serviço de bordado e costura, naquela época à mão, pra complementar a renda. Toda vez que ia visitar os pais na Fazenda Corrente, ela trazia encomenda pra fazer em casa, que lá, além de ter mais gente, tinha mais conhecido dela. Já viúva, quando passou a receber pensão por morte, Urçula

comprou sua primeira máquina de costura com pedal e com ela fazia serviço de conserto.

Minha mãe conta que aprendeu a costurar nessa máquina, ainda com 10 anos, escondida da vovó, que proibia ela de chegar perto, que era muito perigoso. Ela brinca que vovó devia ter medo dela esculhambar a bicha, que devia ser, pelo certo, o bem mais precioso da casa. Já adolescente, de volta pro Corrente, minha mãe fazia roupa pra ela, atualizando os modelo pra acompanhar a moda, que hoje o povo chama de *upcycling* né, e costurava vez ou outra pra fora, às vez ajudando com as conta de casa, às vez poupando no seu miaêro. Mamãe me contou ainda que com o dinheiro dela, dessa vez trabalhando em uma facção de costura em São Paulo, começou a comprar as coisinha pequena do enxoval de casamento, enquanto meu pai terminava de construir a quitinete na laje do irmão, onde iam morar.

O trabalho de Eugênia Motta (2016) sobre casas e economia cotidiana, tendo como campo uma comunidade no Complexo do Alemão, no Rio de Janeiro, me ajudou a perceber essa separação dos diferentes fluxos do dinheiro nas dinâmicas de gênero dentro de famílias cishétero. Eugênia, especialmente através de uma perspectiva que não é a da economia formal, observa que o dinheiro tem fluxos específicos. Um deles é o “dinheiro da casa”, que seria direcionado pras despesas fixas, como aluguel, contas de consumo, supermercado do mês, etc, ou seja, “o dinheiro da casa é usado para sustentar a vida daqueles que a ela pertencem e também a relação com outras casas” sendo que “os usos e as interdições de uso são cercados de moralidades” (MOTTA, 2016, p.199).

Ela fala que essa separação acontece através das formas de receber e gastar o dinheiro. Geralmente, nessa configuração de casal cishétero, como é o caso das famílias que trago aqui, o dinheiro da casa está atrelado ao salário ou rendimento do “provedor”, o homem. Assim, a renda extra capitalizada pelas mulheres, se configuraria como um “dinheiro de mulher” (MOTTA,

2016), tanto pelos meios que é obtido, como pelos itens com que ele é gasto. No caso dos exemplos que Eugênia Motta traz, esses itens são produtos da Natura ou Avon; no caso da minha vó, quando moça, perfumes, pó de arroz e roupas; e da minha mãe, também roupas pra ela, além de itens de cozinha de menor valor, todos considerados “coisas de mulher”. As fotos dos nossos álbuns reiteram essa relação, nelas meu pai e minha mãe exibem cada uma “suas conquistas”.

Na configuração de uma família patriarcal, muitas vezes, esse é o único dinheiro sobre o qual as mulheres têm algum poder de decisão de como e quando vai ser gasto. Na minha família se conta a história da Altina, mãe de minha vó Urçula, que diz que viveu muda pelo resto da vida depois de uma raiva que o marido fez a ela. Ninguém sabe dizer detalhe, mas parece que ele vendeu uma vaca sem que ela concordasse. Talvez tenha sido a gota d’água, cansou de gastar saliva onde a voz dela não tinha valia. Depois desse dia ninguém mais ouviu ela falar.

Já nos circuitos do “dinheiro de mulher” são elas as protagonistas, as que botam em movimento grande parte do que se produz, se compra ou se vende (MOTTA, 2016). As interlocutoras de Eugênia lembram do período em que vendiam seus produtos como o tempo em que elas andavam mais arrumadas, porque era quando tinham dinheiro pra comprar coisas pra elas. “Assim como mostra Zelizer (1994), o uso do dinheiro envolve separação e marcações, obrigações e restrições, que afastam a moeda de sua característica supostamente homogeneizadora” (MOTTA, 2016, p. 205).

figura 7 - Mamãe na cozinha da quitinete com seus mais ou menos 20 anos



fonte: acervo pessoal de Luzia.

figura 8 - Narciso, papai, na parte externa da quitinete, recém concluída



fonte: acervo pessoal de Luzia.

“tinha dinheiro não, sempre foi na casa dos outro”
direito à terra nos sertões do Brasil

Quando Urçula tinha três anos, a família dela se mudou pro Pão de Açúcar, povoado que hoje se chama Missi, zona rural de Itapipoca. E nos anos seguintes de novo e de novo, ficando de dois anos a seis anos em cada paragem. Geralmente quem ditava a hora de se retirar era a chuva, ou a falta dela, mas o desejo e as revelias da vida também davam o rumo. Em 1949, foram pra Fazenda Jurema, no povoado de Bom Jesus, em Sobral. Minha vó tinha então cinco anos e o pai dela, que sempre tinha trabalhado no mato²⁶, começou a pastorear criações podendo tirar a sorte: de cada cinco nascidos, um era dele. Dizendo César Barreira (1992, p.21), a figura do vaqueiro era a mais prestigiosa entre os funcionários da fazenda, já que “esta forma de pagamento [pela partilha do gado] possibilitou que alguns vaqueiros formassem pequenos rebanhos dentro das grandes propriedades”.

Minha vó já tinha uns 11 anos quando se mudaram de novo. Um tio paterno de Urçula, que era pedreiro, tinha construído uma casa para morar na cidade de Itapajé, onde tinha mais trabalho que no interior, cedendo a casa dele pra família do irmão. Foram, então, todas pro Papagaio²⁷, zona rural de Taparuaba, levando as cabeças de criação que tinham direito. Era uma casa de taipa muito pequena, estreitinha e avarandada, com dois quartos e uma sala. O casal dormia num dos quartos e as filhas mulheres no outro, enquanto os filhos homens dormiam na sala ou nos alpendres, todo mundo em redes.

Acredito que estes dois últimos movimentos foram responsáveis por mudanças significativas na trajetória dessa família, dando possibilidade de uma ascensão financeira gradual. Depois de seis anos multiplicando os

²⁶ O que minha vó chama de *trabalhar no mato* é o lavrar a terra, plantar e colher.

²⁷ O Papagaio, hoje um assentamento rural, recebeu esse nome por ficar ao pé duma serra de nome Bico do Papagaio.

rebanhos, deixaram de viver de morada passando a usufruir integralmente do que produziam, podendo não só ficar com toda a colheita da lavoura, como com todos os novos rebentos da criação que tinham reproduzido ao longo dos anos: galinhas, patos, ovelhas e porcos. Em tempos de seca, era menos difícil lidar com os animais do que lidar com as perdas da lavoura. Os bichos podiam ser alimentados com palma²⁸, que tem de monte na região, garantindo um tanto de líquido pros animais. A reprodução delas também dava resultado mais ligero que os ciclos de plantio.

Quando meus bisavós conseguiram construir a primeira casa que podiam chamar de sua, 13 anos depois de se mudarem para o Papagaio, as filhas tavam tudo criada. Começaram a construção em 1968 e em 1969 já tava terminada. Segundo minha avó, “a casa era uma casona muito grande, *tua mãe sabe cumae*²⁹ (risos) sabe melhor do que eu.”

Vanessa: Quê que cê lembra de lá, mãe?

Luzia: “era uma casa com um alpendre bem grande, alpendre com peitoril.. [...] aí tinha uma, uma sala com uma... aliás duas sala e uma terceira sala que chama de oitão que era que dá pra lateral assim que era a sala que a vovó descansava... [...] aí sim tinha aliás, meu deus, dentro da sala tinha outro quarto, tinha uma sala bem grande... [...]”

Urçula: “eu sei quantos cômodo era! Era quato quarto, era uma sala de janta, era ota salinha...[...] tinha uns dez cômodo ela! [...]”

Luzia: “aí da sala tinha uma porta que entrava pra, uma porta lateral que era tipo a despensa, lá ficava as coisa de... os gênero, as coisa né, os pacote chei de rapadura, de... de... os saco de arroz, de farinha que dava e... [...] na outra sala



²⁸ A palma é um tipo de cacto. Sempre foi também alimento pras pessoa do sertão, hoje é considerada Planta Alimentícia Não Convencional. Inda hoje meu tio-avô alimenta os bicho de criação dele com palma, mas comer ela se tornou um estigma da fome. Na minha família ninguém mais prepara palma pra comer.

²⁹ Pra ouvir a voz de Luzia, minha mãe, acesse: <https://on.soundcloud.com/L7fyK>

tinha separado outra porta que dava entrada [...] que era esse negócio aberto, era ota porta, acho que era outro tipo de despensa que botava os produto mais bruto assim, tipo quando vinha da roça, espiga de milho, aqueles paiol de milho, de algodão [...] botava as ferramenta do vovô, um monte de coisa”.

A casa era rebocada e toda no cimento queimado. Mas como não tinha nem água encanada nem saneamento básico dentro da cozinha ficavam dois tanques para guardar a água de lavar louça³⁰. E no banheiro, que ficava do lado de fora, o banho se tomava de cuia, enquanto os porcos é que se desfaziam dos dejetos, já que não tinha fossa. Minha vó morou menos de um ano nessa casa, em 1969 mermo ela casou e foi morar na terra natal de Antônio, Riacho Verde. Mas não demorou nem dois anos ela voltou de lá com a filha mais velha no colo e otro na barriga. Achou por bem vir pra perto da família, onde tinha mais apoio pra criar elas. De volta ao Papagaio, foram morar em uma casa de taipa que os pais de Urçula tinham acabado de comprar. A casa não era muito pequena, mas tinha só uma cozinha e um quarto, onde todo mundo dormia cada um na sua rede. Assim como as casas anteriores, não tinha energia elétrica, água encanada ou banheiro. Não demorou para que viesse otras crianças e dentro de seis anos já eram cinco.

³⁰ Mesmo que a distribuição de água encanada tenha sido ampliada no sertão durante a última década, principalmente a partir de políticas públicas federais, ainda é possível encontrar exemplares de tanques como esses nas casas do interior, já que mesmo com a infraestrutura de encanamento, a distribuição muitas vezes ainda é falha. As cisternas são cheios d’água da chuva no inverno e, durante o período seco, abastecidos por tonéis d’água comprados pelas próprias famílias e/ou carros pipa geralmente subsidiados pelas prefeituras municipais.

figura 9 - fotopintura de Urçula e Antônio no fim dos anos 60, recém casados



fonte: acervo pessoal de Urçula.

Elas já mudaro pra lá em 1977. Maria, irmã mais velha da vó, mandou perguntar se Antônio não queria serviço para construir uma barragem pras banda de Santa Quitéria (CE). A Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado do Ceará custeava os trabalhadores pelo Programa de Obras e Serviços de Prevenção às Estiagens. Ele aceitou o serviço e resolveram se mudar, eles moravam a duas léguas de distância, mais de uma hora de viagem de bicicleta até a obra. Minha mãe se alembra que às vez iam a pé de lá pra casa do vô e que assim eram bem mais que duas horas de viagem, sempre com medo de achar onça no caminho. Assim como em Riacho Verde, era moradora de condição em Carnaubinha, que era fazenda de uma família que vivia em Fortaleza. Nela moravam só os funcionários que recebiam cada um duas vaca para cuidar e tirar leite pra suas criança, claro, só uma proporção determinada dos litros todos que tinham sido produzidos.

figura 10 - Urçula e suas crianças no quintal recém chegadas à Fazenda Carnaubinha, fotografia em monóculo, provavelmente tirada em 1978



fonte: acervo pessoal de Urçula.

Foi nessa Fazenda que meu vô Antônio faleceu. Afogou-se na barragem que ele mesmo construiu. Vovó diz que acharam ele a vinte e dois palmo de fundura, penduram ele de cabeça pra baixo e não caiu gota d'água, só o leite que ele tinha bebido de manhã antes de sair de casa. Esse pedaço, claro, minha vó conta com os olho chei d'água e o coração chei de ressentimento: de terem ido pressa fazenda “só pr'ele morrer”, do capataz que não acudiu ele, até dos colega de trabalho que insistiram pr'ele entrar na água. Vovó ficou viúva com 36 anos, em março de 1980, e no mesmo dia o pai dela mandou buscar ela, grávida, os cinco filho e as poca coisa que tinha, pra trazer elas de volta pro Corrente. Alguns dias depois o dono da fazenda Carnaubinha lhe pagou o que devia pelo último mês e meio de trabalho de Antônio, 2.411,20 (dois mil quatrocentos e onze cruzeiros e vinte centavos). O recibo ela guarda até hoje (figura 9).

Esse recibo foi pra mim como um portal pra descoberta de vários detalhes sobre o episódio da morte do meu avô, sempre cercada de muito mistério. Mas acho que o principal foi a descoberta do nome, a personificação do fazendeiro, essa figura que foi sempre invisível e ao mesmo tempo tão presente nas história de migração da minha família pelo sertão. Foi um gesto de dar nome e sobrenome aos que, tantas décadas atrás, já eram os doutores da capital que nunca sujaram a mão pra mover uma pá da terra que o papel diz que é sua.

**“Esta terra que cresce mato, que cresce caatinga, o buriti, o dendê não é nada sem trabalho. Não vale nada. Pode valer até para essa gente que não trabalha, que não abre uma cova, que não sabe semear e colher. Mas pra gente como a gente, a terra só tem valor se tem trabalho.
Sem ele a terra é nada.”**

Torto Arado, Itamar Vieira Júnior (2019, p.186)

figura 11 - Recibo do pagamento devido a Antônio, 1980

RECIBO

Cr\$ 2.411,20
- Cheque nº _____
Banco _____

Recebi da Secretaria de Agricultura e Abastecimento a importância de Cr\$ 2.411,20
Dois mil, quatrocentos e onze Cruzados e vinte Centavos
de recursos do Programa de Obras e Serviços de Prevenção às ~~Estações~~ Estações referente ao pagamento
de 01 operários que trabalharam em minha propriedade denominada
Carnaubinha no município de Sto. Antônio
turma 143 no período de 01 / 02 a 15 / 03 de 1980

Sto. Antônio, 24 de março de 1980


ASS. pp. Urçula Gonçalves Uchoa
PROPRIETÁRIO

NOME Jose Gonçalves de Menezes
PROPRIETÁRIO

fonte: acervo pessoal de Urçula.

Com esse dinheiro, vovó foi fazendo o que dava até conseguir o direito de receber a pensão por morte do marido, oito meses depois. Assim que recebeu o valor retroativo da pensão, Urçula comprou uma máquina de costura e seguiu fazendo consertos e bordados à mão. E foi a partir da conversa com minha vó que a relação do fazer da costura e do bordado pra mim se mostrou numa forte ligação com a terra, no sentido literal. Nela eu descobri que vovó tinha trocado o terreno da primeira casa dela por bordado:

Urçula: “A casa do bairro³¹ eu comecei desde do chão... do começo do chão. Comprei o chão aí fui construindo aos pouco [...] comprei com meu diêro! minhas coisa, aos pouquim véi... dos tempo que eu fazia bordado, eu comprei até do

³¹ Bairro é como os moradores do distrito de Taparuaba costumam se referir ao bairro Bela Vista por ele ter sido o primeiro a se diferenciar do bairro centro, a rua.

Tevaldo [...] bordava era muito, era roupinha de recém nascido, era colcha, era num sei o quê lá, era um bocado de coisa, bordava muito era na mão, a maior parte era na mão, só eu pagava pra bordar na máquina, aí eu engomava, recortava tudim aqueles feston... eu dava pro Tevaldo vender! aí eu comprei os terreno dele foi pagando com bordado!”.

Vanessa: aí era? você pagou seu terreno todo com bordado? cê num deu um centavo pra ele?

Urçula: “Foi, paguei com bordado mermo (risos)”

Vanessa: cê demorou quantos ano bordano pra conseguir terminar de pagar essa casa?

Urçula: “sei lá quantos foi (risos) foi um tempim...”

**minha vó riscou sua casa e bordou o chão,
vinte palmos por cento e vinte, a mão carrega o ofício e a régua**

Não que isso de trocar trabalho por moradia fosse coisa nova nessas história, o novo era o papel passado e tudo mais. No Pitingão, onde vovó nasceu, a família dela era moradora de condição, assim como eu já contei:

Vanessa: mas aí lá no Pitingão, a casa que seu pai era do seu pai mermo?

Urçula: “era não, morava na casinha dos outro”

Vanessa: lá morava na casa dos outros

Urçula: “tinha dinheiro não”

Vanessa: [...] ah, só no Papagaio que foi a dele? antes do Papagaio sempre foi na casa dos’otro

Urçula: “sempre foi na casa dos outro”

Na minha terra a gente chama a pessoa de moradora de condição ou diz que a pessoa vive de morada, mas na teoria César Barreira (1992), falando dos conflitos sociais no sertão, usa o termo “morador-parceiro”. Numa relação de trabalho e *dominação*, predominante no sertão do Nordeste, o trabalhador morava numa casa cedida pelo “*dono da terra*” e pagava ou dando uma porcentagem da produção, naquela época em torno de 25% por cento, ou entregando em dinheiro o correspondente à venda dessa parte do que foi produzido (BARREIRA, 1992). Vovó me conta: “*naquele tempo não tinha aluguel! Interior num tinha aluguel não, trabalhava mermo pra...*”, mamãe complementa: “*se plantasse no terreno do proprietário dava uma renda, pagava uma renda né, se cê planta 10 litro de feijão, colhe 20, aí tem a porcentagem né, você tem que dar tanto*”.

Esse é um arranjo comum e ainda presente no interior do Brasil, onde ou se vive numa casa preexistente ou o proprietário dá permissão pra pessoa subir uma nova casa, sendo que muitas vezes é proibida a construção com tijolo e telha cerâmica. Essa posição de ocupação da terra sem a propriedade ou qualquer documento que ateste o acordo, além de ser constante fonte de insegurança pros moradores, é, historicamente, um dos grandes elementos do poder de um latifundiário (BARREIRA, 1992).

Eu sempre achei que era por causa da seca, mas meu avô de parte de pai só veio parar no Piauí, com papai menino e toda a família, procurando uma terra que pudesse “ser sua” de verdade. Lá na Nova Vida, localidade que ele primeiro se assentou, ele virou Chico Cearense. Nas voltas que o mundo dá, habitando as incoerências e complexidades, hoje é meu pai que ocupa esse lugar de proprietário. Tem uns 15 anos ele comprou uns 10 hectares de terra, e na casa que lá tinha mora, desde então, quase durante todo esse tempo, mora seu Francisco. Seu Francisco já morou lá com a família, saiu e foi trabalhar na cidade, depois de separado voltou e hoje mora só ele, um

cachorro e umas galinha.

Acho importante trazer também essas contradições da posição que a gente ocupa, num movimento de ficar atenta pra não criar uma falsa imagem da minha vida, seja pelo enfoque que dou às histórias de família, seja pelos pressupostos dos universos que compõem a vida de uma pessoa que se reivindica sertaneja. Tudo o que eu já trouxe aqui me compõe e é parte do meu repertório, eu também sou a “prima rica”, morei em casa própria desde do dia que eu nasci, e não à toa minha irmã mais velha foi a primeira da família a fazer um mestrado. Crescemos assombradas pelas histórias de escassez de todas as gerações que vieram antes, mas sem a experiência concreta dela.

Apesar de todos os ressentimentos com a universidade enquanto instituição de perpetuação da colonialidade, foi também nela que eu aprendi um tanto de coisa que me fez sentir na língua a amargura tantas vezes de, na figura de meu pai, ver coisas que eu desacredito. Longe de mim também querer apontar algum tipo de simetria entre meu pai e os grandes latifundiários que são os “donos” da terra nesse país. A questão nem é a figura individual dele, mas sim a posição social e econômica que ele passou a ocupar conforme foi ascendendo econômica e socialmente, que nós passamos a ocupar. Essa ascensão, como é típico da classe média brasileira, vai acompanhada de uma individualização numa crescente perda de sentido de coletividade.

Tratar disso aqui faz parte de assumir que os lugares que a gente ocupa no fazer pesquisa sempre trazem questões éticas e afetivas que tocam a ela, já que toda pesquisa se dá em relação, mesmo aquelas que não admitem isso explicitamente (MACEDO; MACEDO DE SÁ, 2018). Nesse movimento, foi Cíntia Guedes que me apontou o incômodo dum texto meu cheio de romantizações e, talvez, ingenuidades. Nem sempre a gente dá fé das coisa mermo, às vez isso faz parte do processo, n’outras é só privilégio. A gente não

vê elas como óbvias quando não é na nossa cara que elas tão sendo esfregadas todos os dias.

Se a gente saiu tão *rapidamente* da pobreza através das gerações, cabe dar relevância aos privilégios que a gente teve e tem, já que a outra opção seria crer na meritocracia. E eu digo rápido que se meus pais sentiram o gosto da fome, na geração seguinte ninguém da minha família teve em situação de miséria parecida. Esses privilégios são em primeiro lugar os concedidos pela racialidade, entendendo que mesmo quando caboclos, a ambiguidade racial concede passabilidades que a negritude não permite. Em segundo lugar, de gênero, que, na maior parte das vezes, os que guiaram a gente pra fora disso foram os homens, focados em conseguir dinheiro e acumular patrimônio, enquanto na gestão das mulheres, pensando em investimentos que elas deviam de considerar mais duradouros, que nem a educação, é que a gente foi vivendo pra usufruir desses recursos.

A compra de casas e terrenos costumava ser um dos poucos meios conservadores de guardar dinheiro e reproduzir patrimônio, e eram alternativas mais sólidas, sendo que a criação e a plantação, especialmente sem chuva, não poderiam ser garantias a longo prazo. Em tempos difíceis, um teto e um pedaço de chão para plantar, de certo modo, foram garantia de ter o mínimo pra sobreviver. Das casas de meu bisavô³² que tenho notícia, as que aparecem nesta pesquisa, sei que foram majoritariamente ocupadas pelas filhas dele quando precisaram. Minha vó diz que quando ele morreu só recebeu dez braça de terra e a parte que lhe cabia da divisão duma casa na cidade. Esta, a mais bem localizada, quase vizinha à casa que minha vó vive hoje, na *rua*, segue repartida: em uma banda mora uma irmã dela sozinha, n'otra, meu padrinho tem uma barbearia já tem pelo menos uma década.

³² costume me referir às casas como de meu bisavô Joaquim e não ao casal Joaquim e Altina. É um incômodo que persiste sempre que percebo esse movimento, mas é também uma reprodução de como as pessoas da família se referem a elas. O ato de nomear guarda consigo significados num é?

“fiz tudim, uma pra cada um”
a casa como cuidado

A minha vó conta dos tempo de antigamente como dum tempo de muita perda precoce. Não só a mortalidade infantil era alta, como muita criança ficava órfã muito cedo. Foi o caso do pai e da mãe dela, que coincidentemente perderam a mãe aos cinco anos de idade. Antônio, meu avô, também, mas no caso dele foi o pai, o que fez com que a mãe dele precisasse entregar cada uma de suas criança a uma casa diferente, já que ela não dava conta de criar. Isso era muito comum nesse tempo, e minha vó só escapou de não ter seu destino apartado das suas cria quando ficou viúva porque teve o privilégio de poder contar com a ajuda dos pais. Minha mãe que disse: *“o vovô, grazadeus, com toda ruindade ainda ajudou foi muito a gente porque se num fosse ele a gente tava ferrado”*.

Vovó conheceu de perto o ressentimento e os traumas do marido e, quando ficou viúva, se obstinou não só pra criar cada uma, como no decorrer da vida, se aferrou com a ideia de não deixar elas desamparada jamais. Desde que conseguiu construir a própria casa, botou na cabeça que ia deixar também uma casa pra cada uma das agora cinco³³ filhas e filhos. A fixação de minha vó com o legado dessas casas soa pra mim como uma tentativa de materializar o cuidado dela além do tempo presente, como se ele pudesse ser perpetuado para além do fim da própria existência material dela no mundo.

Ter casa é tido como sinônimo de segurança, da garantia de um teto pra se abrigar, com sorte um quintal pra plantar uma folha pra remédio, um tempero, uma verdura ou espaço pra criar um bicho. Representa um lugar seguro pras criança brincar e mais estabilidade na criação delas. Na dissertação de mestrado, Aleida Batistoti (2022) trata, dentre outras coisas,

³³ sem nenhuma intenção narrativa, me furto o direito de usar esta nota pra dedicar meu amor também à ti Geová, filho terceiro da vovó. Perdemos ele em janeiro de 2023 e seguimos com saudades da ternura dele. A bença, ti.

da relação das mulheres e suas casas, especialmente em relação ao trabalho “de rua” em Salvador. Que nem minha vó, as interlocutoras de Aleida, depois de terem conquistado sua casa, querem garantir a casa das filhas, desejo comum a tantas outras. Como ela salienta, "a garantia da moradia, digna e de qualidade, caracteriza muito mais que a efetivação de um direito social, ela representa acesso a vários outros direitos básicos, e, sobretudo, à cidade” (BATISTOTI, 2022, p.212).

Aleida diz ainda que a insegurança pela falta da posse é feminina, e principalmente negra, já que a concentração de terras e de renda no Brasil não é apenas particular dos homens, como das pessoas brancas. Apesar de se darem em contextos históricos e geográficos muito distintos, a diferença racial entre as mulheres da minha família e as interlocutoras de Aleida (2022), parece demarcar muito bem o agravo das consequências dessa insegurança para mulheres negras. Vítima de violência doméstica, física, psicológica e patrimonial, uma das interlocutoras dela relata o desamparo de “não ter para onde ir”, de ter ido morar embaixo do viaduto com filha ainda pequena; e mesmo depois de ter conseguido construir sua casa, tempos depois, ela ainda sofre com a insegurança da falta de documentos, por ser uma “casa de invasão”.

Pra minha vó, foi o acesso à cidadania, através do seu direito de pensão por morte, que deu a ela uma garantia mínima de renda mensal. Mas foi especialmente poder morar sem pagar aluguel que fez com que esse dinheiro rendesse alguma coisa. Com a pensão, a aposentadoria e um pequeno comércio, a partir de 2011 ela passou a canalizar qualquer dinheiro que sobrava no fim do mês pras casa das filha. Começou comprando uma casa pequena e numa localização desvalorizada, mas pegou gosto mesmo foi por riscar o chão, dando conta de cada detalhe para que a casa fosse boa, como ela gosta de dizer. A cada nova casa, o aluguel ajudava a construir a próxima e, quando precisava, vendia o terreno de uma para terminar a outra.

Em oito anos ela consumou o plano: seis casas, algumas já passadas pro nome das filhas e filhos, mesmo que nenhuma more nelas³⁴. Excetuando o caçula, o derradeiro filho vivendo em São Paulo, todos moram hoje em casa própria. Eugênia Motta (2016, p.199) diz que “a partir da forma como novas casas são construídas, será possível analisar as conexões entre as relações dentro delas – entre os que nela vivem – e entre casas, relações estas que envolvem cuidado e interdependência”. Esse cuidado vem sempre em relações de assimetria, tem as que cuidam e as que são cuidadas, e isso se transfere pra relação entre casas.

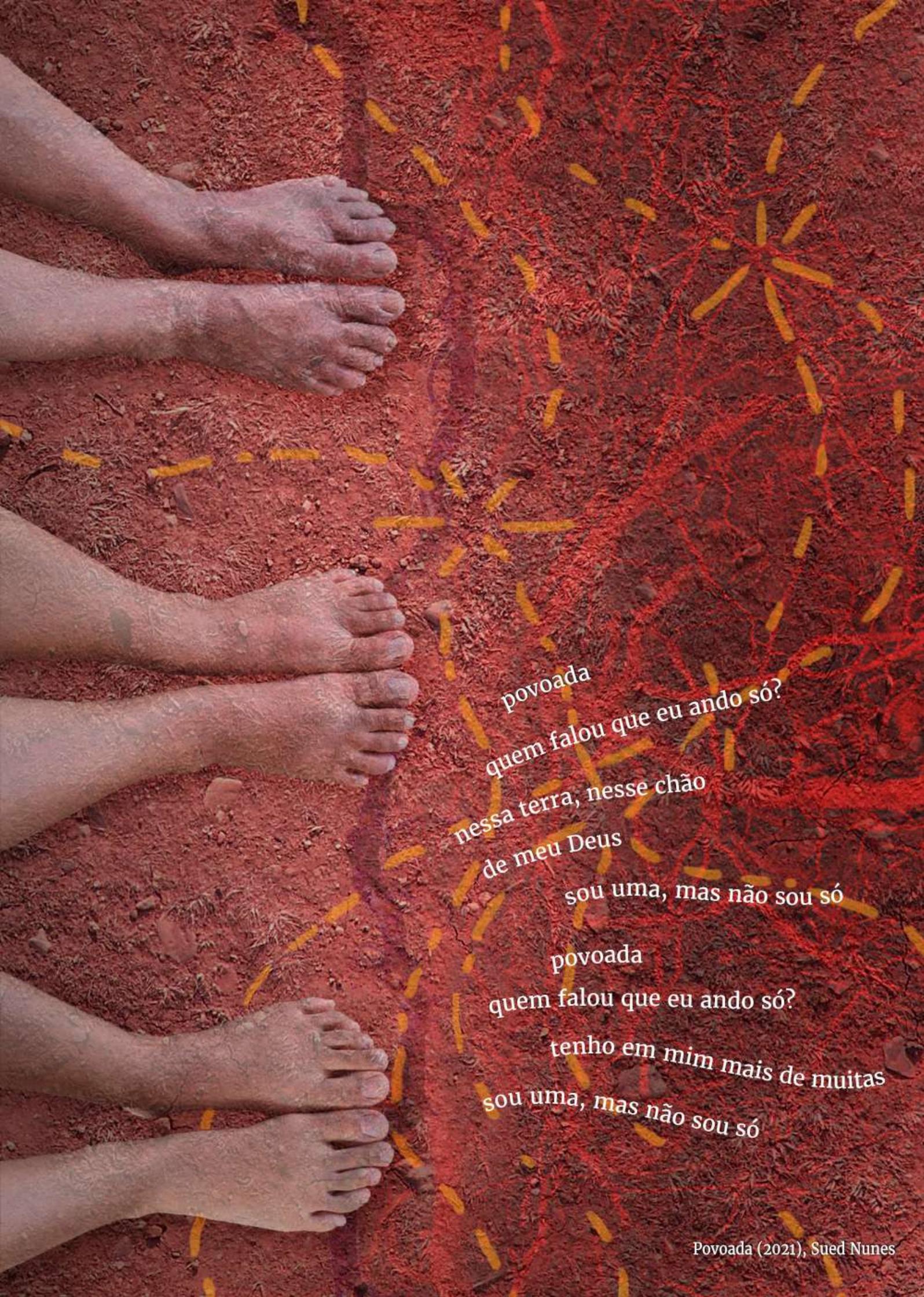
Por isso mesmo, enquanto ela é viva, as casas são dela, podendo ela fazer todas as movimentações de compra, venda, aluguel, numa intrincada logística que não só sustenta o plano final, mas dá a ela a possibilidade de dar suporte financeiro às filhas e netas sempre que é preciso. O novo objetivo dela agora é melhorar as casas mais simples pra deixar a “herança” mais igualitária. Quando eu pergunto do plano dela já ter se consolidado, ela fica matutando: *“fiz tudim, mas se eu vender, se eu comprar pra construir esse terreno... só se eu vender um pra poder fazer a outra [...] é porque a outra é... muito... prum lugar mais ruim”*.

³⁴ Com o falecimento do meu tio, a casa que seria dele, que ainda tava no nome da vovó, vai ser passada pro filho mais velho, agora com 15 anos. Novamente, mesmo que a casa não seja só abrigo, o teto é um alívio em meio aos desamparos.

povoada³⁵

³⁵ Pra ouvir a voz de Sued Nunes, acesse: <https://on.soundcloud.com/SYWmp>





povoada
quem falou que eu ando só?
nessa terra, nesse chão
de meu Deus

sou uma, mas não sou só
povoada
quem falou que eu ando só?
tenho em mim mais de muitas
sou uma, mas não sou só

The image shows a top-down view of a patch of earth. The soil is a rich, warm reddish-brown color. It is sparsely covered with small, dry, yellowish-brown grass blades and tiny, light-colored pebbles or clumps of soil. The lighting is even, highlighting the texture of the ground.

território

“bordando ponto a ponto nosso dia-a-dia”³⁶
fazeres que tecem o território no cotidiano

Na casa da vó do Ceará a gente brincava arruadiada daquele cheiro do grude sendo feito no paperinho esmaltado. Minha vó fazia o grude da goma de mandioca para colar os ursinho que ela recortava das tricoline estampada nas fralda. Depois disso, butava os pano nos bastidor e entregava pra minha tia arrematar na máquina de bordado. Essas cor desmaiada de roupa de bebê sempre fôro a paleta de cores das nossas férias de julho, e foi a zuada das máquina de costura e bordado que viu a gente crescer ali. Taparuaba é a terra do bordado, diz a placa que sinaliza o início da zona urbana do distrito.

figura 12 - praça em frente à atual casa da vó Urçula, em Taparuaba (Sobral/CE)



fonte: meu acervo pessoal, 2021.

³⁶ verso da música A linha e o linho (1983), de Gilberto Gil.

Aprendi a fazer esses aplique em bordado vendo elas trabalhar, inda hoje faço uns passarim dos retalho de pano que sobra das minhas costura. Isso me alembra de várias coisa que já li da Célia Xakriabá sobre a territorialidade que se inscreve no corpo através desses fazeres das mãos. Ela conta de um aluno de arquitetura que, depois de aprender a feitura do adobe com as mestra Xakriabá, pergunta se elas num querem que na universidade eles pense em como fazer aquela tecnologia durar pra vida toda. Diz que a mestra Libertina respondeu que isso era muito perigoso, que é construindo de novo e de novo, de tanto em tanto tempo, que a gente passa o saber da artesanía pra frente, e “é aí que o processo de transmissão do conhecimento não morre” (XAKRIABÁ, 2020b, p.85). Pra mim, os fazeres das mãos³⁷ são assim, carecem da experiência de passar duma pra otra. Num tem tutorial do *YouTube* que dê conta sozinho de ensinar as várias coisa que a gente aprende na convivência e na escuta, atenta, de quem veio primeiro.

Muitos desses saberes, cada um do jeito deles, assentam na materialidade que eles produzem um senso de territorialidade. Quando os corpos das Xakriabá não podiam levar a tintura do jenipapo, por medo da violência nas disputas pela terra não demarcada, foi a cerâmica que guardou em si as pinturas e seus significados cheios de elementos do território: às vezes dando as pareença com as marca duma cobra às vezes dum besouro (XAKRIABÁ, 2020b). Inclusive, Célia conta que foram as urnas funerárias de cerâmica que uns minino encontraram no chão cavucando, como quem num quer nada, que ajudaram na demarcação da Terra Indígena Xakriabá. Dizendo ela que os laudos antropológicos só reafirmaram a intencionalidade dos mais velhos de se plantarem nessa terra, de se tornarem dela pra eternidade.

³⁷ Pra ouvir a voz de Urçula, minha vó, acesse:
<https://on.soundcloud.com/pKL9w>



No documentário *A terra, o canto, as mulheres do Jequitinhonha* (2021), que retrata os saberes de um grupo de [artesanãs do sertão de Minas Gerais](#)³⁸, a gente vê a cultura do bordado, da tecelagem, do plantio, da construção com terra, de benzedadeiras e de rodas de verso, se construindo toda entrelaçada às relações com a terra. Me emocionei demais vendo esse documentário. Foi essa sensação de conhecer o que eu nunca vi, mas ouvi tantas vezes. Como eu disse, minha vó inda pegou o tempo em que na família dela se plantava o algodão, fiava, tingia e tecia. Eu lembro de mandar vários prints, de filmar trechos e mandar pra ela e pra minha mãe, eufórica: *era assim, era assim que cês faziam??* Essas mulheres são guardiãs desses saberes, mas quem cuida de quem guarda? E tem como garantir a perpetuação de saberes tão ligados à terra sem garantir a permanência delas nos seus territórios, a conservação das relações e dos modos de vida neles?

**“a cidade [...] é, em suma (se a poesia pode admitir suma),
mais sentimento habitado que pedra e concreto”
(BRAÚNA, 2017, p. 69)**

De alguma maneira me aqueceu o coração pensar que ali elas tão conseguindo perpetuar esses saber tudo, sei que a duras penas, certamente, mas também me entristeceu calcular como foi que uns saber como esse, na terra da minha vó, virou outra coisa. Em Tapuruaba, ainda se trabalha de bordado denticasa. Da última vez que fui lá perguntei pra minha vovó quantas oficina de costura e bordado grande mermo, sem ser denticasa, tinha lá, e ela me falou que só umas duas. Mas arrisco dizer que em quais toda casa tem uma máquina de costura e/ou de bordado. E nem precisa

³⁸ Pra ouvir a voz das mulheres tecelãs do Jequitinhonha, acesse:
<https://on.soundcloud.com/BzxVY>. O documentário completo está disponível em:
<https://seresrios.org/filmes/a-terra-o-canto-e-as-mulheres-do-jequitinhonha/>



entrar nelas tudo pra saber não, o povoado inteiro zune no som do metal desde manhã cedo até tarde da noite.

Tem uns anos, eu tinha assistido otro documentário, *Estou me guardando para quando o carnaval chegar* (2019)³⁹, e nele sim eu reconheci a Taparuaba do presente ali em Toritama, agreste de Pernambuco. Com pouco mais de 40.000 habitantes, Toritama se diz a capital do jeans: são 20 milhões de peças produzidas por ano, sendo a segunda maior distribuidora nacional, respondendo por quase 20% da produção no país, dizendo um dos orgulhosos *empreendedores* que aparecem no filme. Em Taparuaba, são pouco mais de 6.000 habitantes, um distrito da cidade de Sobral, mas as coincidências tão muito é nas relações de trabalho cada vez mais precarizadas, nas costureiras “autônomas” que engolem todas as horas do dia delas transformando tudo em tempo produtivo, chegando a jornadas de até 18 horas de trabalho. No universo da confecção, a gente chama esse tipo de serviço de facção, que é, basicamente, terceirização, seja do processo todo ou de uma parte dele. No documentário, as pessoas frisam que quanto mais trabalham, mais ganham e se confortam com a “flexibilidade” de serem seus próprios chefes. Em Taparuaba não é diferente.

Como a gente sabe, essa autonomia é bem relativa, essas são condições de trabalho que possibilitam sim muitos modos de vida que não os regidos pela compartimentalização do tempo e dos espaços da vida, mas a quase dissolução de fronteiras entre casa e trabalho, nessas condições de precarização, vêm normalmente às custas da exploração de pessoas, que viram “mão-de-obra” barata, sem receber sequer o justo pelo seu tempo de trabalho, avalie o lucro obtido na comercialização dos produtos que elas põem no mundo. Essas pessoas são, majoritariamente, mulheres não-brancas, claro. Não que eu precisasse do filme pra me mostrar essas relações, na verdade ver e ouvir aquelas imagens da paisagem de Toritama e

³⁹ Disponível sob demanda em: https://youtu.be/vpd1H_GdOqk.

do interior das casas-oficina causou aquele choque de estranhar o que é familiar. Minhas tias trabalham assim desde que eu me conheço como gente.

Na última vez que eu fui na casa da minha madrinha, que já tem sérios problemas na coluna por causa das longas horas sentada na frente da máquina de costura, ela me mostrou a pequena facção dela, dessa vez vi tudo por uma outra perspectiva: agora eu não sou mais só uma criança curiosa, mas uma profissional da área. A facção da minha madrinha, assim como da minha tia, que é vizinha dela, têm de quatro a cinco máquinas que variam entre overloque, reta e bordado. Elas ficam num quarto da casa que tem entrada por fora, diferenciando a circulação privada da pública. As visita geralmente passa direto pra denticasa e se alguém de fora vem pra trabalhar, também não invade a privacidade do interior da casa. Quando eu era criança, essas oficinas não eram espaços que eu entrava com frequência, elas sempre diziam que não era lugar de brincar e mandava a gente pra debaixo dos pé de oiticica.

figura 13 - cena do documentário Estou me guardando para quando o carnaval chegar (2019)



fonte: divulgação, 2019.

Com um dos distribuidores⁴⁰ minha madrinha pega as roupinha de bebê já cortada e faz mais ou menos o serviço que minha vó fazia: põe no bastidor, adiciona uma entretela no fundo, às vezes faz um aplique de outro tecido, que nem vovó, ou borda coisas que nem “príncipe”, geralmente nas blusinhas azuis e verdes, e “princesa”, nas cor de rosa. Depois, a pilha de peça bordada vai pra outra pessoa que fecha as costura da lateral na overloque. Prontas, elas são dobrada, embalada e amontoada em fardos que ficam esperando dar uma quantidade certa que encha um carro, pra já levar direto pra Fortaleza, de onde se escoar a produção.

Tem umas pouca semana, vendo a repercussão de uns desfiles da *Paris Fashion Week*, as peças que eu vi me fizeram pensar imediatamente nessa separação do corpo e do fazer, desterritorializando ele. O desfile que eu tô falando é da coleção de alta costura da marca holandesa *Viktor&Rolf*, intitulada *Late Stage Capitalism Waltz*. Nele a gente vê camadas e camadas de tule que parecem reproduzir o luxo em um sonho anacrônico de delicadeza e feminilidade, com uma modelagem bem do século XX. Só que aí em certo ponto do desfile, as roupas começam a vir cada vez mais apartadas do corpo, indo em todas as direções, materializando a alienação do sistema capitalista que o título da coleção faz referência.

⁴⁰ O empresário pra quem minha madrinha trabalha desde sempre, mas não tem qualquer vínculo empregatício, claro, mora em Fortaleza e só vai lá de vez em quando (qualquer semelhança com a história dos meus avós, não é coincidência). A função de Etevaldo, o caixeiro viajante que distribuía as peças nas cidades vizinhas na época da minha vó, foi substituída por *empresários* que agora distribuem as peças a partir de centros urbanos maiores como Sobral e Fortaleza.

figura 14 - cenas do desfile da Viktor&Rolf, *Late Stage Capitalism Waltz*



fonte:

<https://www.viktor-rolf.com/collection/haute-couture-late-stage-capitalism-waltz-spring-summer-2023>.

Bom, é uma marca europeia de alta costura, ou seja, o supressumo do luxo e da exclusividade, um consumo ligado evidentemente à demarcação de status social. Só que mais do que refletir sobre as contradições das possíveis mensagens desejadas pelos criativos da marca, essas imagens me levaram a fazer outras conexões. A alta costura francesa foi institucionalizada em 1910 através da criação de um sindicato que passou a determinar uma série de regras pra você ser uma *maison* certificada, dizendo eles, com o objetivo de *proteger e conservar* os fazeres usados na confecção de uma roupa, recebendo o status de obras de arte. Não por acaso uma das regras é ter um ateliê em Paris, mas não em qualquer canto da cidade, ele tem que estar localizado especificamente no triângulo de ouro: nas avenidas *Champs-Élysées*, *George V* e *Montaigne*. Um dos princípios artísticos da alta costura é a exaltação das técnicas feitas à mão, do *savoir-faire*, saber fazer. Só que a verdade é que o objetivo da instituição é proteger um certo senso de nacionalismo, claro. Mesmo que com uma certa sazonalidade a gente veja essas grandes marcas se apropriarem de fazeres sabidamente de outras culturas do mundo inteiro,

seja através de modelagem típicas, estampas, técnicas e materiais, às vezes disfarçado de homenagem, às vezes nem isso.

E porque isso importa? Por que trazer um desfile de alta costura assim junto e misturado com as facção dos sertões brasileiros em um mestrado em Arquitetura e Urbanismo? Justamente pra explicitar como o abismo criado pela colonialidade, em suas diversas facetas, se reinventa e se perpetua através das gerações demarcando geografias de poder (MASSEY, 2008). A comparação entre um e outro mostra as distâncias abissais que a colonização impôs: enquanto países como França e Itália têm seus saberes referenciados, protegidos e valorizados, elevados ao status de obras de arte, inventariados em museus; nossos bordados e rendas sertanejas, pra citar algumas técnicas, são não só desvalorizadas, mas desterritorializadas, substituídas pela rapidez de um fazer da produção em massa, levando pra longe não só as peças produzidas, como o dinheiro também.

Tá lá naquela placa que marca o perímetro urbano: “Taperuaba, terra do bordado”. E de fato a renda de grande parte da população do distrito vêm dessas facções, mas será que o que é produzido lá hoje num poderia vir de qualquer outro lugar? Simone Weil (1996) trata de desenraizamento como um mal provocado pelo modo de organização capitalista da produção. Ainda que as obras teóricas dela sobre este tema estejam muito apoiadas na experiência do *chão-de-fábrica*, especialmente na vivência dela na França ali por volta dos anos 1930, acredito que ela contribui pra pensar também as novas dinâmicas de produção marcadas pela terceirização. Ela descreve um sofrimento ético-político que não é individual, mas coletivo, à medida que um senso de coesão e legitimidade social se dissolve (WEIL, 1996). Esse processo de dissolução viria de uma contínua simplificação e fragmentação das atividades, além da pressão pra alcançar um ritmo de produção delirante, sob a constante ameaça de perder as relações de trabalho se as metas não forem cumpridas.

Pra caminhar no sentido contrário, o de enraizar, Simone Weil (1996, p. 411) acredita numa “participação real, ativa e natural numa coletividade que conserva vivos certos tesouros do passado e certos pressentimentos do futuro”. Voltando pra Célia Xakriabá (2020, p.83), ela diz que “Nem dá para separar essa relação com o território e com as pessoas mais velhas. O mesmo respeito que tenho com o território, tenho com as pessoas mais velhas, quase uma só totalidade”. E que a relação que ela foi criando com o território e com as pessoas mais velhas foi muito mediada pelos fazeres das mãos. No processo de aprender a costurar, a bordar, a tecer, a trançar a palha, a moldar o barro, a gente vai aprendendo tanto que o objeto pronto, se isolado, descontextualizado, desterritorializado, vira só um objeto. Pra Célia, a reflexão sobre o corpo e o território nasce exatamente da escuta e das relações que a gente vai consolidando com ela.

escrevo enquanto ouço o piado dos pardal
o canto do tetéu e a zuada do vento nas folha dos oiti

Revisitando meu diário de pesquisa, já morando em Salvador, li essa frase e ri. Fechei os olhos agora, de onde escrevo, rua oito de dezembro, na Graça: ouço o som das britadeira feroz nas infinitas obras que acontecem na Oito. Quando elas param, consigo ouvir o zumbido rouco do ar condicionado do prédio vizinho, uma parede branca com pequenas janelinhas da área de serviço que é a vista da minha janela. Mas aí me alembro de quando tava na casa da vovó, da gente folheando os álbuns de foto dela, quando achou uma foto do meu pai em uma área de manancial, às margens da represa Billings, onde a gente morou em São Paulo. Vovó me perguntou, descrente: “e São Paulo tem mato dêxi jeito?!”. A surpresa dela me fez pensar nesse imaginário de cidade grande onde tudo é pedra e concreto, onde, como diz Célia Xakriabá (2020b), se esconde tanto a terra pras pessoas perderem a relação com ela como parente.

Tem dias que nesse apartamento mermo eu acordo com o gralhar irritante de uma cambada de curica, ou tomo café da manhã ouvindo o som agudo dos soim, que aqui chama de mico, passeando pela fiação com a família inteira nas costa. Os sons vão mudando com as estação⁴¹ do ano, tem um pássaro misterioso que canta na mata que tem aqui detrás, que se eu me recostar na janela do quarto e olhar pro lado, consigo ver o verde que ainda tem escondido no fundo do quintal dos prédio. Já gravei áudio pra mandar pro meu padrinho, pra ver se ele me diz o nome do passarim. Esqueci de enviar. Quando cheguei em Salvador também me espantei de ver os João-de-barro fogueiós passando no gramado do Cristo, fazendo quais condomínio nos poste. Se a gente olhar com atenção, ouvir, perceber com todos os sentidos, a gente vai dando conta das vidas não-humanas que habitam a cidade, que vão muito além de gato, cachorro e barata.

⁴¹ Pra ouvir o canto do sabiá laranjeira, acesse:
<https://on.soundcloud.com/1tWai>



figura 15 - papai às margens da represa Billings, São Paulo



fonte: acervo pessoal de Urçula.

No livro *Comunidades e famílias multiespécies: aportes à saúde única em periferias* (2021), organizado pelas professoras da USP Oswaldo Baquero e Érica Peçanha, se fortalece, a cada capítulo, partindo da perspectiva de bairros periféricos de São Paulo (SP), o caráter multidimensional e multiespécie das relações de convivência nos territórios. Ao contrário do que possa parecer a uma leitora desavisada, o foco na saúde que o título traz, não elimina suas contribuições pro campo dos estudos urbanos. Na verdade, a composição dos autores de diversos campos demonstra por si só, não apenas um cruzo entre as áreas da saúde, ciências humanas e ciências sociais aplicadas, mas dissolve a própria ficção de uma fronteira entre elas.

“refletir sobre a noção de saúde única como paradigma de interdependência entre a saúde humana, animal e ambiental (BAQUERO, 2021) implica também em se debruçar sobre as estruturas de poder que configuram e modulam as relações dos seres humanos com outros seres e o ambiente”

(SIQUEIRA JÚNIOR; GONÇALVES; DOS SANTOS, 2021, p. 305)

No movimento desta pesquisa, a escrita, as conversas e o conteúdo delas, tudo vinha sempre misturado com a convivência, nem sempre harmoniosa, entre plantas, animais, corpos d’água, etc. Do lavar roupa no rio quando minha vó recebeu a notícia que o marido tinha se afogado; de esperar chuva que num vinha e ir procurar roça n’otro canto; ou o medo do açude romper e invadir a casa, que ainda persiste. Já mamãe, do que ela se alembra de Carnaubinha, por exemplo, o principal é das vacas, Metal e Asa Branca. Ela diz que Metal era a preferida dela, que era mansinha e deixava ela fazer carinho nos chifre. Dos mais antigos companheiros da família que vovó dá conta é o cavalo Cavalo, primeiro bicho que o pai dela “teve”, dos tempo que

virou vaqueiro. E tem os pé de oiticica, sombra pra todas as gerações brincarem lá no Siará.

Eu mesma quando penso na minha casa de infância, eu lembro de todos os pé de pau que tinha no cercado dos meus avós, que morava de com frente com a gente. O maiorzão era o de laranja-da-terra, rodava era muito de bicicleta embaixo dele; aí tinha o pé de urucum, que a gente se atrepava lá à tardinha pra catar as frutinha só pra abrir elas e brincar com a tintura das semente vermelha. Mamãe morria de raiva, tinha acabado de banhar nós e a gente voltava da vó cheirando a besouro; aí tinha o pé de acerola, que a gente tinha que ficar de olho antes delas vermelhar demais pra num deixar cair no chão e perder pras galinha; e as bananeira que vovó plantou por detrás do banheiro, pra aliviar a fossa. Tinha também o pé de laranjeira no fundo do quintal lá de casa, que era nosso avião-invisível-da-Mulher-Maravilha ou um trapézio de circo, e que eu ia visitar escondida no período que ele se enchia de lagarta e mamãe num deixava a gente descer pro quintal. Ficava lá sozinha olhando de perto, curiosa, como era que aqueles bicho se enrolava na folha pra fazer uma casinha assim tão pequena pra eles.

Nessa merma tarde em que eu e minha vó a gente achou a foto do papai, a gente tinha sentado junta pra olhar todos os álbum de foto dela. Tal hora eu perguntei que casa era aquela na foto, eu sempre tinha visto aquele *cenário* em várias fotos que tinha lá em casa, eu achava que era lá no interior, na zona rural, e na verdade era a primeira casa que ela morou na cidade, na *rua*. E a pista que ela tinha pra se alembrear disso, de que casa era, sem quais nenhum outro detalhe, foi os pé de bananeira que ela sabia que era daquele quintal, além do lajeiro de pedra que elas tão em cima.

E aí veio outra foto que era uma do meu tio mais novo atrepado num muro com um pé de pau atrás, também meio borrada e fora de foco e, perguntando de novo onde era a foto, ela disse: *“foi lá no bairro mermo, foi que eu me lembro que tinha um pé grande pra lá de trás do muro e ele tirou, atrepava os pé*

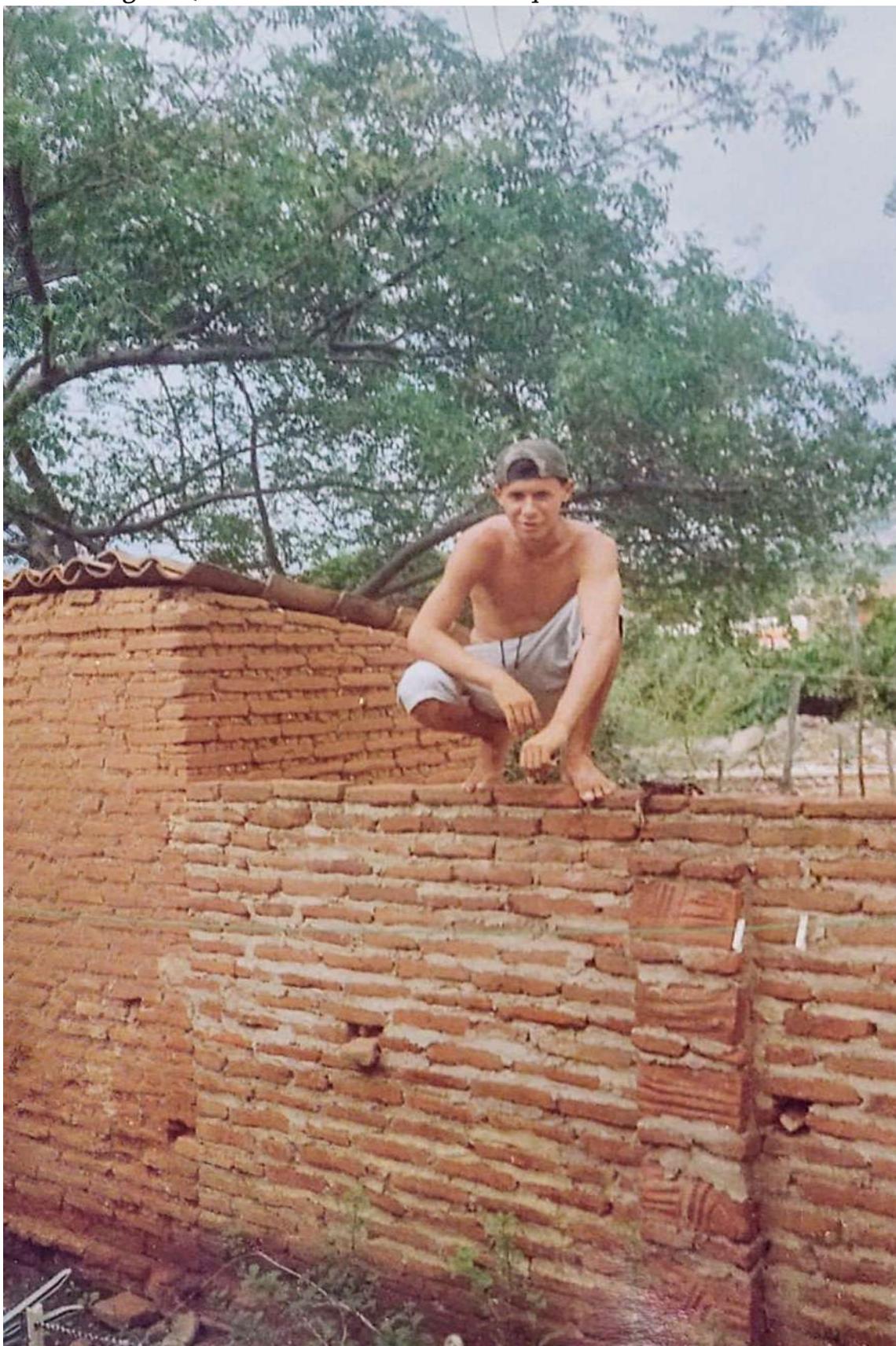
no muro, aí ele tirou atrepado no muro (risos) essas planta é da Toinha do Zé Luca que tinha lá atrás... êxi banheiro véi aqui é da Antônia do Zé Luca, do finado, do Hugo... o nosso era pra cá, dêxi outro lado, num sei [...] acho que era cajarana na mia mente, ou é siriguela, num sei, acho que é siriguela”

figura 16 - Da esquerda para a direita, mamãe, ti Antônio José e vovó em cima do lajeiro; em segundo plano, pés de milho, pé de almendra e bananeiras



fonte: acervo pessoal de Urçula.

figura 17 - ti Gê em cima do muro do quintal da casa do *Bairro*



fonte: acervo pessoal de Urçula.

Além do pé de pau, a outra informação na foto que me chama atenção (além desse negócio misterioso à esquerda do meu tio, atrepado no muro junto com ele, que eu me pergunto se é um bicho ou o quê), são as marcas de dedo nos tijolo do muro que ficaro virado de banda. Essas marcas me levam de volta pra Célia Xakriabá (2020b) falando do corpo-território a partir do barro e da cerâmica. Todos esses elementos são testemunha também de um jeito de morar que vai além das quatro paredes da casa, se estende pro quintal, pra vizinhança, e é povoado por, seres humanos ou não, numa composição que a gente só arrepara quando olha mais de perto (BORGES, 2013).

Dénètem Touam Bona (2020, p.10-11), contando da cosmopoética como uma forma primeira de ecologia, diz dessa “apreensão do mundo como totalidade viva, a intuição de que todos os elementos que nos cercam, nos atravessam e nos compõem - o vegetal, o mineral, a água, o ar, as ondas magnéticas - se correspondem, se entrelaçam e formam um único [...] conjunto de tudo que vibra”. Pra que a gente perceba novas formas de viver uns com os outros, modos interespecies e interecológicos (MCKITTRICK, 2021), Fabio Rubio Scarano (2019) aponta pra uma necessidade de diálogo entre sistemas de conhecimento vindos de diferentes cosmovisões. Em consonância, Silvia Rivera Cusicanqui (2018, p.90, tradução nossa)⁴² afirma que “é necessário retomar o paradigma epistemológico indígena, uma epistemologia em que os seres animados ou inanimados são sujeitos, tão sujeitos como os humanos, embora sujeitos de uma natureza muito outra”.

Quando a gente reconhece que as plantas e otras espécies animais, e não só, não são externalidades, mas um contínuo, essa discussão multiespécie se torna alimento pra construir políticas e éticas de coabitação seja nas cidades ou otros territórios (SIQUEIRA JÚNIOR; GONÇALVES; DOS SANTOS, 2021). O

⁴² texto original: “Por eso es necesario retomar el paradigma epistemológico indígena, una epistemología en la que los seres animados o inanimados son sujetos, tan sujetos como los humanos, aunque sujetos de muy otra naturaleza.”

Bem Viver, e suas diversas noções irmãs na América Latina, têm sido sustento fecundo pra isso. Nelas habita “uma concepção de mundo em que o território, enquanto espaço de vida, é a medida para todas as coisas e, portanto, tem um valor intrínseco e independente da utilidade que tem para o ser humano” (ibidem, p.318). Para essas noções, “a totalidade da vida e das relações que conformam as comunidades e os territórios se articulam a partir de uma complexa cadeia de negociações e convívio, aportes entre espécies, seres e entidades próprias de cada cosmovisão e espiritualidade” (ibidem, 2021, p.318).

A gente, como nenhuma espécie, vive isolada das otra, nem de tudo o mais que faz parte desse todo. Então, acho que pra além de usar uma “ótica multiespécie” para produzir conhecimentos, como Danilo Pereira Sato (2021) propõe, a gente precisa é construir políticas, éticas e estéticas antiespecistas⁴³ pra pensar os territórios. Promover condições que fortaleçam a autonomia numa escala local pra que cada comunidade possa determinar seus próprios critérios do que seria seu bem viver, já seria uma boa pista de como talvez assegurar que a sustentabilidade da vida, humana, animal, ambiental, seja preservada (SIQUEIRA JÚNIOR; GONÇALVES; DOS SANTOS, 2021). A gente precisa demais pensar ecologias que nos permitam refletir sobre as possibilidades de coexistência e os impactos dela nas nossas condições de vida, e essas são também tarefas pro campo dos estudos urbanos.

“penso que o nosso trabalho é fazer com que o Antropoceno seja tão curto e tênue quanto possível, e cultivar, uns com os outros, em todos os sentidos imagináveis, épocas por vir que possam reconstituir os refúgios”

(HARAWAY, 2016, s.p.)

⁴³ trago o termo *antiespecismo* do veganismo político. Especismo é uma forma de discriminação que subjuga outras espécies em detrimento da nossa, a *homo sapiens*, muitas vezes usando de argumentos quaisquer para validar a exploração ostensiva de outros seres.

a fartura sempre foi de gente **redes de cuidado que criam infraestrutura**

Se eu fechar os olhos agora ainda dá de ouvir baixinho o chiado das folhas secas que a brisa quente varre depois de lambendo o rosto da gente no sertão. Daí imagino vovó miúda e o estalar dos galhos debaixo dos pés descalços dela correndo ansiosa pra chegar na casa de dona Coló, uma vizinha de vereda. Vovó era a filha do meio, mas eu digo a do meio mesmo: os pais dela já tinham sete filhos quando ela nasceu em 1944, no Pitingão, zona rural de Uruburetama (CE). E eles não sabiam, mas ainda ia vir mais sete, mesmo que num vingasse todos. As irmãs mais velhas sempre levavam ela quando iam buscar água no cacimbão. No caminho, a casa de dona Coló era parada obrigatória e elas seguiam religiosamente o mesmo rito: Urçula abria o sorrisinho gaiato *a-bença-dona-coló* já ripuxando a saia do vestido de algodãozinho pra usar de cumbuca enquanto dona Coló, *nossa-senhora-que-te-abençoe*, ia enchendo o vestido da menina de biscoito. No cacimbão, enquanto as mais velhas se revezavam no puxar de água no balde, a pequena, de barriga cheia, fazia danção na sombra das oiticicas.

a infraestrutura nas entranhas do Brasil é de gente, e não só, como em tanto **lugar desse mundo**

Se hoje a fome voltou a ser assombração na vida desse país, que ela é fenômeno político e não natural⁴⁴, naquele tempo, mesmo quando o Estado chegava, vinha com políticas que hoje a gente sabe equivocadas. O discurso de “combate à seca”, nós pesquisadoras, temos substituído pelo investimento em estratégias de coexistência com nossos biomas,

⁴⁴ Quem inventou a fome? Os que comem! Disse Carolina Maria de Jesus. Recomendo a reportagem de Manuela Rached Pereira: *No sertão a fome não vem da seca*. Disponível em: <https://ojoioeotriago.com.br/2022/05/no-sertao-a-fome-nao-vem-da-seca/>.

especialmente nos últimos anos com as mudanças climáticas trazendo pra vida da gente experiências cada vez mais extremas. Esse tipo de política de governo, insensível à diversidade de todo tipo, cimentou as profundas desigualdades regionais que estruturam o Brasil como ele é hoje.

Mas desse tempo o que minha vó me conta num é de mazela nenhuma, é da lembrança doce de dona Coló e da frescura da sombra das oiticica onde ela brincava. Na qualificação I, já bem me alertou Gaia de não autopsiar as histórias, mas tentar fazer pontes que se consolidassem por outras experiências que não a dor. No livro derivado da tese dela, Gaia cultiva a ideia de que “os territórios que se constituíram em detrimento do Estado e do mercado, ou mesmo com a conivência de ambos, formularam-se tendo não a escassez como parâmetro, mas o acúmulo”(PEREIRA, 2019, p.36). Um acúmulo de questões nunca superadas, sobrepostas no território que vai dando forma à sua existência.

Quando AbdouMaliq Simone (2004) teoriza sobre a “colaboração entre os residentes aparentemente marginalizados e empobrecidos pela vida urbana” (SIMONE, 2004, p.407, tradução nossa)⁴⁵, estendendo a noção de infraestrutura - geralmente entendida em termos materiais, como estradas, saneamento básico ou redes de energia e internet - para as redes de relações desenvolvidas pelas pessoas no território, ele fala que essas duas esferas, da infraestrutura material e social, teriam em comum a provisão de meios para tornar a cidade produtiva, reproduzindo e posicionando seus residentes, territórios e recursos de modo que a energia dos indivíduos possa ser mais eficientemente explorada. Matutando sobre como transpor o conceito de “pessoas como infraestrutura” pros territórios do Brasil em sua extensa diversidade, me lembro das narrativas que atravessam quais tudo que minha mãe e minha vó contam. Do suporte mútuo entre família, vizinhos e

⁴⁵ texto original: “collaboration among residents seemingly marginalized from and immiserated by urban life”

conhecidos, em um contexto onde a fartura era sobretudo de gente, ou, como diz Emicida (2022), “tudo, tudo, tudo, tudo que nois tem é nois”.

Quando moravam na Fazenda Carnaubinha, minha vó pegava serviço de bordado e costura pra fazer à mão. Se o serviço era muito trabalhoso, ia até a casa duma vizinha que emprestava a máquina de costura à manivela. Quando, já viúva, Urçula se mudou pro *Bairro* com seus filho que ainda num tinham migrado pra São Paulo, e novamente são as pessoas da vizinhança que amparam ela

Vanessa: quando vocês se mudaro já era issaqui tudo né? até aqui

Urçula: “era, ela só num tarra rebocada”

Vanessa: cês se mudaro ainda tava no tijolo cru?

Urçula: “tarra, sem energia ainda, uns mês sem energia, passei três mês sem energia”

Vanessa: passou três meses sem energia??

Urçula: “passei três mês sem energia!”

Vanessa: hm.. e fazia como sem energia? (risos) num tinha nada que precisava de energia?

Urçula: “tinha nada não”

Vanessa: darra de noite butarra as vela, os candieiro é?

Urçula: “eu num sei, acho que eu butei um bico de luz lá no Zelu, acho que foi”

Vanessa: um bico de luz aonde?

Urçula: “finado Zelu, do vizinho, só tinha ele lá, o Zelu”

Vanessa: aí cê puxou de lá foi?

Urçula: *“foi, um bico de luz, até eu butá minha energia”*

Vanessa: *só pra butá a geladeira, alguma coisa... cê tinha geladeira nesse tempo né?*

Urçula: *“tinha geladeira não”*

Já pra minha mãe, o cuidado veio também como trabalho. Quando ela tinha uns 15 ano, butô na cabeça que ia morar com a vó, mãe do pai dela. Mamãe tinha perdido o pai quando tinha 10 anos e sentia falta de uma relação mais próxima com a família dele. Ela tinha também uma curiosidade por Fortaleza, o desejo de morar numa cidade maior, conhecer possibilidades que ela num tinha imaginado ainda. Minha vó deixou ela ir, e de primeira ela ficou um tempo lá de perna pra cima no João XXIII, bairro periférico na região oeste de Fortaleza. Mas passado uns meses, uma tia dela, que também morava na capital, fez a ela uma proposta: a mulher tinha uma filha pequena com paralisia cerebral e se Luzia fosse morar com elas e ficasse responsável pelo cuidado da menina e da casa⁴⁶, pagava a mensalidade de uma escola particular do bairro dela, o Antônio Bezerra, já nos limites do município de Fortaleza.

Minha mãe aceitou e se mudou pra casa da tia. Durante os dois anos que morou em Fortaleza, mamãe disse que foi duas vezes ver o mar: uma vez na Praia do Sol, outra na Praia do Futuro. Ela lembrou disso vendo a foto dela, já carcomida pelo tempo. Ela conta: *“num tinha direito de ficar... ficar assim assistindo televisão sem.. (risos) tinha que tá sempre fazendo coisa. Se eu num tivesse pegando na minina, tava lavano a louça, tava lavano as ropa...[...] tava lá pra estudar e... aí pra mim fazer os dever tinha que fazer de noite, no horário que a menina tava [dormindo]”*. O acordo com a tia durou um ano, já no ano

⁴⁶ Pra ouvir a voz de Luzia, minha mãe, acesse:
<https://on.soundcloud.com/8Ch2T>



seguinte os tios disseram que o gasto tava insustentável e transferiram ela prum colégio público, enquanto ela seguiu fazendo o mesmo trabalho de antes. Lá ela ficou até 1987, voltando pra Taparuaba antes do fim ano letivo, sem terminar a quinta série.

Alguns anos depois, apareceu por lá uma mulher que vinha de São Paulo buscando uma “dama de companhia”, como mamãe que diz que chamava na época, para cuidar da mãe dela já idosa: *“eu quero uma pessoa do norte que queira uma coisa séria porque esse pessoal da cidade hoje em dia não quer nada com nada”*, arremedou minha mãe. A mulher tinha vindo pro Ceará de combinado já feito com uma tia de Urçula que morava em São Paulo há muitos anos, e ia levar uma prima de Luzia, só que na última hora a mãe da menina se arrependeu e disse que não deixava mais. Sabendo da conversa, mamãe de pronto se dispôs a ir no lugar da menina. Já fazia quase um ano que ela se correspondia por carta com um rapaz, meu pai, que ela conhecia desde criança e que agora tava trabalhando lá em São Paulo. Vovó já sabia que não adiantava dizer não então deixou a menina ir, mesmo sendo menor.

Lá chegando, em Jaçanã, não demorou muito, coisa de duas semanas, a senhora que a mamãe foi tomar conta faleceu. *“Aí a tia[-avó] Alcídia falou assim ‘É, tu já tá aqui, veio pra trabalhar, então se tu quiser trabalhar pode vir aqui pra casa, mas pra trabalhar. Já tô dizeno pra você se arrumar, porque aqui em São Paulo todo mundo trabalha’.*” Ela arrumou trabalho pra Luzia numa oficina de costura na mesma rua que ela morava, uma facção que fazia serviço terceirizado, mamãe conta: *“tinha uma senhora que era do nordeste, chamava nortista, ‘tu é nortista? Eu também sou nortista, vou te dar uma oportunidade’. [...] E aí a primeira vez eu fiz o teste, né? Porque eu nunca tinha pego numa máquina de costura industrial aí... [...] como eu já tinha um pouco de prática, então o primeiro teste era montar uma peça, né? E eu consegui, demorei muuito mas eu consegui [...] acho que era uma saia, uma coisa que tinha que pregar um zíper. Eu sei que eu tive dificuldade porque a bicha era... A máquina,*

nunca tinha pego uma máquina daquela. Mas aí ela também teve paciência, sabia que eu também precisava”.

figura 18 - Luzia, a tia e a prima na praia do Futuro, Fortaleza, 1985



fonte: acervo pessoal de Urçula.

Acho que cabe dizer ainda que, a partir da minha experiência, o quanto é perceptível nossa independência, digo do meu núcleo familiar, dessas redes quanto mais a gente ascendia financeiramente, comprovando de certo modo também a teoria de Simone, já que essa ascensão é social e dá acesso a infraestruturas institucionais, especialmente as privadas, deixando assim a gente cada vez menos dependente das redes de infraestrutura feitas por pessoas. Além do mais, acho importante também salientar que essas redes

não se dão só na base da solidariedade limpa e seca, sem conflitos, mas na verdade a partir de interesses também individuais e trocas em um sistema de beneficiamento mútuo e instável (SIMONE, 2004). Pensar a relação entre a produção do espaço urbano e as políticas de cuidado, que, afinal, são as políticas da vida, passa por entender que o paradigma hegemônico moderno suprimiu, ou tentou suprimir, outras formas de vida e de produção do espaço (PEREIRA, 2019).

“o mundo existe

fora dos mapas

é grande

é bonito

e é feio

vovô me disse”

(VIANA, 2017, p.52)

A hand holding a machete vertically. The background is a dense pattern of red leaves. A large, semi-transparent orange circle is centered behind the text. The machete has a long, curved blade and a handle with a brass rivet.

“medo nós tem, mas nós num usa”



facão-agulha-caneta

facção-agulha-caneta

Depois de contar tanta história, e deixar outras tanta guardada na gaveta, achei pelo certo de oferecer àquelas que aqui se dedicaram a esta leitura um vislumbre das ferramentas, dos dilemas e de algumas teóricas que foram dando corpo e suporte a esta pesquisa, não como uma indicação de caminho a seguir, mas pra compartilhar os percursos e percalços com aquelas que tão caçando rumos outros por onde se embrenhar. Baquero (2021) diz que a construção e a desconstrução de saberes é uma prática que muda a prática, uma metaprática. Então, eu digo que grande parte desta pesquisa tornou-se também uma metapesquisa, buscando rastros de como pesquisar dentro da universidade sem que a gente precise abandonar a bagagem que a gente carrega, especialmente porque carrega no próprio corpo, que não dá pra deixar pra trás.

é o corpo que conduz a palavra

Tem palavra que a gente guarda e ecoa na gente por muito tempo. Lume, uma irmã que generosamente me abre tantos caminhos, me disse, quando eu ensaiava entrar na pós-graduação, que as pessoas que ela melhor viu atravessarem o espaço-tempo da universidade foram aquelas que não abriram mão de si durante o percurso, que não vivenciaram *a academia* como o centro e sentido da própria vida. Eu me agarrei a essa pista como conselho pra sobreviver inteira, ou tentar, nessa jornada pra dentro da barriga da fera. Tantas vezes me perdi desse conselho, por sorte reencontrei ele a tempo.

Depois da qualificação I eu precisei de um respiro, desadormecer o corpo, de aprender com a ponta dos dedos, das mãos e dos pés, uma ruma de coisa que me torna cada vez mais nítido que até existem modos de atravessar a barriga

da fera sem se transformar em merda, mas que há sempre o risco de ser mastigada só pela audácia da tentativa. Eu precisava que as palavras que me foram ditas em todo o percurso até aqui não só ecoassem no fundo da cabeça, mas que elas vibrassem no movimento da própria vida, do corpo, que é disso que essa travessia aqui se faz, experiência vivida. Estar sentada dencasa na frente de uma tela de computador num me daria os mesmos pipocos que a cabeça dá no encontrar gente, bicho e tudo que é vivo, mesmo que num pareça aos nossos olhos muito bem colonizados.

Com um tanto de culpa, essa herança judaico-cristã maldita (GUERRERO ARIAS, 2010), na minha mente que o semestre pós qualificação I era um hiato na dissertação, mesmo finalizando naquele semestre meu primeiro tirocínio, virtualmente, na disciplina de Introdução à Arquitetura e Urbanismo, com a professora Gabriela Leandro (Gaia). Resolvi ter de novo a experiência, dessa vez presencialmente, na disciplina de Estudos Sociais e Ambientais, com Thais Rosa. Aprendi com elas, e as referências que mobilizamos, um tanto de coisa pra pensar sobre nossos campos de estudo, sobre territorialidades mais-que-humanas e além. Aindassim, me sentia culpada, num escrevi artigos, **apenas** uma centena de páginas de um diário de pesquisa; num fiz imediatamente todas as leituras que tinha previsto, fui lendo errática e freneticamente ficção, poesia e otros tantos textos que me despertavam desejo; num encarei mais um “*campo*” com gravação e tudo mais, só aproveitei, atenta, a presença das minhas nos momentos que pude tá em Casa.

Nesse período, toda semana, dediquei um tempo pra aprender o bordado barafunda no Terreiro São Jorge Filhos da Goméia, e foi nessas oficina com mãe Laís que aprendi grande parte do que me sustentou de pé esse ano. Como diz a Célia Xakriabá (2020b), quando a gente senta pra receber das mais velhas esses saber das mãos não é o só o objeto que a gente aprende, é tanta coisa no processo que é capaz de se esquecer como faz o bordado, mas

num esqueço o que aprendi lá. Fui também aperfeiçoando minha costura nesse tempo e vi isso deixar minha vó bem mais orgulhosa do que dá notícia da pesquisa que tinha ela no mei. Fiquei ariada, mais uma vez caindo nesse conto da separação entre uma coisa e outra, como se o saber das mão e dos livro num fosse tecnologias contíguas de aprendizagem. A sorte é que Narla, que me acompanha na terapia, não me deixa cair nessa conversa; nem Célia (2020b), nem Silvia (2019), nem bell (2017), nem Gloria (2000), pra dizer de algumas.

“a colonialidade da alteridade constrói dicotomias e polaridades [...] a natureza como ‘o outro’, e oposto da cultura; o corpo da alma; a afetividade e as emoções da razão; o feminino do masculino; o privado do público; o manual do intelectual”

(GUERRERO ARIAS, 2010, p.88, tradução nossa)⁴⁷

É justo por isso que me deleito em me valer como fontes privilegiadas, e vitais, das memórias de minha mãe e minha vó, que guardam em si informações do mundo, assim como um dia me guardaram. Eu penso que isso me ajuda ainda mais nesse desvio, num sabe? Esse desejo semeado desde o dia em que percebi que o acordo tácito de status do saber que a universidade me oferecia vinha às custa de abrir mão das linguagens e dos saberes que as minha me legaro.

Na qualificação I Cíntia Guedes, muito da certa, me recomendou a qualificação da tese de Dora Moreira. Depois da quali ela me enviou um e-mail que era pra ter o texto em anexo, mas ele num veio. Quiçá o mistério

⁴⁷ texto original: “La colonialidad construye dicotomías y polaridades [...] la naturaleza como “lo otro”, y opuesto de la cultura; al cuerpo del alma; a la afectividad y las emociones de la razón; a lo femenino de lo masculino; a lo privado de lo público; a lo manual de lo intelectual.

havia de querer que aquelas palavra num chegasse pra mim como caracteres, mas encarnada. Meses depois, Lume me apresentou Dora, encontrei ela tomando um açaí com Cíntia na orla e me liguei que era a mermíssima Dora. Passei a encontrar ela toda semana no tal curso de bordado e tal hora me alembrei de pedir os texto. Acho que demorou pelo menos um mês pr'ela me passar, e quase dois p'reu começar a ler. Mar bateu tão certo quando li que era bem na hora que eu precisava mermo. Eu devorei o texto e ele me devolveu sentido, tomei gosto de novo pela escrita. Como diz a Dora (MOREIRA, 2023, no prelo), os encontro e as conversa parece que eles vão é na frente.

“tudo com Tempo tem tempo”⁴⁸

Zaraê (2020), Bloco Afro Bankoma

E aí veio o entramelado dela, que também é do jeito que eu consigo escrever, as línguas que a universidade num fala, mas que são as nossas, apoiadas em hooks, Anzaldúa, Lorde e em tantas outras que nem sei. Foi difícil demais voltar às palavras duras que eu já tinha escrito. Muitas eram tão pontiagudas que parece que me cortavam ao toque, muitas aqui ainda me cortam. São cacos de espelho que me mostram o que eu não queria ver/ser. Anzaldúa (2021) diz que ao assimilar as outras, a academia também as dizima porque a gente acaba usando contra nós mesmas as distorções das teorias e conceitos que a gente internaliza.

“a colonialidade já não opera somente no estrutural, desde a exterioridade e através de suas instituições e seus aparatos repressivos, mas se instaura no mais profundo de nossas subjetividades, dos imaginários, da

⁴⁸ Pra ouvir a voz de Lumena, acesse: <https://on.soundcloud.com/Du1AR>



sexualidade e dos corpos, para nos fazer cúmplices conscientes ou inconscientes da dominação”

(GUERRERO ARIAS, 2010, p.87, tradução nossa)⁴⁹

Desaprender isso, se é possível... no tempo da dissertação é curto demais. Pra mim é um exercício quase pendular, quando eu penso que eu fui, eu já tô voltando de novo. Tem hora que eu me leio uns dia depois de ter escrito e reviro ozói vendo que eu titubiei de novo. E tem horas que me leio e o coração se faz cheio de amô. Difícil demais me desvencilhar na escrita do desejo que me foi encarnado de produzir algo acabado, polido e *perfeito*. Mas como diz, talvez “se não nos contradizemos, então dizemos sempre a mesma coisa”⁵⁰. Já entendi que num é neste texto que eu vou conseguir, se é que isso dá vencimento. Dora disse que o caminho talvez seja mais o de um compromisso com a não perpetuação dos jeito de dizer que a gente não vê futuro, do que uma garantia de que a gente consiga sempre escapulir.

Apoiada em Katherine McKittrick (2021), e na interdisciplinaridade radical dela, pelejo para não privilegiar uma teoria de escrita rígida em detrimento do texto criativo. Por isso, tento entrelaçar palavras dum jeito que expressem também sentimento, que acredito que nem Dénètem Touam Bona (2020) que na origem de toda especulação teórica tem também a experiência poética. Katherine McKittrick (2021, p.51, tradução nossa)⁵¹ reivindica que “parte da nossa tarefa, parte da práxis criativa, é também honrar o texto criativo como um texto teórico”, é descobrir como diferentes vozes através de uma variedade de textos, ideias e narrativas, acadêmicas ou não “se

⁴⁹ texto original: “La colonialidad ya no opera sólo en lo estructural, desde la exterioridad y a través de sus instituciones y sus aparatos represivos, sino que se instaura en lo más profundo de nuestras subjetividades, de los imaginarios, la sexualidad y los cuerpos, para hacernos cómplices conscientes o inconscientes de la dominación.”

⁵⁰ www.instagram.com/melinybevacqua, 16 de março de 2023.

⁵¹ texto original: “Part of our task, part of creative praxis, is to also honor the creative text as a theoretical text.”

relacionam e abrem caminhos inesperados e surpreendentes para pensar sobre libertação, conhecimento, história, raça, gênero”. Ela me fez entender que os modos como contamos histórias é importante, porque eles carregam em si pistas sobre como viver este mundo de maneira ética.

“se estamos comprometidos com práticas acadêmicas que desobedecem disciplinas, então a canção, o groove, o poema, o romance, a pintura, a escultura devem ser relacionadas à teoria e à práxis”

(MCKITTRICK, 2021, p.52, tradução nossa)⁵²

Por isso, para além da forma da escrita, as referências que coloco em diálogo guardam uma intencionalidade, apontam um método, uma íntima relação com o projeto de mundo que eu desejo, ou pelo menos com o fim desse mundo como a gente conhece. McKittrick (2021, p.18, tradução nossa)⁵³ entende as citações como conselho, aprendizagem e compartilhamento, “bibliografia, notas de rodapé, referências e fontes são histórias alternativas que podem, no sentido mais generoso, centralizar a prática de compartilhar ideias sobre libertação e resistência, e escrever contra a violência racial e de gênero”. Jota Mombaça deseja

"um método selvagem de construção bibliográfica, que colecion rastros e teça redes de contrabando. Para que a teoria não se reduza aos circuitos

⁵² texto original: “If we are committed to relationality and interhuman dialogue, if we are committed to academic practices that disobey disciplines, then the song, the groove, the poem, the novel, the painting, the sculpture must be relational to theory and praxis.”

⁵³ texto original: “Bibliographies and endnotes and references and sources are alternative stories that can, in the most generous sense, centralize the practice of centralize the practice of sharing ideas about liberation and resistance and writing against racial and sexual violence.”

acadêmicos com suas bibliotecas empoeiradas geridas por sistemas organizacionais mecanicistas. [...] afirmar essa bibliografia selvagem, que ousa existir no ponto-cego dos arquivos oficiais"

(MOMBAÇA, 2016, p. 347)

Mesmo quando numa enorme diferença entre a gente, como ato político, ajunto aqui pessoas com quem tenho laços afetivos-estéticos-políticos (CHAVÉZ, 2017) num convite à alianças não pela identidade, mas pela afinidade entre nossos compromissos e projetos. Não citar cânones, evitar teóricos que não expõem suas, por vezes duvidosas, implicações, arrodar pra falar de coisas que já se tornaram território de homens que na teoria performam manifestos anti/contra/des/decoloniais e na intimidade dos bastidores acadêmicos abusam de seu poder e das mulheres ao seu redor, é uma decisão pedagógica-política (CHAVÉZ, 2017). Por isso também, pensando nas falas que quero que sejam cá, num trago os fragmentos que cortam o texto recuados em letra menor, mas centralizados em negrito, como título, como aquilo que rege e abre caminho⁵⁴ pro que se segue.

E quando eu digo aqui que eu escolho quem eu quero trazer pr'essa conversa, num é nem que eu concorde com tudo que essas pensadoras dizem ou que a gente esteja alinhada nos nossos modos de perceber os mundos, mas é que eu acredito que quando juntas, entendendo o texto como uma conversa (MCKITTRICK, 2021), a gente dá forma a desejos de mundos outros, apesar das nossas diferenças. Glória Anzaldúa (2021) e Marisol de la Cadena (2018), pra dizer de algumas, me ensinam que alianças funcionam assim, um encontro mesmo no dissenso. Esse ajuntamento de gente faz parte de uma busca por políticas, éticas e estéticas na vida e na universidade, sendo a última um pedaço da primeira.

⁵⁴ Pra ouvir a voz de Victor, acesse: <https://on.soundcloud.com/N9BYv>



Essa foi a política de citações que eu desenhei pra este trabalho, citar quem eu quero tá junto, mas isso não quer dizer que eu pense que eu num vou ter que ler nada que eu discorde profundamente ou que não seja agradável pra mim. Só que **aqui** nesta dissertação a comunidade de referências foi minha guiança, porque nela eu quero primeiro dizer do que eu tenho apreço, das posturas que guiam minhas práticas de pesquisa pra que eu possa seguir os caminhos que eu quero pra mim e pras minhas dentro da universidade tendo estabelecido uma fundação, meu chão epistemológico.

Nesse sentido, têm me incomodado ouvir de diferentes pessoas: “eu tenho uma referência pra te indicar, mas tu não vai quer ler, que é um homem branco-europeu-canônico...”. Na minha mente que o que seria relevante de me dizer é dos compromissos que esse teórico têm, mais do que ser um homem, se é um homem com posturas cissexistas, dentro e fora dos textos; se é um branco que se diz intelectual e não se dedica ao próprio letramento racial; se é um europeu que segue ignorando que a perspectiva dominante não é a única através da qual a gente pode perceber os mundos. Como eu disse mais cedo, as alianças que eu busco não tão no campo da identidade, elas tem muito mais a ver com o que os indivíduos fazem com privilégios deles e como se posicionam a respeito do lugar que eles ocupam na sociedade. Pra mim esse é o limite do que é inegociável, e tudo que fere a vida e a liberdade, no sentido mais amplo dessas palavras, me fere também.

**minha escrita tem a cor da piçarra, estrada de chão pedregosa, barro
vermelho das terra donde eu vim**

Nesse rumo, tenho tentado destacar as contribuições generosas que me foram dadas, por experiências e/ou referências, no corpo do texto mermo. Falo de quem me ensinou, em que contexto e em alguns momentos até a voz

eu consegui trazer pra cá. Pensei nisso depois que Cíntia Guedes falou um negócio bonito na qualificação II, que lendo este texto ela lembrava muito mais de encontros que ela teve vontade de me contar do que de referências de outros textos pra me indicar. Trazer os áudios que as amigas iam me mandando depois de ler meu trabalho tem pra mim o sentido de fortalecer esta dissertação como um negócio que só é possível de ser feito dentro de uma coletividade. Acredito que raríssimas pesquisas (se é que elas existem) são feitas de forma solitária, fruto da *genialidade* autoral de um indivíduo, especialmente nas ciências sociais aplicadas. Então, a rede entre pesquisadoras também é o que alimenta e dá sentido aos nossos trabalhos, das maneiras mais diversas possíveis.

Na qualificação II, Renata Marquez falou do trio facão-agulha-caneta como essas ferramentas que nas histórias todas que eu conto abriram e seguem abrindo caminho prum tanto de coisa. Eu já trazia com frequência a ação do facão como imagem de pensamento nos meus textos. Como aquela que, acompanhada do aió, que guarda e vai junto ao corpo, foi e é ferramenta das sertaneja no gesto de abrir e reabrir trilhas. Esse facão que eu falo ele vai na minha frente, me alembra de onde eu vim e com quem eu quero andar junta, e que ainda tem muito mato por abrir, buscando a delicadeza de entender quando é preciso arrudiar pra caçar vereda pronta e quando a gente tem que ir pedindo licença pra entrar em lugar que pela primeira vez viu gente.

“se não existe caminho aberto, comece fazendo uma picada; se já existe a picada, abra um carreiro; se já existe carreiro, alargue-o, torne-o uma estrada. somente com esse exercício podemos ampliar os horizontes e construir uma educação territorializada e inspirada nas experiências dos povos indígenas e, assim, efetivar as práticas decoloniais para além do discurso”

(XAKRIABÁ, 2020a, s.p.)

figura 19 - eu e minha vó durante a conversa que chamei foto-facção



fonte: meu acervo pessoal, 2021.

Na seleção das fotografias que vêm dos álbuns de família, minhas escolhas tiveram também uma relação de cuidado, um querer de resguardar as minhas. Por exemplo, quando falo das facções de costura das minhas tias, eu poderia trazer imagens desses ambientes, para além da descrição, mas prefiro expor o frame do documentário *Estou me guardando para quando o carnaval chegar* (2019), do que correr o risco de que essa imagem em circulação possa ser lida apenas na chave da precariedade, enquanto nós vemos as oficinas delas enquanto espaço de autonomia, de um trabalho que se faz com dignidade, apesar de todas as fragilidades de estar inserida nas lógicas de trabalho que descrevi. Aprendi com Saidiya Hartman (2022) que às vezes a gente precisa se antecipar aos movimentos que as imagens provocam, pra não correr o risco de que, numa afobação denunciadora, a gente perpetue novas violências.

Penso que este texto vai se tecendo justo nisso do que mostra e esconde, mesclando opacidade e transparência. A transparência eu vou tentando dar ao processo de pesquisa, pensando também no rigor de produzir conhecimento colocando na mesa as minhas implicações. E a opacidade vem junto nas lacunas, habitando o que pra otros pode ser incompreensível ou inacessível. Aprendi com Macedo e Macedo de Sá (2018) o conceito de pesquisa implicada, onde a gente, entre outras coisas, assume que o ato de escrever traz marcas autobiográficas, que não devem ser confundidas com intimismo ou pouco rigor descritivo e analítico, mas vistas como uma reafirmação de que experiências sociais criam saberes legítimos. Consequentemente, a implicação passa a ser uma questão de método, um elemento fundante da forma e do conteúdo desta pesquisa (ibidem, 2018).

O tempo espiralar, a partir de Leda Maria Martins (2021), também me deu suporte pra montar narrativas não lineares e cronológicas, como na primeira escrita que fiz sobre as histórias de minha mãe e de minha vó lá pra qualificação I. Nesta escrita os temas se embolam, vão e voltam, “cheia de começos sem fins, de iniciações, de perdas” (LE GUIN, 1986, s.p.). A não linearidade do tempo aqui também vai apoiada no que Pierre Bourdieu fala em *A ilusão biográfica* (1996). Segundo ele, a vida organizada enquanto história, no singular, transcorrendo em ordem cronológica e lógica, indo de um princípio até seu fim, – que no caso, pode vir a ser apenas o presente, e não a morte – se embasa no pressuposto de que ela “constitui um todo, um conjunto coerente e orientado, que pode e deve ser apreendido como expressão unitária de uma ‘intenção’ subjetiva e objetiva” (BOURDIEU, 1996, p.184). Só que a fragilidade desse pressuposto reside justo na assunção de que “o real é descontínuo, formado de elementos justapostos sem razão, todos eles únicos e tanto mais difíceis de serem apreendidos porque surgem

de modo incessantemente imprevisto, fora de propósito, aleatório” (BOURDIEU, 1996, p.185).

Confesso que grande parte do que virou esta dissertação tomou forma no trabalho intenso dos derradeiros meses anteriores à defesa. Não que eu tenha escrito magicamente do zero cada parágrafo, mas o grosso dos textos da qualificação I eu deixei pra trás pra abrir espaço prum novo jeito de contar que eu encontrei. Thaís Rosa sabidamente chama isso de texto andaime. Foi de grande serventia pra chegar até aqui, mas, quando é hora, você deixa ir.

Muito do que eu consegui pôr em caracteres no decorrer do mestrado veio através da escrita de um diário de pesquisa. Comecei a escrita dele por indicação também de Thaís Rosa, pra agrupar livremente as hipóteses de interpretação, relacionar os pensamentos a partir das aulas, leituras, conversas, reuniões de grupo e observações, em uma mistura do vivido, concebido, percebido (HESS; WEIGAND, 2006). E era nessa escrita, que não tinha compromisso nenhum com a leitura de outras que não fosse eu, que eu destravar os dedos. Na verdade, esse exercício de destravar eu aprendi mermo foi num ateliê de criação literária da cearense Fernanda Meireles que chamava “*Cartografias da palavra: escrita de si e identidades online*”. Lá eu aprendi, que nem com Glória Anzaldúa (2000) depois. que se você não sabe por onde começar, começar por uma carta pode funcionar. Essa escrita sem grandes compromissos com a norma culta funciona pra mim tanto quanto o truque de gravar áudios, como um mói de gente eu já vi dizer que faz. Tentar “escrever” o texto primeiro de boca, depois transcrever ele e dar uma forma, esse é o passo-a-passo que me ensinar, já que a ponta dos dedo num tem o mermo gingado da língua.

Tenho me valido duma linguagem às vezes poética, das referências que trago também da literatura, da música, das artes, ensaiando gestos estéticos,

pensando n'outras performatividades, como Gaia me indicou. Foi também na qualificação I que Renata Marquez tão gentilmente me apontou caminhos pra seguir o afeto enquanto pista metodológica. Essa fala dela me deu coragem pra tentar deslegitimar a hegemonia da razão onde num tem lugar pra afetividade e pra ternura dentro do conhecimento racional (GUERRERO ARIAS, 2010), abraçando a força da vulnerabilidade e da fragilidade (CHÁVEZ, 2017). Se pras normativas do pensamento colonial, os sentimentos pertencem ao âmbito animalesco, instintivo e por isso devem ser reprimidos e negados excluindo a afetividade da esfera pública e intelectual (Ibid.), quero mais é fazer coro com Bispo⁵⁵, que o desejo da gente é se animalizar no sentido de se desfazer também do especismo encarnado na gente e se aperceber uma espécie animal como todas as outras.

Nesse percurso aprendi que rigidez e rigor acadêmico são diferentes. Caio, um amigo de longa data e pesquisador que eu admiro tanto, me ensinou que é possível (e necessário) ser indisciplinado e rigoroso. Ele me disse das palavras de Sylvia Winter e Katherine McKittrick, que a disciplina é o constructo colonial, não o rigor. Apesar da metodologia deste trabalho ter se desenhado nesse processo intuitivo e fragmentado, o texto e a pesquisa ainda se pretendem rigorosas e propositivas na produção epistemológica. Abrir mão desse horizonte me parece se colocar, voluntariamente, na caixinha das pesquisas “muito-pouco-científicas” onde tão frequentemente querem nos enfiar.

Em *Dear Science and other stories* (2021), Katherine McKittrick defende a metodologia como um ato de desobediência e rebelião, falando dos trabalhos de pensadoras negras como exemplos das possibilidades de usar o método para engendrar uma práxis acadêmica radical, ela explicita como a disciplina é um ato de categorização implacável que diferencia, divide e cria distâncias

⁵⁵ Ouvi esse convite de Antônio Bispo dos Santos, meu conterrâneo, em uma banca de defesa de doutorado, que já não me alembro de quem.

fictícias entre a gente. Na querência de sermos validadas, tantas vezes, inadvertida ou explicitamente, reificamos esse sistema através de narrativas que confirmam a solidez do conhecimento disciplinar e sua diferença categórica de outras formas de conhecimento. Os cânones e a canonização, ela exemplifica, são recursos designados para sustentar esse atual sistema de conhecimento autorreferencial que lucra com a normalização (ibidem, 2021). “A divisão e diferenciação das formas de conhecimento é, em parte, Edward Said nos lembra, a função do império. Disciplina é império.” (MCKITTRICK, 2021, p.38, tradução nossa)⁵⁶.

Lucía Egaña Rojas (2012) afirma que uma metodologia é sempre uma ficção, um conjunto de regras e instruções fixas, estáveis e padronizadas que têm por objetivo reduzir ao número mais próximo de zero as dúvidas em relação aos procedimentos adotados em uma pesquisa, performando a validação, científica e institucional, a partir da repetição. Mas Jota Mombaça vai e teima:

**“tua ficção é tua, não é sobre mim que falamos tuas categorias”
(MOMBAÇA, 2016, p.342)**

E como desarmar esse quixó? Chavéz (2017, p.467, tradução nossa)⁵⁷ inventa pra si uma fuga por “um caminho que se constrói sem saber se o próximo tijolo que preciso vai estar lá para pisar”, pedagogicamente caminhando e construindo o caminho, simultaneamente. Katherine McKittrick (2021) também sugere que a gente se enverede pela elaboração de métodos como um modo de enfraquecer a padronização das práticas disciplinares, caçando

⁵⁶ texto original: “The splitting and differentiation of ways of knowing is in part, Edward Said reminds us, the function of empire. Discipline is empire.”

⁵⁷ texto original: “Es un camino que se construye sin saber si el próximo ladrillo que necesito va a estar ahí para pisar.”

libertação dentro desse atual sistema de conhecimento. “O objetivo não é encontrar a libertação, mas procurá-la. O processo de busca será, idealmente, perenemente insatisfeito” (Ibid., p.47-48, tradução nossa)⁵⁸. Chávez (2017, p. 472, tradução nossa)⁵⁹ também me lembra que esse é um caminho pra toda a vida, “o trabalho é lutar ‘rumo a’, nunca pensar que terá uma chegada”. Em vez de aplicar um conjunto de técnicas a um objeto de estudo, se mover pela curiosidade, e também pela frustração, em busca de metodologias relacionais, intertextuais, interdisciplinares, inter-humanas, multidisciplinares e, sobretudo, desobedientes (MCKITTRICK, 2021).

Em termos de desobediência metodológica, Jota Mombaça (2016) propõe uma submetodologia indisciplinada, *sub* de subnormal, subalterna. Evocando Hilan Bensusan⁶⁰, persegue o errorismo, concebendo a errogênese: uma criação pelo erro. Com ela eu vou tentando aprender a ser buliçosa no texto como sou na vida, mexendo as coisa de lugar e explorando sem tanto medo do erro, do impreciso, do inexato, assim como Cíntia Guedes me aconselhou. Essa postura metodológica indisciplinada/indisciplinar é desleal à norma, ao cânone acadêmico, favorecendo a indisciplina que é própria do corpo, propondo modos “que force[m] a produção de conhecimento a assumir a precariedade que a constitui” (MOMBAÇA, 2016, p. 344). Um pensar desde as vísceras, como também propõe Chávez (2017), “reconhecer também que o corpo tem seus modos de conhecimento” (RIVERA CUSICANQUI, 2019, s.p., tradução nossa)⁶¹. Jota Mombaça manifesta o desejo por uma

⁵⁸ texto original: “The goal is not to find liberation, but to seek it out. The process of seeking will, ideally, be persistently unsatisfied”

⁵⁹ texto original: “El trabajo es luchar “hacia”, nunca pensar que habrá una llegada.”

⁶⁰ Segue a referência, caso deseje ler mais a fundo sobre. BENSUSAN, Hilan. A errância e os incomensuráveis efeminismos: sobre a erogêneseesquizotrans. Disponível em: <http://esquizotrans.wordpress.com/2012/08/27/a-errancia-e-os-incomensuraveis-efeminismos-sobre-a-erogenese-esquizotrans-fala-de-hilan-bensusan-no-tiresias-de-natal-a-manha/>. Acesso: 19 mai. 2014.

⁶¹ texto original: “reconocer también que el cuerpo tiene sus modos de conocimiento”

“submetodologia que não se furte às batalhas políticas em que se veja implicada e que não cesse de querer escapar, seja pela via do erro, da entropia ou por qualquer outra, dos condicionamentos a que está submetida a produção de conhecimento no marco das metodologias disciplinares.”

(MOMBAÇA, 2016, p. 345)

Mas ela assume que estando dentro de uma instituição acadêmica a escolha de “ser monstruosa no espaço da norma; indisciplinada no lugar da disciplina” (MOMBAÇA, 2016, p.344), tem seus custos e riscos⁶², seja a necessidade de entrar em negociações, seja a possibilidade de ser excluída ou cooptada. Como alternativa ela usa sua malícia e aposta: nem que a gente misture num balaio só o cânone a um sem fim de referências estranhas à ele criando uma teoria selvagem, como ela traz do trabalho de Halberstam⁶³.

“nós somos vermes literários cavando buracos no cânone”

(ANZALDÚA, 2021, p.193)



⁶² Pra ouvir a voz de Caio Silva, acesse: <https://on.soundcloud.com/11BAE>

⁶³ Para adentrar neste tema, ver: HALBERSTAM, J. Charming for the Revolution: a Gaga Manifesto. Disponível em:

<http://www.e-flux.com/journal/charming-for-the-revolution-a-gaga-manifesto/>.

Acesso: 19 mai. 2014.

“e vai sirví pra quê?”

Pra firmar estas palavras foi preciso acolher a carta de Gloria Anzaldúa (2000) dedicada às mulheres escritoras do terceiro mundo, e, como ela, tentar desaprender na escrita o caráter áspero e frio das tolices “pseudo-intelectualizadas” das quais nos convenceram. Ela me levou a refletir sobre por que escrevo, e, arremedando ela, posso dizer que, no mêm de tanto motivo - pra mostrar que é possível, pra reescrever nossas histórias mal contadas e acolher os não-ditos, pra criar algo que pode-vir-a-ser (IMARISHA, 2016), pra que estas palavras possam se mover por veredas mais distantes, antes impensadas -, escrevo porque tenho medo de dizer do que penso quais num saber, mas tenho mais medo ainda de fazer do silêncio uma prova de lealdade (HARTMAN, 2021a) a esse mundo e a essa academia, que recuso a fazer de conta que já num tão desmantelado.

“estou consciente de que na universidade não se faz a revolução, nem tampouco se pode chegar à descolonização do saber, pois isso significaria fazer desaparecer esses espaços como produtores privilegiados de um tipo de saber, que não é decolonial; contudo, creio que ali se podem gerar uma série de fugas (só algumas fugas) que permitam gerar outras maneiras de entender as relações sociais, culturais, econômicas, subjetivas para transformá-las”

Ochy Curiel (WALSH, 2017, p.519-520, tradução nossa)⁶⁴

⁶⁴ texto original: “estoy consciente que en la universidad no se hace la revolución, ni tampoco se puede lograr la descolonización del saber, pues eso supondría hacer desaparecer estos espacios como productores privilegiados de un tipo de saber, que no es decolonial; sin embargo, creo que allí se pueden generar una serie de fugas (solo algunas fugas) que permitan generar otras maneras de entender las relaciones sociales, culturales, económicas, subjetivas para transformarlas”.

Como já tenho dito, esse processo é desde o princípio permeado por uma série de inquietações muito presentes em uma geração que, ao alcançar pela primeira vez as universidades e acessar a pesquisa científica, seja na graduação ou pós-graduação, não apenas reivindica ver a si mesma e às suas como produtoras de conhecimentos, como passa a questionar a própria episteme, causando diversos deslocamentos. Nossos acessos são fruto de conquistas coletivas, viabilizadas por políticas públicas de ações afirmativas ou pelos esforços de famílias para as quais o investimento na educação foi desenhado como possibilidade de ascensão social.

Infelizmente a entrada na universidade não resolve por si só a marginalização, tantas vezes sendo uma passagem das margens externas à universidade pras internas (BAQUERO, 2021). Sendo a primeira Xakriabá a fazer mestrado, Célia diz que ao ocupar esse espaço ela assume diversos compromissos: de lutar pra não ser a última; de conseguir autonomia pra construir outras narrativas e epistemologias; de obter reconhecimento não só para os conhecimentos tradicionais, mas pros seus conhecedores. Me encontro nela quando ela diz que quanto mais ela adentra no espaço acadêmico, mais ela sente a necessidade de retomar as origens, compreendendo como ela mesma se constitui a partir daí.

Dia desses, numa conversa com pesquisadoras de outras áreas e outros cantos do Brasil, reunidas pelo acaso, chegamos à conclusão de que a gente num pode é esquecer que a universidade é ferramenta⁶⁵ e não um fim em si mesma. Ocupar esse espaço tem suas inconsistências, incoerências e tensões. Um dos modos que a gente encontra de resistir dentro dela é tensionar cada vez mais as contradições e limitações, dela e nossas, abraçando os deslocamentos invés de tentar apaziguar. Até porque, como também diz Ochy Curiel (WALSH, 2017 , p.513, tradução nossa)⁶⁶ “a

⁶⁵ Pra ouvir a voz de Keylane Dias, acesse: <https://on.soundcloud.com/CZKvz>

⁶⁶ texto original: “La academia a fin de cuentas es una institución y como tal tiene sus jerarquías, sus reglas de juego y sus mecanismos de reproducción de desigualdades.”



academia, no fim das contas, é uma instituição e como tal, tem suas hierarquias, suas regras de jogo e seus mecanismos de reprodução de desigualdades”. E é claro que nós também somos a universidade, ou, como questiona Anzaldúa (2021, p.82) “nossas instituições nasceram e se propagaram por elas mesmas e nós somos apenas seus fantoches?”. Mesmo que minha *linhagem* definitivamente não esteja entre aqueles que a criaram (depois de tantos anos nela, me acostumei a conhecer pessoas cujos os pais têm ensino superior, mas ainda me impressiono quando conheço quem tem avós que já tinham diplomas), nós a perpetuamos, mesmo que às vezes inadvertidamente, como alerta Anzaldúa (Ibid.). Em se tratando de uma possível política de alianças, dentro e fora desse espaço, me agarro à premissa de Anzaldúa (2021) da gente se engajar nas tensões ao invés de dissolvê-las, diz ela que *resolução* é um conceito cultural dominante, e eu boto fé.

Tudo isso me faz pensar na pergunta de minha vó quando falei desta dissertação: “e vai servir pra quê?”. O que a gente espera oferecer como contribuição pro campo dos estudos urbanos com trabalhos como este? Como Célia, a gente carrega com a gente o desejo de disputar narrativas que predominantemente foram escritas a partir de perspectivas marcadas pela dominação da racialidade, identidade de gênero e classe social (CURIEL, 2007); de deslocar centralidades de poder que se desenham geograficamente em diferentes escalas (MASSEY, 2008), seja através do eurocentrismo, da maior visibilidade da produção científica vinda do sudeste brasileiro, especialmente de São Paulo, e até mesmo na hegemonia da produção vinda das capitais em relação ao interior; de abrir espaço pra perceber – e escolher – o chão de que partem as reflexões que temos feito e que queremos fazer.

Aprendi com minhas pares a grande potência de pertencer a essa primeira geração de nossas famílias e territórios no ensino superior quando também conseguimos nos libertar da autocobrança excessiva e abraçamos um certo

senso de libertação: não há tradição a ser cumprida, os cânones nem sempre nos couberam, não devemos lealdade a campos e disciplinas que exaustivamente se esforçam pra cercar e limitar (MCKITTRICK, 2021; FERREIRA DA SILVA, 2019). Nós desejamos, ambiciosas, a possibilidade de outras universidades que operem pela abundância e não pela escassez. Só que não é humanamente possível que a gente faça isso individualmente, nós não somos capazes de entregar a cada pesquisa que a gente se dedica - independente se artigo, projeto de extensão, dissertação, tese ou sei lá o quê - ferramentas úteis, prontas e acabadas pra entregar pros arquitetos e urbanistas, neste caso, usarem em suas práticas profissionais.

A vida não útil, diria Krenak, e o bonito dela, quando a gente compartilha coletividades, tá na continuidade, no trabalho que uma faz e alimenta a reflexão da outra. A gente não pode querer carregar nas costas o peso de correr atrás de séculos de apagamento tentando preencher todas as lacunas - um serviço vão e que nem tem vencimento-, e ainda querer entregar ao fim de cada processo desse uma nova ferramenta pronta com manual de instruções.

“E vai sirví pra quê?” Às vezes pra devolver ânimo às nossas paricera, às vezes pra dar aquele estalo nas ideia ou na memória, ou pra que uma professora como a Juliana Santos, que eu conheci nesse percurso, tenha subsídio pra falar pra jovens e crianças de Valéria, em Salvador, do passado, presente e futuro de um bairro, que como tantos territórios, foi sempre contado a partir das ausências (RODRIGUES, 2020). Servem, como na pesquisa de Luar ela diz, pra recontar e reconstituir histórias, memórias e paisagens negras que foram invisibilizadas e apagadas durante diversos processos urbanos, socioespaciais e ambientais,⁶⁷ em Águas Claras, retroalimentando ações como a do grupo JACA (Juventude Ativista de

⁶⁷ referência à pesquisa de dissertação de Luar Vieira Santos, minha companheira no grupo Margear, em elaboração também no PPGAU/UFBA, ainda não publicada.

Cajazeiras), que ela faz parte. Serve pra engrossar o coro das que gritam: a gente tá aqui, sempre estivemos, percebam que os saberes que as suas te dão são tão importantes quanto os conhecimentos que os livros que você vai ler na universidade vão te dar: os sertões não são miséria, nós somos fartura!

“as histórias importam. muitas histórias importam. as histórias foram usadas para espoliar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar. elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada”

(ADICHIE, 2019, p.32)

Por si só, estes trabalhos dão ao campo dos estudos urbanos referências da diversidade de modos de fazer e habitar territórios que foram achatados pela história única (ADICHIE, 2019) e os quais o cânone não ajuda a compreender. Sendo assim, as pesquisadoras que produzem esse campo, pra não falar dele de forma genérica como uma mão invisível, especialmente aquelas que detém algum poder dentro dele, em diferentes escalas - orientadoras, editoras, etc -, precisam também fazer um movimento de encontro ao nosso e assumir responsabilidades junto com a gente por esse alargamento epistêmico que é tão necessário (CORDEIRO et al, 2021). Anzaldúa (2021 p. 192) diz que os “muros e grades ao redor de campos de estudo e ao redor dos prédios físicos são formatados para nos manter do lado de fora, ou para nos manter cativas se nós entramos”.

“mas agora é tarde, os muros já estão cheios de fendas”

(ANZALDÚA, 2021, p.208)

nos olhos de Arthur eu vejo porvires,
dizendo Krenak (2022) “se há futuro a ser cogitado, esse futuro é ancestral”





rastros

rastros

Um trabalho tão intimamente implicado como este exigiu uma série de desconstruções metodológicas e desestabilizações epistemológicas, especialmente no ajuntar destes fragmentos enquanto texto. Essa implicação radical a que me exponho/proponho não é só por esta pesquisa cuidar aqui das memórias da minha família, mas por se alimentar de percepções de mundo e de modos de estar nele que são coletivos, num viver e produzir conhecimentos em comunidade que me foi ensinado também por elas. Penso que perceber questões socioespaciais a partir das memórias nossas, como redes de cuidado, fazeres e práticas cotidianas, direito à terra e territorialidades mais-que-humanas, dá ao campo dos estudos urbanos algumas referências da diversidade de modos de fazer e habitar Brasil adentro, modos que foram achatados pela história única e os quais o cânone não ajuda a compreender. Espero também que o compartilhamento dos caminhos e aprendizados metodológicos que foram sendo traçados neste feito possam contribuir com os dilemas do fazer pesquisa de jeitos que façam sentido pra gente.

Se eu pudesse, ficava de conversa aqui infinitamente, emendando esse texto a cada nova mesa de bar, lambendo as frases em cada releitura. Mesmo depois de tantos meses dentro do PPGAU, entrando no olho do furacão da pandemia de COVID-19, a sensação é de que a gente sempre precisa de mais tempo, de ler mais, de ainda refinar o texto, mas os ciclos eles precisam ser fechados, inclusive institucionalmente. Mesmo que os dilemas e as cismas elas não se vençam no instante que a gente salva um texto e envia pra banca. Até porque num é nem o sentido dele de encerrar elas mesmo, que esse movimento aqui do compartilhamento do texto como dissertação não é só de apresentar *resultados* ou *conclusões*, mas é o que faz ele chegar mais longe, um ato de partilhar *com*, pra além da comunidade de pesquisa mais restrita que acompanhou a gente de perto nos nossos aperreios durante a elaboração

dele, e é a partir daí que se multiplicam as possibilidades dos cruzos, encontros e novas leituras darem mais e mais corpo pras nossas ideia.

Maria Clara Araújo, pedagoga e autora do livro *Pedagogias das travestilidades* (2022), uma vez compartilhou nos stories dela⁶⁸ uma reflexão sobre a importância da gente reconhecer nossas fragilidades teóricas. Ela contava que na ansiedade de dizer de tudo, especialmente quando a gente fala dos saberes das nossas comunidades, a gente pode acabar sim cometendo equívocos. E aí construir éticas dentro desse espaço da universidade pode ser também sobre reconhecer quando a gente ainda não tem arcabouço suficiente pra falar de alguma coisa a partir de uma determinada perspectiva. Claro que as perspectivas que as nossas experiências nos dão, enquanto indivíduos parte de diferentes coletividades, são muito valiosas, e este trabalho se firma nisso. Mas tem coisa que é importante demais ancorar nas experiências e teorias outras e eu tenho ciência disso também. Só que não me interessa *ancorar teoricamente* minhas ideias em referências canônicas se isso quer dizer me agarrar a nomes que agregam valor apenas por serem quem são. Me interessa é construir conversas costurando tudo que me ajuda “a entender, falar e teorizar sobre como conhecer o mundo de forma diferente”, como aconselha Katherine McKittrick (2021, p. 28).

Um dos temas que se mostrou incontornável, desde o momento que eu decidi partir dos sertões como chão, foi a racialidade. Infelizmente não foi no tempo nem no espaço desta dissertação que eu consegui chegar perto desse tema na complexidade que ele merece, mas faz parte do meu desejo me demorar nele no futuro, pensando numa agenda de pesquisa. Esse é um tema intrincado, talvez especialmente percebendo a diversidade Brasil a dentro, por isso sigo no desejo por leituras sobre a mestiçagem que não se alinhem nem a um mito de democracia racial, nem a um apagamento das

⁶⁸ <https://www.instagram.com/afrotranscendente/>

presenças não-brancas que habitam no cotidiano os lugares escorregadios da ambiguidade racial.

Esta escrita, como o processo de pesquisa, é assim, segue um caminho tão desembestado que tantas vezes as palavras merma num dão conta de acompanhar, vão ficando pra trás no tempo, petrificadas com dizeres que já num me pertencem mais. Um texto feito e refeito assim num tempo tão alargado vira também uma imagem borrada pelo movimento, num sabe? “O senhor... Mire veja: O mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas - mas que elas vão sempre mudando” (ROSA, 2001, p.39). Nele vão sempre existir lacunas e eu quero aprender com Katherine McKittrick (2021) e Saidyia Hartman (2022) a incorporar o inacabado e conviver com as lacunas. Até porque a produção de conhecimentos também é sobre o serviço do texto (como uma mídia das muitas possíveis de comunicar conhecimentos) de conversar um com outro, mais do que sobre algum texto se bastar sozinho.

**“o que deixo por escrito
não está talhado no granito
eu apenas solto no vento
pressentimentos”
tinta y tiempo (2022), Jorge Drexler⁶⁹
(tradução nossa)⁷⁰**



⁶⁹ Pra ouvir a voz de Jorge Drexler, acesse: <https://on.soundcloud.com/PwuVm>. A entrevista completa de onde tirei este trecho está disponível em: <https://youtu.be/ruhUJBonhkE>.

⁷⁰ verso original: “lo que deajo por escrito no está tallado en granito, yo apenas suelto en el viento presentimientos”

Dito isso, pra desapegar e deixar o texto tomar o rumo dele apartado do meu, eu vou tentando entender que tudo aqui é caminho, que a gente tá sempre no meio de muitos processos de aprendizado, que como Renata Marquez me disse, nosso papel talvez seja mais o de pensar junto e compartilhar dilemas do que entregar respostas. Que a gente possa multiplicar testemunhas pr'esses mundos otros e criar lugares seguros onde a gente seja capaz de aprender a testemunhar juntas.

Derradeiro, me permito dar o tom do fim através da beleza do afeto, confidenciando minhas querências, minha reverência e minha gratidão. Sou muito grata a esta pesquisa pelo estreitamento da minha relação com a minha vó, por não só ter me tornado testemunha das histórias dela, como disse Renata Marquez, por multiplicar as testemunhas, e me alembrear da preciosidade que é dividir com ela essa vida. O meu maior aprendizado nessa prática de pesquisa com ela talvez seja, então, a importância de

em vez de dar voz, dar ouvidos

Neste texto todo alimentei o desejo de desenhar palavras também migrantes que carreguem consigo inquietações, que possam transitar por novos espaços e encontrar pessoas, tempos, gerar conversas, e, quem sabe, despertar mais memórias adormecidas. Nós que fazemos parte dessa primeira geração de pesquisadoras que ocupam pela primeira vez na história de suas famílias a academia, assumimos essa posição que é ao mesmo tempo dianteira e retaguarda, porque só chegamos aqui amparadas pelas muitas que nos precederam, e vamos abrindo, e testemunhando a abertura de, possibilidades otras praquelas que virão a seguir, nossas ancestrais do futuro.

**reverencio as mulheres-facão que abriram, abrem e abrirão caminhos
para que a gente siga**

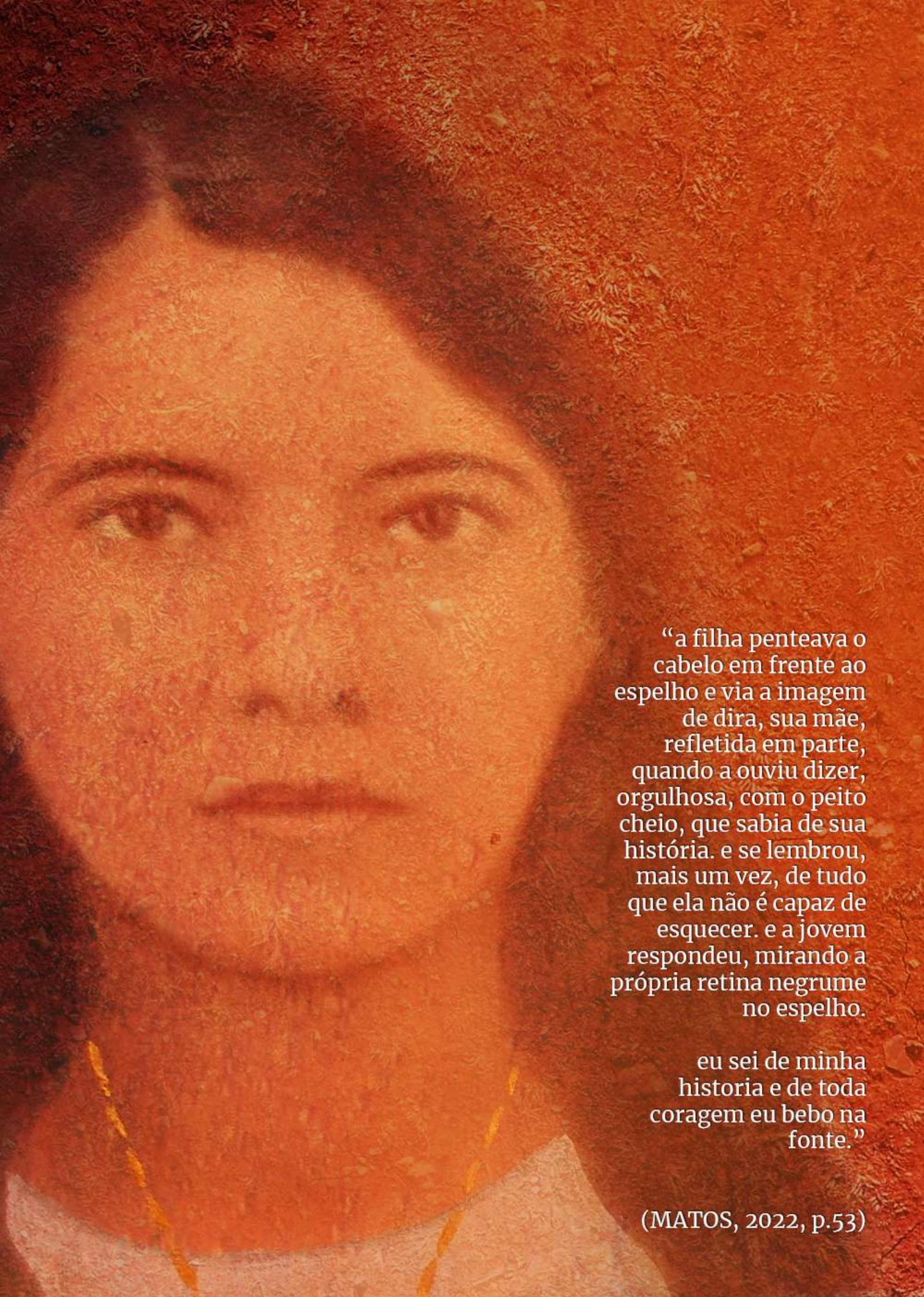
Nesse movimento eu já me sei apenas aprendiz e tento estar atenta às pessoas que admiro, bichos, plantas, energias que me cercam e tem horas que me admiro mermo é do privilégio de compartilhar da presença delas nesta existência por que são muitos os grandes aprendizados vindos de coisas que parecem pequenas demais. Às vezes é preciso chorar pra ouvir a água e o sal que vêm de dentro. Estou aprendendo - eterna e infinitamente aprendendo - a perceber o sonho, o sensível, o corpo; e a feitura deste trabalho tem se sustentado nesse aprendizado. Escrevo este texto em companhia do invisível, dos seres que coabitam com a gente esse mundo, e daquelas que seguem comigo me confiando sua força e a força de suas águas. por isto, posso só agradecer.

a bença todas elas

lembro porque não sou capaz de esquecer⁷¹



⁷¹ Pra ouvir a voz de Vitória Maria, acesse: <https://on.soundcloud.com/qf6Mc>



“a filha penteava o
cabelo em frente ao
espelho e via a imagem
de dira, sua mãe,
refletida em parte,
quando a ouviu dizer,
orgulhosa, com o peito
cheio, que sabia de sua
história. e se lembrou,
mais um vez, de tudo
que ela não é capaz de
esquecer. e a jovem
respondeu, mirando a
própria retina negrume
no espelho.

eu sei de minha
historia e de toda
coragem eu bebo na
fonte.”

(MATOS, 2022, p.53)

guianças

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. Tradução Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

AFRO BANKOMA. **Zaraê**. 2020. Disponível em: <https://www.tiktok.com/music/Zaraê-6877507158611593217>

ANZALDÚA, Gloria. **A vulva é uma ferida aberta & outros ensaios**. Rio de Janeiro: A Bolha Editora, 2021.

ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para escritoras do terceiro mundo. **Estudos Feministas**, v. 1, p. 229–236, 2000.

ANZALDÚA, Gloria. La conciencia de la mestiza / Rumo a uma nova consciência. **Estudos Feministas**, n. 13, set.-dez., p. 704–719, 2005.

BARREIRA, César. **Trilhas e atalhos do poder: conflitos sociais no sertão**. Rio de Janeiro: Rio Fundo Editora, 1992.

BATISTOTI, Aleida. **A “guia” como modo de vida: trabalho de rua e cidade por mulheres negras no centro de Salvador**. 2022. 255 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2022.

BAQUERO, Oswaldo Santos. Apresentação: periferias do saber, urbanas e animais. In: BAQUERO, Oswaldo Santos; PEÇANHA, Érica (Org.). **Comunidades e famílias multiespécies: aportes à saúde única em periferias**. São Paulo: Editora Amavisse, 2021. p. 13–42.

BOGADO, Maria; SOVIK, Liv. Elton Panamby. **Revista Eco-Pós, Crise, feminismos e comunicação**, v. 23, n.3, 2020. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/27649/pdf Acesso em: 13 jun. 2022.

BONA, Dénètem Touam. **Cosmopoéticas do refúgio**. Tradução Milena Duchiede. Desterro: Cultura e Barbárie Editora, 2020.

BORGES, Antonádia. Mulheres e suas casas: reflexões etnográficas a partir do Brasil e da África do Sul. **Cadernos Pagu**, n. 40, p. 197–227, 2013.

BORGES, Antonádia. República das mangas ou sobre o gosto amargo de tudo o que amadurece à força. **Repocs**, n. 13, v.25, p. 21–42, 2016.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta Moraes; AMADO, Janaína. **Usos & abusos da história oral**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996.

BRAND, Dionne. Um mapa para a porta do não retorno: notas sobre pertencimento. Tradução Jess Oliveira e floresta. Rio de Janeiro: A Bolha Editora, 2022.

BRAÚNA, Dércio. A cidade pelo "acervo dos pés". In: VIANA, Mailson Furtado. **À cidade**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2017. p.62-69

CHÁVEZ, Daniel Brittany. Notas para corazonar la performance como una práctica pedagógica decolonial. In: WALSH, Catherine (Org.). **Pedagogías decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir**. Tomo II. Quito: Ediciones Abya-Yala, 2017.

CORDEIRO, Vanessa Alves et al. **Como produzir conhecimento nos encontros entre mulheres?** Reflexões sobre experiências teórico-metodológicas com e desde as margens da cidade. *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais*, v.23, 2021. No prelo.

CURIEL, Ochy. Crítica poscolonial desde las prácticas políticas del feminismo Antirracista. *Nómadas*, Colômbia, v. 14, n. 1, p. 92-101, 2007.

DE LA CADENA, Marisol. Natureza incomum: histórias do antrope-cego. *Revista Do Instituto de Estudos Brasileiros*, n. 69, p. 95-117, 2018.

DREXLER, Jorge. **Tinta y tiempo**. 2022. Disponível em: <https://youtu.be/rB7q0nr9VTU>. Acesso em: 21 abr. 2022.

EMICIDA. **Principia**. São Paulo: Laboratório Fantasma, 2022. Disponível em: https://youtu.be/h8gotN_Na28. Acesso em: 15 jul. 2021.

EVARISTO, Conceição. A noite não adormece nos olhos das mulheres. In: **Cadernos Negros**, vol.19. São Paulo: Quilombhoje, 1996.

FERREIRA DA SILVA, Denise. À brasileira: Racialidade e a escrita de um desejo destrutivo. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 14, n. 1, p. 61-83, 2006. <https://doi.org/10.1097/01.shk.0000196496.72553.78>

FERREIRA DA SILVA, Denise. **A dívida impagável**. São Paulo: Casa do Povo, 2019.

GIL, Gilberto. **A linha e o linho**. 1983. Disponível em: <https://youtu.be/l3uhup198FM>. Acesso em: 20 mar. 2023.

GLISSANT, Édouard. Pela opacidade. Trad. Keila Prado Costa e Henrique de Toledo Groke. *Revista Criação & Crítica*, São Paulo, n.1, p. 53-55, 2008. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/criacaoecritica/article/view/64102>>. Acesso em: 28 set. 2020.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, Anpocs, p. 223–243, 1984.

GUERRERO ARIAS, Patricio. Corazonar el sentido de las epistemologías dominantes desde las sabidurías insurgentes para construir sentidos otros de la existencia. **Calle14 Revista de Investigación en el Campo de Arte**, v. 4, n. 5, p.83–94, 2010. <https://doi.org/10.17163/soph.n8.2010.05>

HARAWAY. Donna. Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes. Trad. Susana Dias, Mara Verônica e Ana Godoy. **ClimaCom – Vulnerabilidade** [Online], Campinas, ano 3, n. 5, 2016. Disponível em: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/antropoceno-capitaloceno-plantationoceno-chthuluceno-fazendo-parentes/>. Acesso em: 23 mar. 2023.

HARTMAN, Saidiya. **Perder a mãe: uma jornada pela rota atlântica da escravidão**. Tradução José Luiz Pereira da Costa. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021a.

HARTMAN, Saidiya. Vênus em dois atos. **Revista ECO-Pós**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 3, p. 12–33, 2021b.

HARTMAN, Saidiya. **Vidas rebeldes, belos experimentos: histórias íntimas de meninas negras desordeiras, mulheres encrenqueiras e queers radicais**. Tradução Floresta. São Paulo: Fósforo, 2022.

HESS, Remi; WEIGAND, Gabriele. A Escrita Implicada. **Revista Reflexões e Debates**, Universidade Metodista de São Paulo, p.14–25, abr. 2006.

HITA, Maria Gabriela. **A Casa das mulheres n'outro terreiro: famílias matriarcais em Salvador – Bahia**. Salvador: EdUFBA, 2014.

HOOKS, bell. Choosing the margin as a space of radical openness. In: _____. **Yearning: race, gender and culture politics**. Cambridge: South End Press, 1990. p. 223–225.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

IMARISHA, Walidah. **Reescrevendo o futuro: usando ficção científica para rever a justiça**. Tradução Jota Mombaça. Disponível em: https://issuu.com/amilcarpacker/docs/walidah_imarisha_reescrevendo_o_fut. Acesso em: 8 mar. 2020.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KRENAK, Ailton. **Futuro ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

LE GUIN, Ursula. **Dancing at the Edge of the World: Thoughts on Words, Women, Places.** New York: Ed. Grove Press, 1986.

LIMULJA, Hanna. **O desejo dos outros: uma etnografia dos sonhos Yanomami.** São Paulo: Ubu Editora, 2022.

MACEDO, Roberto Sidnei; MACEDO DE SÁ, Silvia Michele. A etnografia crítica como aprendizagem e criação de saberes e a etnopesquisa implicada: entrecimentos. **Currículo sem Fronteiras**, online, v. 18, n. 1, p. 324–336, jan./abr. 2018.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela.** Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MASSEY, Doreen. Espacializando a história da modernidade. In: _____. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade.** Tradução de Hilda Pareto Maciel, Rogério. Haesbaert. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008. p. 98–117.

MATOS, Vitória Maria. Lembro porque não sou capaz de esquecer de mim. In: _____. **Antes de ontem.** 1. ed. Salvador: Editora Gris, 2022.

MCKITTRICK, Katherine. **Dear Science and other stories.** Durham: Duke University Press, 2021.

MEDO nós tem, mas não usa. **A resistência de Margarida Alves segue necessária no Brasil de 2021.** Portal Jubileu Sul, 12 ago. 2021. Disponível em: <https://jubileusul.org.br/noticias/medo-nos-tem-mas-nao-usa-a-resistencia-de-margarida-alves-segue-necessaria-no-brasil-de-2021/>. Acesso em: 10 jan. 2023.

MOMBAÇA, Jota. **A plantação cognitiva.** MASP Afterall #9, 2020.

MOMBAÇA, Jota; MATTIUZZI, Michelle. Carta à Leitora Preta do Fim dos Tempos. In: FERREIRA DA SILVA, Denise. **A Dívida Impagável.** Casa do Povo, São Paulo: 2019.

MOMBAÇA, Jota. O mundo é meu trauma. **PISEAGRAMA**, Belo Horizonte, número 11, página 20 – 25, 2017.

MOMBAÇA, Jota. Rastros de uma Submetodologia Indisciplinada. **Revista Concinnitas**, v. 01, n. 28, p. 341–354, 2016.

MOREIRA, Dora. **Canto de Espelho D'água: nem Todo Silêncio Deve ser Quebrado.** 2023. 204f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) - Programa Interdisciplinar de Linguística Aplicada, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023. No prelo.

MOTTA, Eugênia. Casas e economia cotidiana. In: RODRIGUES, Rute Imanishi (org). **Vida social e política nas favelas: pesquisas de campo no Complexo do Alemão**. Rio de Janeiro: Ipea, 2016. p. 197-214.

MUSEU DE ARTE MODERNA DE SÃO PAULO. **36º - Panorama da Arte Brasileira: Sertão**. São Paulo: Museu de Arte Moderna de São Paulo, 2019. 224 p.

NASCIMENTO, Milton; GUEDES, Beto. **Fé cega, faca amolada**. Belo Horizonte: EMI Records Brasil Ltda, 1975. Disponível em: <https://youtu.be/bVF865mkgNk>. Acesso em: 4 mar. 2023.

PEREIRA, Edimilson de Almeida. **A saliva da fala**. 1. ed. Rio de Janeiro: Azougue, 2017.

PEREIRA, Gabriela Leandro. **Corpo, Discurso & Território: a cidade em disputa nas dobras da narrativa de Carolina Maria de Jesus**. 1. ed. São Paulo: ANPUR e PPGAU-UFBA, 2019.

RIVERA CUSICANQUI, Silvia; BARBER, Kattalin. **Feminismo Poscolonial**. Silvia Rivera Cusicanqui: “Tenemos que producir pensamiento a partir de lo cotidiano”, El Salto, 17 fev. 2019. Disponível em: <https://www.elsaltodiario.com/feminismo-poscolonial/silvia-rivera-cusicanqui-producir-pensamiento-cotidiano-pensamiento-indigena>. Acesso em: 28 jan. 2020.

RIVERA CUSICANQUI, Silvia. **Un mundo Ch`ixi es posible: desde un presente en crisis**. 1. ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Tinta Limón, 2018.

RODRIGUES, João Barbosa. **Mbaé Kaá : o que tem na mata : Tapuiyeta Enoyndaú : a botânica nomenclatura indígena**. 2 ed. Rio de Janeiro: Dantes, 2018.

RODRIGUES, Zara Pereira. **Histórias de Valéria: fragmentos de memória e imaginação**. 2020. Trabalho Final de Graduação (Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2020.

ROJAS, Lucía Egaña. **Metodologias Subnormales**. Disponível em: http://www.bibliotecafragmentada.org/wpcontent/uploads/2012/12/EGANA_Lucia_Metodologias-subnormales.pdf. Acesso em: 19 mai. 2021.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: veredas**. 19 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

SANTOS, Antonio Bispo. Somos da terra. **PISEAGRAMA**, Belo Horizonte, n. 12, p. 44-51, ago. 2018.

- SATO, Danilo Pereira. Da cidade sustentável à periferia multiespécie. In: BAQUERO, Oswaldo Santos; PEÇANHA, Érica (Org.). **Comunidades e famílias multiespécies: aportes à saúde única em periferias**. São Paulo: Editora Amavisse, 2021. p. 118-130.
- SCARANO, Fábio Rubio. **Regenerantes de Gaia**. Rio de Janeiro: Dantes Editora, 2019.
- SIMONE, Abdoumalig. People as infrastructure: intersecting fragments in Johannesburg. **Public Culture**, online, n. 16, v. 3, p. 407-429, 2004.
- SIQUEIRA JÚNIOR, Gabriel Castro; GONÇALVES, Bruno Simões; DOS SANTOS, Alessandro de Oliveira. O caráter multiespécie e multidimensional das noções de bem viver latino-americanas. In: BAQUERO, Oswaldo Santos; PEÇANHA, Érica (Org.). **Comunidades e famílias multiespécies: aportes à saúde única em periferias**. São Paulo: Editora Amavisse, 2021. p. 305-328.
- VIANA, Mailson Furtado. **À cidade**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2017.
- VIEIRA JÚNIOR, Itamar. Torto Arado. São Paulo: Todavia, 2019.
- XAKRIABÁ, Célia. Amansar o giz. **PISEAGRAMA**, Belo Horizonte, n. 14, p. 110-117, jul. 2020a.
- XAKRIABÁ, Célia. Corpo-território. In: GOMES, Ana Maria et al (Org.). **Mundos Indígenas**. Belo Horizonte: Espaço do Conhecimento UFMG, 2020b.
- WALSH, Catherine (Org.). **Pedagogías decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir**. Tomo II. Quito: Ediciones Abya-Yala, 2017.
- WEIL, Simone. O enraizamento. In: BOSI, Ecléa (org.). **A condição operária e outros estudos sobre a opressão**. 2.ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1996. p. 411-412.

VOZES
índice remissivo

voz de Urçula, minha vó a bença minha vó	6
minha voz raras vezes a teoria é fruto de um processo individual	22
voz de Aleida Batistoti a saliva da fala	28
vozes de Isael e Sueli Maxacali cercados	32
voz de Silvia Rivera Cusicanqui abundância de vida	39
voz de Urçula, minha vó nos serviço de tear	54
voz de Luzia, minha mãe tua mãe sabe cumae	61
voz de Sued Nunes povoada	74
voz de Urçula, minha vó fazeres das mãos	78
vozes de tecelãs do Jequitinhonha artesãs do sertão de minas	79
canto dum sabiá laranjeira os sons vão mudando com as estação	86
voz de Luzia, minha mãe cuidado da menina e da casa	97
voz de Lumena Adad tudo com tempo tem tempo	106
voz de Victor Ferreira aquilo que rege e abre caminho	109
voz de Caio Silva riscos	118
voz de Keylane Dias a universidade é ferramenta	120
voz de Jorge Drexler tinta y tiempo	129
voz de Vitória Maria lembro porque não sou capaz de esquecer	132



acesse todas as vozes aqui | <https://on.soundcloud.com/iyKuC>